

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

THAUANA SANTOS DE ARAÚJO

**SOBRE A TEORIA DA AGRESSÃO EM GESTALT-TERAPIA: REFLEXÕES
EPISTEMOLÓGICAS E HISTÓRICAS**

CURITIBA

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

THAUANA SANTOS DE ARAÚJO

**SOBRE A TEORIA DA AGRESSÃO EM GESTALT-TERAPIA: REFLEXÕES
EPISTEMOLÓGICAS E HISTÓRICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Furtado
Holanda
Linha de pesquisa: Psicologia Clínica

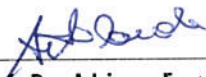
CURITIBA
2017




THAUANA SANTOS DE ARAÚJO

**"SOBRE A TEORIA DA AGRESSÃO EM GESTALT-TERAPIA:
REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS E HISTÓRICAS."**

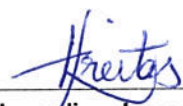
Dissertação apresentada como requisito obrigatório para a obtenção do Título de **MESTRE EM PSICOLOGIA**, pelo Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Psicologia, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR – Universidade Federal do Paraná, e APROVADA (aprovada/reprovada) pela Banca Avaliadora abaixo assinada.



Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda
Universidade Federal do Paraná
Professor Orientador



Prof.ª Dr.ª Adelmá do Socorro Gonçalves Pimentel
Universidade Federal do Paraná
Professora Titular



Prof.ª Dr.ª Joanneliese Lucas de Freitas
Universidade Federal do Paraná
Professora Titular

Curitiba, 22 de fevereiro de 2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda (Orientador)

(Universidade Federal do Paraná – UFPR)

Profa. Dra. Joanneliese de Lucas Freitas

(Universidade Federal do Paraná – UFPR)

Profa. Dra. Adelma Pimentel

(Universidade Federal do Pará – UFPA)

Prof. Dr. Carlos Augusto Serbena - Suplente

(Universidade Federal do Paraná – UFPR)

CURITIBA

2017

Aos meus pais, que sempre me cuidaram e me apoiaram, com muito carinho, nas minhas escolhas.

Agradecimentos

Aos meus pais, meus mentores, Amada e Anderson, e também ao meu irmão, Maurício, por todo o amor incondicional a mim dedicado, pelo incentivo, pelo apoio, pela torcida e por acreditarem piamente, mais do que eu, que sou capaz de fazer qualquer coisa nessa vida! Ao meu sobrinho de um ano, Benício Araújo, por ter me dado mais uma razão de viver nesse último ano e muitos momentos de *fofura*! Amo muito vocês!

À minha gestalt-terapeuta, Valquíria A. A. M. Pereira, com quem tive o primeiro contato com a Gestalt-terapia, o que me levou, por observar o impacto na minha vida, a entrar na faculdade de Psicologia apaixonada pela Gestalt-terapia, a querer me aprofundar na área e a querer passar aos meus clientes todo cuidado e amor que minha psicóloga e essa abordagem me proporcionaram.

Ao Prof. Adriano, pessoa e profissional por quem tenho profunda admiração! Seu modo humano e amigo de se relacionar com seus orientandos, inclusive para brigar e criticar, sem perder o profissionalismo, é sua grande característica! Com ele, aprendi a pesquisar e a acreditar mais em mim. Agradeço profundamente a oportunidade, o cuidado e os “puxões de orelha” ao longo desse caminho tão difícil que é o mestrado!

Aos meus queridos amigos de longa data e aos mais recentes, aos que são família de fato e aos que são família de coração, agradeço a parceria, o carinho e os momentos de espaiamento. Em especial: Tatiana Athayde, Ane Silveira, Lígia Vargas, Beatriz Vargas, Fernanda Elias, Andreia Porto, Camila Chudek, Daniel Silva, Diego Mendonça, Pedro Tizo. A amizade de vocês não tem preço!

Em especial, ao Lázaro Nascimento, meu amigo e grande incentivador, que me acompanhou e ajudou desde o processo de seleção; à Jennifer Moreira, amiga que fiz no mestrado, pela parceria e pelo compartilhamento das angústias vividas ao longo dessa jornada; à Maria Fumaneri, com quem pude contar tanto com assuntos relacionados à dissertação em si quanto com palavras de força e empatia de quem viveu esse processo; a Ewerton Kaviski que, sem nem me conhecer, torceu e despendeu tempo para conferir meu projeto na primeira vez que tentei o mestrado. MUITÍSSIMO obrigada!

À Universidade Tuiuti do Paraná, onde tenho orgulho de ter me formado, onde somos uma família, onde aprendemos a ser profissionais e humanos, e onde meus amados mestres que me formaram psicóloga estão! À Sandra Mara Carvalho, de quem adquiri conhecimento na minha formação em Gestalt-terapia no IPG e com quem sinto que posso contar nesse árduo caminho de tentar me estabelecer na profissão que escolhi.

Aos meus clientes, que me ajudam mais do que imaginam como profissional e como pessoa, que me proporcionam muito autoconhecimento e sensibilidade, meu muito obrigada!!!

Resumo

O estudo do tema da agressão dental na Gestalt-terapia (GT) é pouco comum, pois a teoria da agressão é apresentada de forma confusa nas obras de Fritz Perls, o que torna a pesquisa em cima dessa temática pouco conclusiva e um desafio. A presente pesquisa visou ao estudo dessa teoria, discutindo o significado do tema e suas origens a partir das obras de Fritz Perls e de Laura Perls, das obras de Freud pertinentes à investigação das origens da teoria, de outras produções não psicanalíticas, e também a partir de discussões realizadas na GT brasileira e americana. Objetivou-se: resgatar as origens do conceito, cujas raízes encontram-se principalmente na psicanálise freudiana, averiguação esta que permitiu observar uma ausência de clareza na leitura de Fritz Perls sobre o tema da agressão em Freud, laços frouxos entre essa teoria e sua fonte na psicanálise e certa negligência para com Laura Perls na formulação da teoria da agressão e para com outras fontes não psicanalíticas na origem da teoria; verificar o significado da noção de “agressão” para Fritz Perls, o que se bifurcou no estudo dos dois tipos de agressão – dental e hostil – discutidos em suas obras. Nessa verificação observou-se, ainda, que a temática da agressão vai enfraquecendo ao longo das obras, e que a teoria da agressão é desenvolvida de forma pouco nítida, especialmente no que tange à relação entre agressão dental e hostil, embora tenha ficado claro o papel da agressão, para Fritz, enquanto função biológica necessária à preservação da vida em sentido biológico e vivencial, sendo a mediadora do contato com o meio; traçar uma discussão da literatura brasileira e estrangeira de GT, discussão essa que evidenciou que o debate na literatura utilizada igualmente orbitou em torno das lacunas presentes na relação entre a agressão dental e a agressão hostil, a partir do que pôde-se perceber que há uma compreensão comum à comunidade gestáltica da agressão como função biológica e como contato, enfatizando seu papel positivo. Contudo, na literatura estrangeira, notadamente mais avançada, os estudos conduzem mais ao campo da agressão hostil e à análise de sua positividade e negatividade, ao passo que a agressão dental permanece no limbo. Com isso, concluiu-se que o assunto merece maior destaque e pesquisas, somado ao fato de que não foram encontrados trabalhos que buscaram reprovar ou aprovar a teoria da agressão dental, e na clínica restou a dúvida sobre se é positivo ou não frustrar a expressão agressiva do cliente. As análises das obras de Fritz foram feitas a partir da leitura cronológica das suas quatro produções (a obra *Gestalt-terapia explicada* não foi incluída por não abarcar a matéria em exame) que contemplam a referida teoria, e de um capítulo sobre agressão constante em uma obra de John Stevens.

Palavras-Chave: Agressão dental; Agressão hostil; Gestalt-terapia brasileira; Gestalt-terapia americana; Psicanálise; Clínica.

Abstract

The study of the subject of dental aggression in Gestalt-therapy (GT) is uncommon, since the theory of aggression is presented in a confusing way in the works of Fritz Perls, which makes the research on this subject very inconclusive and a challenge. The present research aimed at the study of this theory, discussing the meaning of the theme and its origins from the works of Fritz Perls and Laura Perls, from Freud's works pertinent to the investigation of the origins of the theory, other non-psychoanalytic productions, and also from the Brazilian and American GT. The aim of this study was to recover the origins of the concept, whose roots are found mainly in Freudian psychoanalysis, which allowed us to observe an absence of clarity in Fritz Perls's reading on the subject of aggression in Freud, loose ties between this theory and its source in psychoanalysis and a certain negligence towards Laura Perls in the formulation of the theory of aggression and towards other non-psychoanalytic sources in the origin of the theory; the objective was also to verify the meaning of the notion of "aggression" for Fritz Perls, which bifurcated in the study of the two types of aggression - dental and hostile - discussed in his works. In this verification, it was also observed that the issue of aggression is weakening throughout the works, and that the theory of aggression is developed in a rather unclear way, especially regarding the relationship between dental and hostile aggression, although it has become clear the role of aggression, for Fritz, as a biological function necessary for the preservation of life in a biological and experiential sense, being the mediator of contact with the environment; Another objective was to draw a discussion of the Brazilian and foreign literature of GT, a discussion that evidenced that the debate in the literature used also orbited around the gaps in the relationship between dental aggression and hostile aggression, from which one could perceive that there is a common understanding of the Gestalt community of aggression as a biological function and as a contact, emphasizing its positive role. However, in foreign literature, notably more advanced, the studies lead more to the field of hostile aggression and the analysis of its positivity and negativity, while the dental aggression remains in limbo. Therefore, it was concluded that the subject deserves greater prominence and research, added to the fact that no studies were found that sought to disapprove or approve the theory of dental aggression, and in the clinic context remained the doubt as to whether it is positive or not to frustrate the expression of the aggressive behavior of the client. The analyzes of the works of Fritz were made from the chronological reading of his four productions (the work *Gestalt Therapy Verbatim* was not included because it does not include the subject under examination) that contemplate the said theory, and of a chapter about aggression present in John Stevens' work.

Keywords: Dental aggression; Hostile aggression; Brazilian Gestalt-therapy; American Gestalt-therapy; Psychoanalysis; Clinic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
<u>CAPÍTULO 1.....</u>	11
As origens do conceito de agressão na Gestalt-terapia: psicanálise e clínica.....	11
Introdução.....	12
Delimitação do Tema.....	12
A Posição da Questão.....	13
Considerações Finais.....	32
Referências.....	33
<u>CAPÍTULO 2.....</u>	37
Uma leitura da agressão nas obras de Fritz Perls.....	37
Introdução.....	37
O Tema “Agressão” nas Obras de Fritz Perls.....	39
Considerações Finais.....	56
Referências.....	58
<u>CAPÍTULO 3.....</u>	60
Reflexões acerca da Teoria da Agressão na Gestalt-terapia: uma revisão da literatura.....	60
Introdução.....	61
1. Posição do Problema.....	62
2. Sobre o Tema da Agressão.....	64
2.1. A Teoria da Agressão segundo Fritz Perls.....	64
2.2. Repercussões sobre a Noção de <i>Agressão</i> no Brasil e nos EUA.....	65
2.2.1. Na Literatura Brasileira.....	65
2.2.2. Na Literatura Estrangeira.....	68
Considerações Finais.....	77
Referências.....	78
REFLEXÕES FINAIS SOBRE UMA <i>GESTALT</i> QUE SEGUE ABERTA.....	82
REFERÊNCIAS GERAIS.....	84

INTRODUÇÃO

A Teoria da Agressão Dental desenvolvida por Fritz Perls e Laura Perls foi postulada antes mesmo da consagração da Gestalt-terapia (GT) como abordagem independente, porém, não dispôs do mesmo tratamento e atenção dados a muitas das concepções mais fundamentais em GT. Nesse panorama, a presente pesquisa buscou visitar as origens do conceito, cuja semente encontra-se na psicanálise, a fim de melhor demarcar a ligação entre GT e psicanálise nesta seara; examinar o significado do conceito de agressão a partir das obras de Fritz, debatendo as confusões teóricas encontradas, especialmente as relativas à articulação entre agressão dental e agressão hostil – as duas formas de agressão exploradas por Fritz em seus textos; e expor e discutir os estudos que sucederam desde o nascimento da teoria na GT brasileira e estrangeira. Este trabalho, portanto, é de importância epistemológica e clínica para a GT.

O desejo inicial pelo estudo desse tema derivou do interesse da pesquisadora de saber se havia uma teoria da personalidade em GT, a fim de se aprofundar neste campo, ocasião que levou ao conhecimento da teoria da agressão e da falta de uma teoria da personalidade sistematizada na abordagem em tela. Por considerar intrigantes as premissas apontadas pela teoria da agressão, o interesse pelo estudo do tema tomou corpo e veio a se concretizar no mestrado.

Com base nisso, e visando investigar e percorrer os desdobramentos da teoria desde seu surgimento, é que a pesquisadora se propôs a escavar as origens do conceito, a apurar e apresentar suas imprecisões e também a examinar seu desenrolar na GT nacional e americana. Assim é que se chegou à construção de três artigos, os quais serão apresentados logo a seguir: 1) *As origens do conceito de agressão na Gestalt-terapia: psicanálise e clínica*; 2) *Uma leitura da agressão nas obras de Fritz Perls*; 3) *Reflexões acerca da Teoria da Agressão na Gestalt-terapia: uma revisão da literatura*.

CAPÍTULO 1

As origens do conceito de agressão na Gestalt-terapia: psicanálise e clínica

The origins of the aggression concept in Gestalt-therapy: psychoanalysis and clinic.

Los orígenes de lo concepto de la agresión en terapia Gestalt: psicoanálisis y clínica.

Resumo: Esta pesquisa visou ao estudo da Teoria da Agressão Dental no sistema teórico gestáltico, discutindo o significado do tema e suas origens, trabalho de importância epistemológica para a Gestalt-terapia (GT). O tema da agressão dental foi desenvolvido por Fritz Perls e Laura Perls, fruto de um trabalho desta de observação de crianças em período de transição da sucção para a fase de mordedura. Destarte, objetivou-se resgatar as origens do conceito, que remonta às primeiras experiências com a psicanálise, pois o casal Perls exercia esta prática à época. Pretendeu-se contribuir para melhor estabelecer o elo entre a GT e a psicanálise no que tange à agressão dental, a qual permite ao homem se colocar no mundo e discernir o que lhe serve e o que não lhe serve. Foi feito um levantamento bibliográfico sobre o tema para a seleção das fontes primárias – as obras de Fritz, de Freud e de Laura – e secundárias pertinentes. Evidenciou-se imprecisões na leitura de Fritz Perls sobre o tema da agressão em Freud, ausência de um elo claro entre essa teoria e sua fonte na psicanálise, descaso para com Laura Perls na formulação da teoria da agressão e outras fontes não psicanalíticas na origem da teoria.

Palavras-Chave: Gestalt-Terapia; Agressão; Psicanálise; Epistemologia.

Abstract: This research aims at the study of the Theory of Dental Aggression in Gestalt therapy (GT), discussing the meaning of the theme and its origins, work of epistemological importance. The subject of dental aggression was developed by Fritz Perls and Laura Perls, the result of her work of observation of children in the period of transition from suction to the bite phase. The objective was to recover the origins of the concept, which goes back to the first experiences with psychoanalysis, according to their practice back then. It was intended to contribute to better establish the link between GT and psychoanalysis in relation to dental aggression, which allows man to put himself in the world and discern what serves him and what doesn't. A bibliographical survey was made on the theme for the selection of primary sources - the works of Fritz, Freud and Laura - and relevant secondary ones. There was an imprecise reading of Fritz Perls on the subject of aggression in Freud, absence of a clear link between this theory and its source in psychoanalysis, disregard for Laura Perls in the formulation of the theory of aggression and other non-psychoanalytic sources in the origin of theory.

Keywords: Gestalt-Therapy; Aggression; Psychoanalysis; Epistemology.

Resumen: Esta investigación tuvo como objetivo estudiar la Teoría de la Agresión Dental en la Terapia Gestalt (GT), discutiendo el significado del tema y sus orígenes, trabajo de importancia epistemológica. El tema de la agresión dental fue desarrollado por Fritz Perls y Laura Perls, resultado de un trabajo de ella de observación de los niños en el período de transición de succión a la fase de morder. El objetivo fue rescatar a los orígenes del concepto, que se remonta a psicoanálisis, con lo que ellos trabajaban. Hube la intención de contribuir a establecer mejor la relación entre el GT y el psicoanálisis en relación con la agresión dental, que permite al hombre se poner a sí en el mundo y discernir lo que sirve y lo que no. Se hizo una selección de las fuentes primarias - las obras de Fritz, Freud y Laura - y secundarias correspondientes. Imprecisiones se hicieron evidentes con la lectura de Fritz Perls en el tema de la agresión en Freud, se observó la ausencia de un vínculo claro entre esta teoría y su fuente en el psicoanálisis, se observó descuido con la contribución de Laura Perls en la formulación de la teoría de la agresión y también se encontró otras fuentes no psicoanalíticas en el origen de la teoría.

Palavras-Clave: Gestalt-Terapia; Agresión; Psicoanálisis; Epistemología.

Introdução

Uma abordagem sólida se constrói por diversos caminhos, e seus alicerces devem se estabelecer a partir de discussões epistemológicas, delimitando seu valor objetivo (Jolivet, 1975), e buscando uma crítica de seus fundamentos (Japiassu & Marcondes, 1990). Nesta direção, pode-se considerar que houve um incremento na produção brasileira cuja preocupação centra suas atenções sobre questões epistemológicas e filosóficas envolvendo a abordagem gestáltica. Isto se observa a partir dos levantamentos feitos por Holanda e Karwowski (2004) e Holanda (2009) sobre as produções de mestrado e doutorado em Gestalt-terapia (GT) no Brasil, o que assinala ainda a elevação do número de produções acadêmicas nesse sentido, na busca de dar mais consistência à GT e de reverter a fama de abordagem “ateórica”, voltada somente para a prática de vivências.

Na esteira desses acontecimentos, parece possível supor que o conceito de *agressão* tal qual pensado pelo casal Perls igualmente foi esquecido – ou negligenciado – pela maior parte dos gestaltistas (Holanda, 2005; Staemmler, 2009). No balanço desse movimento de obstar à GT um posto acadêmico, muito se perdeu, como aludiu Laura Perls (1992/1994), e é justamente nessa perspectiva de resgate da fundamentação teórico-filosófica que a presente pesquisa encontra guarida.

Assim, a origem desse conceito basal, que fundamentou a primeira obra de Perls (1942/2002), será o objeto de estudo da presente pesquisa. Embora se tenha observado um aumento no número de pesquisas de cunho teórico e epistemológico segundo os levantamentos feitos pelos autores acima referidos, de 2008 para cá (tirar) apenas dois trabalhos referindo o tema da agressão foram encontrados (Fittipaldi, 2007; Helou, 2013) em uma verificação realizada em bases de dados abertas – Scielo, PePSIC e BVS – utilizando-se as palavras-chave “agressão e Gestalt”, “agressão e Gestalt-terapia” e “agressão e Perls”. Com relação às origens do conceito, um único artigo foi encontrado (Müller-Granzotto & Müller-Granzotto, 2007). Daí a importância epistemológica do presente estudo para a GT.

Delimitação do Tema

A agressão dental foi um dos temas que fundamentou a primeira obra de Fritz Perls (1942/2002), com contribuições de sua esposa Laura, colaboradora tanto na escrita do livro quanto na própria elaboração do conceito, oriundo de um trabalho seu de observação de crianças em período de transição da sucção para a fase de mordedura

(Perls, 1992/1994). Em sua primeira obra, na busca por revisar a psicanálise freudiana, Fritz, com base na teoria da agressão dental, esboça uma tentativa de desenvolvimento de uma teoria da personalidade. Objetiva-se, aqui, resgatar as origens do conceito, que remonta às suas primeiras experiências com a psicanálise, notadamente pelo fato de que tanto Fritz quanto Laura exerciam esta prática à época. Com isso, pretende-se contribuir para melhor estabelecer o elo entre a GT e a psicanálise com relação à agressão dental, que aponta para a atitude de se colocar no mundo e obter seu quinhão dele. Fritz Perls, partindo de Freud, aponta a zona oral como a principal região de base do desenvolvimento humano, onde a agressão dental vai se dar e se desenvolver, propiciando ao homem a capacidade de discernir o que lhe serve e o que não lhe serve.

A pesquisa, portanto, apresentará um apanhado geral das origens da teoria da agressão na psicanálise (da qual partem Fritz e Laura), e outras fontes, considerando-se as inúmeras influências que ambos sofreram ao longo de sua vida profissional e pessoal, tanto de cunho intelectual e acadêmico, quanto de cunho cultural e político.

Este trabalho consiste em um estudo teórico-conceitual, com base num levantamento bibliográfico sobre o tema para a seleção das fontes primárias – as obras de Fritz, de Freud e de Laura – e secundárias pertinentes, que foram lidas, fichadas e organizadas para a realização do texto. A busca resultou na utilização das seguintes obras e artigos como fontes primárias: 1) da psicanálise, *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (Freud, 1905/1996); *Os instintos e suas vicissitudes* (Freud, 1915/1996); *Além do Princípio de Prazer* (Freud, 1920/1996); *O Ego e o Id* (Freud, 1923/1996); *O Mal-Estar na Civilização* (Freud, 1930 [1929]/1996); *Conferência XXXII* (Freud, 1933a/1996); *Esboço de psicanálise* (Freud, 1940a [1938]/1996), selecionados a partir de um critério de temporalidade, pois antecedem *Ego, Fome e Agressão* (Perls, 1942/2002)] e relevância, por tratarem dos escritos que abarcam os estudos de Freud, anteriores a 1942, da sexualidade, das pulsões e da agressão propriamente dita (Strachey, 1996b); 2) textos relativos a Laura Perls (Perls, 1977; 1988; 1992/1994; Bernard, 1986); 3) e textos de Fritz Perls (1942/2002, 1951/1997, 1969/1979, 1973/2011, 1975/1977). Além destas, fontes secundárias foram consultadas e selecionadas na revista *Gestalt Review* e nas bases de dados Scielo, PePSIC e BVS.

A Posição da Questão

A importância de se adentrar na questão das origens reside, principalmente, na apropriação feita por Fritz desse conceito. À época em que lançou sua primeira obra,

Perls (1942/2002) ainda era psicanalista e visava, com esta produção, dar conta do que especifica no subtítulo do livro (*uma revisão da teoria e do método de Freud*), e não criar uma nova teoria. Pela leitura dessa obra, nota-se que sua teoria da agressão nasceu de uma tentativa de esboçar uma teoria da personalidade, o que torna um retorno a Freud imprescindível, com a diferença de que se aprofunda na fase oral e em suas resistências para balizar o desenvolvimento humano. Na transferência de foco do psíquico para o organísmico, Perls acaba por esboçar uma teoria da personalidade de cunho holístico, assunto fundamental da obra *Gestalt-terapia*, de 1951 (Perls, 1977; Ribeiro, 1985; Boris, 2002; Helou, 2015). Um trabalho sobre esse tema foi objeto de apresentação em palestra por ocasião do congresso de psicanálise, realizado na Checoslováquia, em 1936, a qual – segundo sua autobiografia – “ainda era escrita em termos freudianos” (Perls, 1969/1979, p. 50).

No prefácio à edição de 1969 da *Random House* – bastante posterior, portanto, ao original –, o próprio Fritz (Perls, 1942/2002) afirma que seu primeiro livro representa a transição da psicanálise ortodoxa para a GT. Joe Wyszog (2002) revela que as notas pessoais de Perls para uma parte não publicada da introdução para a edição de 1969 mostram que o projeto visava expor suas revisões da teoria freudiana e desenvolver suas habilidades em inglês. Há um consenso de que *Ego, Fome e Agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud* nasceu dessa palestra sobre “Resistências Oraís”, e que Laura Perls teve grande participação em sua produção (Tellegen, 1984; Loffredo, 1994; Perls, 1992/1994; Ginger & Ginger, 1995; Frazão, 1997, 2002; Gomes, 2001b; Helou, 2015). Kyian (2001) e Boris (2002) também compactuam desse entendimento de que a obra nasceu da palestra, mas não mencionam a participação de Laura.

Na introdução à Edição do *The Gestalt Journal*, From e Miller (1997) também relatam que o embrião da GT foi um artigo escrito por Perls por volta de 1930 (apresentado no congresso supracitado), no qual inferia que as “resistências” – o jeito psicológico de dizer não a si mesmo ou ao próximo – eram de origem oral; e apontam ainda que a relevância dessa consideração não é exatamente revolucionária, posto que se configurava numa pequena mudança em uma ênfase psicanalítica clássica (a psicanálise tradicionalmente outorgava a origem das resistências à região anal), embora seus desdobramentos tenham sido subversivos. Ambos enunciam que essa transição do anal para o oral abre margem para se dizer “não” tão livremente quanto se diz “sim”, para se rebelar tanto quanto se acomodar. A boca, o “lugar” do comer, de mastigar, degustar, o é também da linguagem e do amar. Expresso de outro modo, “um local de

encontro mais óbvio entre o indivíduo e o mundo” (From & Miller, 1997, p. 21). Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2007) e Helou (2015) igualmente frisam a inovação de Perls na exaltação da fase oral. Assim, para From e Miller, tanto quanto Freud, Fritz sustentou uma visão de natureza humana em que o indivíduo ainda estava preso a si próprio, ao desenvolvimento do seu organismo, e não em relação. Somente em Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997) que a GT amadureceu esse ponto, a partir da declaração de Paul Goodman de que a experiência se dá na fronteira entre organismo e meio, e que se fala de um organismo fazendo contato com o meio.

Fritz, em sua autobiografia (Perls, 1969/1979), constata que a palestra sofreu profunda desaprovação e que “o veredito ‘todas as resistências são anais’” (p. 51) o deixaram perplexo, e acrescenta: “(...) não percebi, na época, quão revolucionária era a palestra, e quanto ela balançaria e até mesmo invalidaria alguns fundamentos básicos da teoria do Mestre” (p. 51).

A difícil compreensão da obra e o exato recorte teórico feito por Perls acerca das teorias nas quais se baseia, seja para criticar, seja para incorporá-las, visando delinear novos contornos a elas a seu modo, deixam lacunas e dúvidas no arcabouço teórico da GT (Loffredo, 1994; Holanda, 2005; Müller-Granzotto & Müller-Granzotto, 2007; Staemmler, 2009; Helou, 2015). Em relação ao pensamento de Perls como psicanalista, Helou (2015) comunica que não há fontes suficientes de pesquisa – como livros ou artigos do próprio Perls do período em que ele ainda era psicanalista –, que elucidem o que ele sabia ou compreendia sobre a psicanálise. Igualmente, não há publicações psicanalíticas que mencionem Perls. Há insuficiências históricas por conta de sua personalidade (Kyian, 2001). Em relação à palestra, sabe-se apenas de sua apresentação no Congresso, cujos textos são inacessíveis (Helou, 2015), e que seu objetivo era mostrar que mesmo crianças em fase de crescimento da dentição já eram munidas de intencionalidade, isto é, de um ponto zero criativo que já guiaria a criança no meio, independentemente meramente de uma pulsão sexual (Müller-Granzotto e Müller-Granzotto, 2007). Frazão – em relato para a pesquisa de Gomes (2001b) – alerta que se esquece que Perls virou gestalt-terapeuta com mais de 50 anos de idade, e que o fato de ele ter sido psicanalista até essa idade denota no mínimo um razoável conhecimento sobre esta abordagem, sendo, portanto, de onde ele parte. Lembra, também, que a primeira geração de gestalt-terapeutas igualmente tinha uma vasta experiência com a psicanálise.

Para Laura Perls (1988, 1992/1994), a referida palestra, que compôs depois a seção “Metabolismo Mental” da obra de 1942, é oriunda de uma pesquisa que ela própria realizou quando do nascimento de sua filha Renate. Ela notou que o desmame ou era efetuado muito cedo ou muito tardiamente, e que a iniciação da alimentação infantil negligenciava a importância da mastigação, amadurecendo a ideia de que o começo da mastigação teria ligação com a aprendizagem do infante a respeito do processo de assimilação, antagônico ao processo de introjeção sem assimilação que ocorre de forma mais frequente e constante neste período de amamentação. Para ela, mastigar requer tempo, paciência e conscientização sobre o que está sendo mastigado, considerando o se alimentar um processo de consciência. Em entrevista a Bernard (1986), Laura informa que ela e Fritz começaram o livro de 1942 juntos, quando moravam na África do Sul; que estava a par de tudo no começo e que discutiam tudo juntos embora tenha deixado a maioria de sua produção para o marido, e que deixou escrito dois capítulos para o livro: “O complexo de fantoche” e “O significado da insônia”, como uma revisão da análise freudiana.

Laura Perls (1992/1994) admite ser o processo de alimentação e desmame uma das primeiras bases do pensamento psicanalítico clássico. Conta que Fritz estava no exército durante os anos que trabalharam em *Ego, Fome e Agressão*, e que Smuts, com o holismo, igualmente influenciou sobremaneira o pensamento de Fritz. Refere ainda que a exigência da paz se opõe a um dos mais vitais instintos do ser humano: a agressividade. Para ela, a agressividade é de imediato associada a ataque e destruição, sendo, por isso, censurada. Destaca que normalmente os adultos respondem a qualquer sinal de agressividade da criança com reprovação, e que, apesar da educação ao longo dos séculos frisar a censura à agressão, os resultados decepcionam.

Assim, ao ser privado de questionar os adultos, o infante se vê obrigado a engolir muitas coisas sem mordê-las, mastigá-las e digeri-las. Para Laura, essa relação não se trata de uma mera metáfora – o que Staemmler (2009) questionará mais tarde –, pois tanto a capacidade de realizar esses processos com o alimento físico quanto a capacidade de realizá-los com os alimentos intelectuais (como a capacidade de pensar, criticar, entender) são manifestações do mesmo instinto¹ agressivo. A experiência dos

¹ Embora não seja o objetivo travar uma discussão sobre os conceitos “instinto” e “pulsão”, faz-se mister tecer um breve comentário. Gomes (2001) afirma que as duas teorias de Freud das pulsões usam conceitos muito diversos. Na primeira teoria, as pulsões fundamentais eram as sexuais e as de autopreservação. Já na segunda, as pulsões de vida e de morte. Freud nunca usou o vocábulo instinto como alternativa ou sinônimo de pulsão, posto que, nas vezes em que fez uso dessa palavra, teve

psicanalistas demonstra que a coibição de uma dessas funções afeta as demais; e a repressão da agressividade individual pode resultar em aumento da agressividade universal, pois a comunidade buscará saídas para ela por outros meios. Por fim, Laura argumenta que a maneira como se come ensina como aprender e como fazer contato com o mundo de um modo geral. O bebê só é consciente nos momentos em que sente fome e por isso vivencia um incômodo. Ao se alimentar, reduz a tensão; e passa a fazer contato com o outro como tal a partir do nascimento dos dentes (Perls, 1992/1994).

Sobre a influência de Laura na elaboração das ideias de Perls, Gomes (2001b), ao falar sobre a obra de 1951, adverte que tanto esta, como toda a produção intelectual de Fritz, “conta com a inestimável colaboração de Laura, fato que ele jamais haveria de admitir. Goodman, após a sua morte, reconhece em Laura Perls o contraponto de Fritz. Ela organizava, pensava, articulava. Ele divulgava, demonstrava” (p. 41). Acrescenta a comentadora que se especula que os grandes escritos de GT são da autoria de Laura, e que está explicitado, na primeira publicação de *Ego, Fome e Agressão* (Perls, 1942/2002), os capítulos que escreveu, o que é posteriormente omitido em edição seguinte a pedido de Fritz. Todavia, Laura não estava preocupada em aparecer, “virou” dona de casa e bancou sua escolha de manter-se nos bastidores.

Perls revela em sua autobiografia que não leu toda a obra de Freud, mas não especifica o que exatamente não leu (Perls, 1969/1979). Mais precisamente, afirma que, no seu período exibicionista, fingia saber mais de Freud do que realmente sabia. Ao longo do seu primeiro livro, Perls (1942/2002) cita Freud e seu trabalho inúmeras vezes, e fala com propriedade de sua teoria, mas não informa suas fontes. Para Gomes (2001b), Fritz não conseguiu fazer uma distinção do que concordava e do que discordava na teoria freudiana. Encontramos apenas uma breve menção de Fritz à origem psicanalítica – ao menos em parte – do instinto de fome: “considero a análise do instinto de fome

significado diferente de seus dois conceitos de *trieb* (pulsão). Em contrapartida, Freud nunca se opôs às traduções de *trieb*, como sinônimo de instinto. Quando Freud usa especificamente a palavra instinto, o que não ocorre muito, segundo Gomes, ele está se referindo ao inato e hereditário, que independe da experiência individual, noção esta que não condiz com *pulsão* – posto que o objeto da pulsão é contingente –, embora remeta à força motriz, oposta à razão e à reflexão. Assim, no português, uma tradução aceitável seria “impulso”. Porém, há a desvantagem de não remeter ao somático, que era a ideia freudiana e, quando adjetivada para “impulsivo”, denota algo irrefletido. Assim sendo, a tradução mais recomendável é “pulsão”. Esta ocupou o lugar da palavra “instinto”, muito usada nas traduções francesas mais antigas, embora “instinto” ainda seja a tradução mais usual em inglês. Portanto, as forças de autopreservação são, para Freud, pulsões ao longo de toda sua obra (e não instintos). Logo, fome e sede são pulsões. Dessa forma, a pulsão agressiva, tomada como pulsão de domínio, pode ser pensada como autoconservação, ainda que muito ligada às pulsões sexuais. Laplanche e Pontalis (2001) definem instinto como um comportamento herdado de uma espécie animal, pouco variável de um indivíduo a outro, que se estende ao longo do tempo sem muitas alterações e que aparentemente serve a alguma finalidade.

como uma enteada da psicanálise, sem subestimar a importância da análise do instinto sexual” (Perls, 1942/2002, p. 283). Perls se dedicará, nesta obra, a desenvolver a teoria das funções dos instintos de autopreservação individuais, representados pelo atendimento das necessidades alimentares e pela autodefesa. Para ele, tais instintos tinham prioridade em relação ao instinto sexual, considerado por ele como um instinto de preservação da espécie.

Em *Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1996) explica que, na fase oral, os lábios do bebê representam a zona erógena correspondente, cuja satisfação, a princípio, pode ser associada com a necessidade de alimento, e que a atividade sexual se respalda, de início, numa das funções que servem à preservação da vida, alcançando independência em momento ulterior. Portanto, a necessidade de repetir a satisfação sexual desvincula-se da necessidade de absorção de alimento posteriormente, uma separação que se impõe inevitavelmente quando surgem os dentes e o alimento não é mais sugado, passando a ser mastigado. Sendo assim, na fase oral, atividade sexual e nutrição ainda não estão separadas, e o alvo sexual reside na *incorporação* do objeto, o que irá prestar um papel psíquico importante futuramente, por meio da *identificação* (como destaca Freud).

Strachey (1996b), Laplanche e Pontalis (2001) e Gomes (2001a) comentam que Freud quase não faz referência aos instintos de autopreservação, com exceção das menções que fez sobre a libido se ligar a eles nas primeiras fases do desenvolvimento. Em artigo sobre as perturbações psicogênicas da visão (de 1910), Freud, ao que parece, repentinamente, introduz a expressão “instintos do ego”, identificando-os com os instintos autopreservativos e com a função repressiva, a partir do que o conflito passa a ser considerado como se dando entre dois conjuntos de instintos: os da libido e os do ego. O ponto decisivo da classificação freudiana dos instintos ocorreu em *Além do Princípio do Prazer*. É nessa marcha de classificação dualista dos instintos que Freud vai chegar à hipótese do instinto de morte. Freud apresenta uma discussão posterior do assunto no capítulo IV de *O Ego e o Id* (1923b), retomando o tema minuciosamente no capítulo VI de *O Mal-Estar na Civilização* (1930a/1974), analisando neste último, pela primeira vez, com especial atenção, os instintos agressivos e destrutivos, trazendo-os como derivados do instinto de morte, não mais examinando-os, como fizera antes algumas poucas vezes, sob o enfoque da articulação do sadismo e do masoquismo com os componentes libidinais. Por fim, o assunto é revisado na segunda metade da

Conferência XXXII (1933a) e em um resumo final, no segundo capítulo, da obra póstuma *Esboço de Psicanálise* (1940a [1938]/1974) (Strachey, 1996b).

Em *Os instintos e suas vicissitudes*, Freud (1915/1996) vai dizer que o ego odeia, não tolera e persegue, “com intenção de destruir, todos os objetos que constituem uma fonte de sensação desagradável para ele, sem levar em conta que significam uma frustração quer da satisfação sexual, quer da satisfação das necessidades autopreservativas” (p. 142-143). Assim, o berço da relação de ódio não é sexual, mas sim a luta do ego para se preservar. O amor e o ódio, para Freud, nasceram de fontes diferentes: o amor se origina da satisfação auto-erótica do ego pela obtenção do prazer do órgão, nesse sentido, “amamos” o alimento que supre a necessidade do órgão/zona oral por comida, fornecendo-lhe prazer. O ódio é a expressão do desprazer provocado por objetos e, nesse sentido, sempre mantém uma relação com os instintos de autopreservação. Dessa forma, os instintos de autopreservação e os sexuais permanecem opostos na mesma medida que o são o amor e o ódio.

Em *Além do Princípio de Prazer*, Freud (1920/1996) sustenta que há na mente uma forte tendência no sentido do princípio de prazer e que, do ponto de vista da autopreservação do organismo, tal princípio se mostra ineficaz e até mesmo perigoso, sendo substituído pelo princípio de realidade por influência dos instintos de autopreservação do ego. O princípio de prazer não cessa, por muito tempo, de insistir em voltar ao comando, funcionando como o método empreendido pelos instintos sexuais, amiúde conseguindo vencer o princípio de realidade.

Freud (1920/1996) conceitua instinto como “*um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas*, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, (...)” (grifos do autor, p. 47), expressam a inércia inerente à vida orgânica. Quanto aos instintos sexuais, Freud assinala que são conservadores num nível mais alto por resistirem mais eficazmente a estímulos externos, além de preservarem a própria vida, ao que os denomina de “instintos de vida”. Nesse contexto, operam contra outros instintos que visam a morte, os quais trabalhariam para atingir o objetivo final do organismo (seu fim) e da vida mais rapidamente; os instintos sexuais opõem-se, portanto, aos instintos do ego. O instinto de morte e o instinto de vida teriam, ambos, algo de conservador: restabelecer o estado das coisas, voltar ao *status quo*. No caso do instinto de morte, um retorno a uma vida

inanimada; já o instinto de vida, com o surgimento dela, visaria sua continuidade. A vida em si seria, assim, um conflito e uma conciliação entre tais tendências.

Haveria, então, dois tipos de processos antagônicos atuando na substância viva, um em uma direção construtiva, de unificação (instintos de vida), e outro numa direção destrutiva (instintos de morte). Freud (1920/1996) finalmente define o dualismo entre instintos de vida *versus* instintos de morte; mas adverte que ambos os instintos estão associados desde o início, de modo que há um caráter libidinal, portanto, de vida, nos instintos de autoconservação. Partindo desse dualismo, aponta como outro exemplo de polaridades a oposição entre o amor (afeição) e o ódio (agressividade). Em síntese, para Freud ambos os instintos tinham natureza libidinal, todavia, haveriam outros instintos pertencentes ao ego que poderiam ser encontrados nos instintos destrutivos, daí a oposição instintos de vida e instintos de morte. De acordo com Laplanche (1985), verifica-se duas intenções na maneira como a pulsão de morte é descrita em *Além do princípio de prazer*: reafirmar o princípio econômico fundamental da psicanálise – a tendência ao zero; e conferir um estatuto metapsicológico às descobertas no campo da “agressividade” ou da “destrutibilidade”. Antes de 1920, a pulsão de agressão não aparece e mesmo o termo agressividade também quase não se vê.

Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2007) pontuam que, ao contrário de Freud, Perls não identifica essas orientações como pulsão de vida e pulsão de morte, preferindo denominá-las funções orgânicas, com suporte em Goldstein, e é por meio delas que os elementos materiais envolvidos na vivência atual, sejam eles do presente ou do passado, serão orientados para unificação ou destruição. Naquela, esses elementos são estabilizados na experiência, para conservação. Na destruição, são transcendidos como canais de abertura para o novo: o crescimento. Portanto, “Perls compreende as pulsões descritas por Freud como um fluxo de *awareness* ambíguo: ora em direção à conservação da experiência, ora em direção à sua transformação” (p. 53). As pulsões não seriam conteúdos arcaicos cujo destino é serem recuperados ou serem substituídos. Representariam o jeito ambíguo de nosso organismo funcionar. Em outras palavras, para assimilar o novo e se manter se modificando, se atualizando, o indivíduo deve destruir o velho. Perls, em seção não publicada do prefácio à edição de 1969 da *Random House* (Wulf, 1996), alude que uma nova abordagem do homem em sua saúde e situação emergiu, e que deixou de ser analista. Deixa claro que não concebia agressão como uma energia mística nascida de Thanatos, mas como uma ferramenta para a

sobrevivência, e que conceitos como reflexos (estímulo-resposta) e instintos como propriedades estáveis tornaram-se obsoletos.

Helou (2015) traz o conceito de metabolismo mental como uma grande inovação de Perls, embora o germe dessa inovação tenha sido a noção de trabalho psíquico de Freud. Perls desenvolve a hipótese de um trabalho organísmico por meio da assimilação mental de conteúdo interno e externo (percepções e sensações internas e as advindas da realidade). Fritz comunga da ideia de Freud de que a agressão é uma energia fundamental necessária à sobrevivência humana, chamando de “força biológica” (Perls, 1942/2002). Com a ação do ego por meio das forças agressivas, o material novo pode ser rejeitado ou assimilado para o crescimento da personalidade. Com isso, consoante Helou (2015), a proposta perlsiana – e, acrescente-se, de Laura também, inspirados em Smuts e Goldstein – aponta para o acréscimo de um aspecto saudável (de assimilação e rejeição) do trabalho de identificação do ego à concepção freudiana de introjeção (“não sadia”, para os Perls, pois envolve apenas engolir/incorporar sem seleção). Ainda na parte não publicada do mesmo prefácio, Fritz assevera que agressão insuficientemente aplicada na fase de entrada (fome) e desestruturação de alimentos mentais e físicos externos prejudica a maturação, e acrescenta que a ideia de assimilação enfraquece o modelo de Freud, especialmente a relação instintiva Super-Ego/Ego, e sua visão desigual da vida como a luta de Eros-Thanatos (Wulf, 1996). Esses processos de assimilação e rejeição delinearão os contornos da noção de autorregulação organísmica que será edificada na obra de 1951.

Segundo Staemmler (2009), Perls define a agressão como uma força positiva de vida relacionada com assimilação, e os termos associados (destruição, assimilação, crescimento) ilustram o contexto histórico no qual Fritz desenvolveu sua teoria: a tentativa de superar a visão negativa de Freud quanto à agressão, que a relacionava ao instinto de morte. Essa afirmação de Staemmler sobre a tentativa de superação de Fritz da teoria freudiana pode ser constatada pelo que o próprio Perls (1969/1979) afirma em sua produção biográfica: “O primeiro rompimento foi em 1936 (...). Eu queria impressionar com o meu voo e com uma palestra que transcendesse Freud” (p. 49-50).

Em *O Ego e o Id*, Freud (1923/1996) diz que os impulsos destrutivos, ao serem neutralizados em favor da vida, são desviados para o mundo externo com o auxílio dos músculos, de modo que a forma de expressão desse instinto de destruição seria pela destruição dirigida para o mundo e para outros seres. É graças a Eros que os instintos destrutivos são desviados do eu e lançados ao mundo externo. Dessa forma, tais

instintos em parte tornam-se inofensivos quando se fundem com componentes eróticos e, a outra parte, quando o componente erótico não consegue mantê-los unidos a ele, é desviada para o exterior sob a forma de agressividade. Freud destaca que, quanto mais um indivíduo controla sua agressividade contra o mundo exterior, mais agressivo ele se torna em seu ideal do ego, voltando a agressão para si. Assim como Perls acreditava que a atividade da agressão interna é necessária para um metabolismo saudável, ele também entendia que externalizar agressão contra a pessoa responsável pelo sentimento hostil é necessário para manter a saúde psicológica (Staemmler, 2009). Staemmler acrescenta ainda que, presumivelmente, essa concepção se baseia na ideia psicanalítica que sustentava que a energia devia ser descarregada antes que acumulasse e causasse danos. Destarte, em Perls, a solução para a agressão mal canalizada ou evoluída a um nível patológico seria sua saída biológica pela utilização dos dentes.

Já em *O mal-estar na civilização* (Freud, 1930/1996), o tema principal do livro, de acordo com Strachey (1996a), era justamente o conflito invariável entre as necessidades instintuais e as limitações da civilização. Em resumo, os pontos de vista freudianos sobre o instinto da agressão são complicados, e em todos os escritos iniciais de Freud esse instinto aparece sempre atrelado ao sadismo, colocando este como um elemento agressivo do instinto sexual que se torna independente e exacerbado, deslocando-se e assumindo posição de dominação. Strachey comenta que, somente posteriormente, Freud reconhece a independência original dos impulsos de agressão, e acrescenta que as fontes independentes deveriam advir dos instintos autopreservativos. Os impulsos de agressividade sempre pertenceram ao instinto autopreservativo na teoria freudiana, porém, como este encontrava-se agora incluso na libido, não havia porque depor a favor da independência do instinto agressivo. Somente após o surgimento do “instinto de morte” que um instinto agressivo, de fato autônomo, apareceu em *Além do Princípio de Prazer*. Por último, há uma carta na qual Freud parece aludir que no começo da vida toda a libido é voltada para o interior e toda agressividade para o mundo externo, e que, ao longo da vida, esse vetor paulatinamente mudaria e se daria o inverso. Entretanto, o próprio Freud pede cuidado na consideração dessa suposição e que suas observações do instinto de agressão necessitam de mais ponderações (Strachey, 1996a).

Nota-se, com isso, que a ideia de que a fonte da hostilidade é a repressão dos instintos não é perlsiana. Freud (1930/1996) coloca que os humanos carregam considerável carga de agressividade em seus instintos, completando que esta inclinação para a agressão é o que dificulta as relações interpessoais e leva a civilização a

desperdiçar tanta energia. A natureza do homem seria, portanto, agressiva. É de Freud também a afirmação de que a luta e a competição são indispensáveis, e que a civilização se preocupa pouco com a satisfação individual, tentando solapar, à custa do bem-estar individual, a agressividade humana. A agressividade, acrescenta Freud, constitui a base de toda relação de afeto e amor entre os indivíduos, e é também fonte de satisfação. A inibição da satisfação instintiva produz a agressão.

Na *Conferência XXXII*, Freud (1933a/1996) comenta que a teoria da libido (ou teoria dos instintos) é uma mitologia. Ele retoma e resume, fazendo um apanhado geral, toda essa teoria e parte do caminho percorrido para chegar até ela. Repete que o organismo está sob o comando da autopreservação e da preservação da espécie, as quais são independentes, não partilham da mesma origem e, não raras vezes, conflitam. Quando passam a dominar o cenário os impulsos sádicos e anais, em conexão com o surgimento dos dentes, o fortalecimento do aparelho muscular e o controle dos esfínteres, está em questão não somente a incorporação oral, o desejo de manter e de possuir, pois derivam, pela primeira vez, elementos da ambivalência (unir e possuir, mas também destruir e perder), que se tornam mais evidentes na fase sádico-anal. “A atividade de nutrição fornece as significações eletivas pelas quais se exprime e se organiza a relação de objeto; por exemplo, a relação de amor com a mãe será marcada pelas significações seguintes: comer, ser comido” (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 245). Por esse prisma, o ato de comer é uma destruição do objeto com o fim de incorporá-lo (engolir inteiro, introjetar), e o ato sexual visaria uma união (Freud, 1940a [1938]/1996).

Para Lobb (2015), a intuição de Fritz Perls no desenvolvimento infantil, que valoriza a desconstrução implícita no desenvolvimento dos dentes, é baseada em uma concepção da natureza humana como capaz de autorregulação, uma concepção positiva em comparação com a concepção mecanicista em vigor na virada do século XIX ao XX, impregnada na teoria freudiana. A capacidade da criança de morder apoia e acompanha sua capacidade de desconstruir a realidade. Essa força espontânea, positiva e agressiva tem uma função de sobrevivência, mas também de interligação social e permite ao indivíduo ativamente alcançar o que no ambiente pode satisfazer suas necessidades, desconstruindo-o de acordo com sua curiosidade. Ribeiro (1985) destaca que o que mais distingue a teoria freudiana da perlsiana é a visão de homem e de mundo de ambos, posto que aquela é mecanicista, biológica e psicodinâmica, enquanto que a visão gestáltica é humanística, existencial e fenomenológica.

Assim, a partir de uma noção nova e inovadora de ego – enquanto função e não enquanto instância psíquica (Perls, 1977) –, diversa da apresentada pela psicologia do ego americana, embora influenciada pela teoria de Karen Horney a respeito da lida do ego para com as forças ambientais e o papel destas na gênese da neurose, Perls, com amparo na autorregulação organísmica de Goldstein, explicitará as implicações advindas das dificuldades do ego de se conduzir no meio, ao que Perls chamará de ações de unificação ou destruição, que são a base do crescimento. O ego saudável é aquele que consegue exercer a função de identificação de assimilar ou rejeitar por meio das ações de unificação ou destruição (Helou, 2015).

Para Laplanche e Pontalis (2001), a psicanálise conferiu uma importância cada vez maior à agressividade, aludindo que esta opera desde cedo no desenvolvimento do homem e enfatizando o mecanismo complexo da sua fusão e da sua des fusão com a sexualidade. Os comentadores advertem que a noção de pulsão de morte não se refere meramente a um conglomerado indiscriminado de manifestações agressivas, comportando, outrossim, uma tendência para a diminuição irrestrita das tensões. Após 1920, o que se renova, portanto, é a ampliação do campo em que se reconhece a agressividade em ação. Ocorre que, ao localizar a pulsão de morte no próprio indivíduo, colocando a autoagressão como o próprio princípio da agressividade, Freud destrói a noção de agressividade descrita como modo de relação com outrem, violência exercida a alguém. A agressividade seria, dessa forma, uma força desorganizadora e fragmentadora. Esta concepção perde a conotação de hostilidade e passa a ser sinônimo de espírito empreendedor. Todavia, quanto à terminologia, em Freud encontra-se um só termo, *Aggression*, para denominar as agressões e a agressividade (Laplanche & Pontalis, 2001). Essa concepção e a consideração freudiana de agressão enquanto energia necessária à sobrevivência estão no bojo da ideia de agressão positiva de Perls.

Helou (2015) informa que é em 1925 que Fritz Perls tem seu primeiro contato com a psicanálise. Sua análise com Karen Horney despertou seu interesse pela psicanálise, cuja formação – que se deu em meio a muitos percalços, idas e vindas – iniciou no renomado Instituto de Psicanálise de Berlim, no qual Horney era secretária. Segundo Wulf (1996), Fritz e Laura Perls foram submetidos a treinamento psicanalítico primeiro em Berlim e depois em Frankfurt e Viena. Fritz começou com Karen Horney e depois prosseguiu com Wilhelm Reich, enquanto Frieda Fromm-Reichmann foi um dos analistas de treinamento de Laura. Karen Horney teve participação na criação do primeiro instituto de psicanálise, e sua trajetória teórica voltada para o culturalismo –

contrapondo-se ao universalismo freudiano –, para a autorrealização, para a reconstrução do *self* e para a autonomia do eu influenciou fortemente a Fritz (Wulf, 1996; Helou, 2015).

Horney (1936/2007) faz uma análise sobre os fatores culturais, considerando-os relevantes à estrutura das neuroses e na formação da personalidade, que Freud deixou de lado, posto que cultura seria o resultado de uma sublimação de impulsos sexuais e agressivos, o que seria, de acordo com Horney, uma crença em uma natureza humana biologicamente determinada. Horney contesta tal posicionamento colocando que achados históricos e antropológicos não endossam a afirmação de que o crescimento da civilização é diretamente proporcional ao crescimento da supressão dos instintos, e que a experiência clínica demonstra que a neurose não é fruto simplesmente da quantidade de supressão de um ou outro impulso instintivo, mas principalmente de dificuldades com relação às demandas que a cultura impõe aos indivíduos. Para Wulf (1996), essa visão orientada para as influências ambientais na gênese da neurose é também de Reich, tendo ambos sido responsáveis por essa mesma orientação em Fritz. Tais temas, e também a relação entre cultura e indivíduo como responsável por determinar saúde e doença, permeiam todo o caminho teórico e prático de Perls. Karen Horney (1936/2007) ficou conhecida por suas críticas a certos aspectos da teoria freudiana, especialmente no tocante à sua ortodoxia. Junto a Erich Fromm e Harry Stack Sullivan, formavam um grupo conhecido por aplicar conceitos sociais e culturais à psicanálise, denominado como “Neo-Freudianos” ou “Culturalistas”. Ela foi analista de Fritz Perls em 1926.

Em sua autobiografia, Perls (1969/1979) afirma que estava atraído pelo trabalho do neurologista Kurt Goldstein, pelos grupos existenciais e pela rica atmosfera cultural de Frankfurt, onde deu continuidade ao seu treinamento em psicanálise e, também, começou a trabalhar como neurologista junto a Goldstein e ao psicólogo da Gestalt Adhémar Gelb. Conforme Wulf (1996) e Helou (2015), esse foi o período de contatos de Fritz com o holismo de Smuts, com a Psicologia da Gestalt e com os estudos de Kurt Lewin. É a partir de uma releitura de Smuts e de Goldstein que Fritz formulará sua revisão da psicanálise. Foi também em Frankfurt, no Instituto de Goldstein, que Fritz e Lore Posner (futuramente Laura Perls) se conheceram. Essa mudança para Frankfurt, ainda, colocará Perls em contato com o pensamento político de esquerda inserido no meio psicanalítico (“esquerda freudiana”), e com os pesquisadores do Instituto de Pesquisa Social, que também trabalhavam em colaboração com o Instituto de Psicanálise de Frankfurt, apoiando-se não só na psicanálise, mas igualmente na

fenomenologia e no marxismo, resultando em contribuições que revolucionaram o panorama acadêmico do século XX e pavimentaram o terreno no qual Perls pôs em marcha suas postulações teóricas de 1942 (Helou, 2015).

Encaminhado por Clara Happel – discípula de Horney que vivia em Frankfurt – Perls, em 1927, muda-se para Viena para terminar a última fase de sua formação psicanalítica no Instituto Psicanalítico de Viena. Segundo Bocian (conforme citado por Helou, 2015), em virtude da programação, Perls frequentava seminários teóricos de nomes como Otto Fenichel, Anna Freud e Wilhelm Reich; o seminário *Análise Infantil* de Anna Freud aparentemente mobilizou Fritz a escrever sua primeira obra, que focalizava o ego. Anna, pioneira no assunto, não acreditava ser possível uma análise infantil focada no inconsciente pela falta de maturidade do superego. Fritz e Laura postulavam que a análise de crianças se dava por meio da utilização de atividades e da atuação como ferramentas para promover a expressão, daí a alegação de que Anna Freud inspirou Perls na elaboração do método em GT, um método ativo, criativo e experiencial. Depois de passar por outros analistas (Kyian, 2001; Helou, 2015) – Hélène Deutsch, Eugen Harnick e Wilhelm Reich – e prorrogar algumas vezes sua formação psicanalítica, Fritz a conclui na Holanda. Já na África, Perls se liga com temas que já lhe haviam despertado interesse, como o holismo de Smuts – que se pauta em ideias de Darwin, Bergson (a quem Fritz citava com frequência) e Einstein –, e estudos da semântica geral de Alfred Korzybski (Loffredo, 1994). Aliás, sua admiração por Smuts foi um dos motivos que o fez se mudar para este país. Perls alegava que o livro de Smuts era estudado pelos alunos de Goldstein, e que ele foi mais além do que este último. Smuts, inclusive, já propunha a ideia de introjeção como uma experiência de alguém aceita sem a devida assimilação (Ginger & Ginger, 1995; Wulf, 1996). O casal Perls funda, então, o Instituto de Psicanálise de Johannesburgo. Após a viagem para a Europa para apresentar seu trabalho no Congresso de 1936, a ruptura com a psicanálise, com a qual já vinha distanciando-se, inicia. Com isso, Perls passa a desenvolver melhor as ideias contidas no trabalho sobre as resistências orais e a encadeá-las com o que aprendera com Smuts e Goldstein, se reorientando para outra direção diferente da freudiana, como expressa em sua autobiografia (Perls, 1969/1979).

Na origem da GT, Wulf (1996) comenta que merece destaque a terapia de Otto Rank, pois era centrada na vontade e nas funções do ego como uma força organizadora autônoma dentro do indivíduo. Ele requeria ao cliente re-experimentar e repetir em vez de lembrar, o que inevitavelmente implica um papel ativo do terapeuta. Para Rank, a

terapia é o restabelecimento do significado no “aqui e agora”. Loffredo (1994) acrescenta que sua influência reside nas concepções em torno do processo de individuação, o qual é acompanhado do movimento de separação e união com o outro, que tem implicações. Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997) destacam os pressupostos de Rank sobre a criatividade enquanto instrumento de reintegração.

Para Loffredo (1994), há uma falta de uniformidade entre os autores que se propuseram a resgatar o quadro de influências que deram origem à GT, especialmente quanto às influências dos pós-freudianos. Contudo, a influência significativa de Reich é unânime, o que se percebe ao longo dos textos de Perls devido às diretas menções que faz a Reich. Em sua autobiografia, Perls (1969/1979) deixa claro que a obra *A análise do caráter* foi uma contribuição fundamental para ele; e, para Tellegen (1984), até mesmo o conceito de “retroflexão” de Perls remetia a uma retenção de impulsos via contração muscular. Contudo, alerta Loffredo (1994) que, antes mesmo das contribuições reichianas, a atenção da GT à percepção corporal deve ser creditada às experiências de Laura Perls com a dança moderna, aos seus estudos sobre movimento expressivo e criatividade e a sua atenção aos métodos de Alexander e Feldenkrais.

Diante de toda essa discussão, não seria exagero dizer que a GT é “filha” da psicanálise – mesmo que uma filha rebelde – expressão, ao menos de início, da forte revolta de Perls contra Freud. Foram vários os psicanalistas contestadores de Freud que influenciaram Perls e Laura, muitos com técnicas mais ativas e intervenções físicas. Fritz não desfrutou de uma experiência tradicional da psicanálise ortodoxa, de modo que suas críticas à psicanálise clássica devem ser situadas nesse contexto. Afora isso, Perls queria fortalecer e conferir uma identidade a seu método, daí seu foco nas diferenças e o reforço das fronteiras (Ginger & Ginger, 1995). Perls passara a dar mais importância às necessidades orais e de contato, uma vez que, para ele, estas se revelavam fundamentais à sobrevivência individual, e anteriores à pulsão sexual em si. Ginger e Ginger (1995) assinalam a impossibilidade de inserir a GT na abordagem psicanalítica por esta não atender às condições mínimas para tanto aventadas pelo próprio Freud, o que coloca Perls no rol dos dissidentes de Freud. Kyian (2001) assevera que Perls passou a atuar de maneira tal que não cabia mais à prática psicanalítica e seus pressupostos. Loffredo (1994) e Ginger e Ginger (1995) ainda apontam a influência de Ferenczi (com sua técnica ativa e suas intervenções físicas) sobre Fritz e Laura.

Nos EUA, Perls, que já estava distante da psicanálise freudiana, afastou-se ainda mais ao passar a frequentar os meios artísticos e intelectuais de esquerda do pós-guerra, voltando a se envolver com o teatro (Ginger & Ginger, 1995; Kyian, 2001). O desenvolvimento da psicanálise freudiana nos EUA se deu em meio a atritos que resultaram no neofreudismo, movimento que questionava importantes conceitos de Freud, como sexualidade, pulsão, recalque e transferência, bem como se opunha ao dogmatismo e universalismo freudianos. Foi nessa onda de dissidências que Fritz se instalou em Nova York. Sobre a que psicanálise exatamente Perls estava se reportando em suas críticas e à qual então estava afinado, Helou (2015) afirma que pouco se sabe a respeito. De acordo com Mayer (1986), Perls julgava suas ideias como uma revisão da psicanálise freudiana e da psicanálise como um todo, no compasso do movimento da segunda geração psicanalítica. Bocian (conforme citado por Helou, 2015) relata que Fritz se considerava um analista de caráter e se alinhou a um pequeno grupo psicanalítico freudiano de Berlim com inclinação política de esquerda, que procurava desenvolver uma psicanálise mais ativa e voltada para as emoções e para a crítica social. Ainda, seu alinhamento com Reich e com essa vertente política foram o gatilho para muitas complicações na vida de Perls, como a rejeição de sua palestra do Congresso de 1936.

Ser psicanalista revisionista significava voltar-se mais ao intersubjetivo, às relações de objeto (Helou, 2015). Em sua primeira obra, por exemplo, Perls não evoca os conceitos psicanalíticos de pulsão e inconsciente, focando no trabalho de mediação do ego, por meio do instinto agressivo, em relação ao ambiente, sem mencionar o âmbito inconsciente do ego proposto na segunda tópica freudiana. Contudo, revisões da teoria freudiana do Ego não eram prerrogativa de Perls na década de 1940. Por outro lado, Fritz pôs em curso um estudo do ego muito peculiar e próprio, diferente de outras correntes pós-freudianas e de outros movimentos psicanalíticos. Em que pese todo esse histórico psicanalítico do casal Perls, as interlocuções entre a psicanálise e a GT quando do nascimento desta ainda são obscuras, e um hiato nas raízes da GT permanece, o que resultou em apropriações teóricas inadequadas ao longo do tempo (Tellegen, 1984; Loffredo, 1994; Holanda, 2005; Helou, 2015). Vale ressaltar que há, até hoje, similaridades entre a GT e diversos pensamentos psicanalíticos, com raízes comuns no existencialismo e na fenomenologia.

De um modo geral, para Loffredo (1994), ancorada na linha de raciocínio de Marcuse, o fio condutor comum de divergência dos revisionistas de Freud era a atitude

deste de desconsiderar a relação com o meio na formulação das neuroses e na construção da personalidade.

Em resumo, Helou (2015) conclui que “os instintos de autoconservação de fome e defesa, estudados por Perls, têm como referência as pulsões de autoconservação freudianas” (p. 103). Perls (1942/2002), que contesta alguns pares de opostos apontados por Freud, rejeita o par de opostos “pulsão de vida” e “pulsão de morte” introduzido na segunda tópica freudiana. Em vista disso, Perls aparentemente parte dessa segunda tópica, pois a pulsão de vida seria a responsável por aglutinar as funções de autopreservação e as libidinais, e não reconhece as pulsões de morte (Helou, 2015). O conceito de necessidade também foi emprestado de Freud, com o qual este se remetia às pulsões de autopreservação, tal como Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997) reproduzem em *Gestalt-terapia*. Dessa forma, Perls tenta trocar o conceito de pulsão pelo de necessidade, mais simples e organísmico (Helou, 2015).

Segundo Ribeiro (1985), a influência de Reich em Perls é mais evidente do que a da psicanálise, especialmente pelo apelo ao corpo como expressão da realidade, o que também permeia toda a obra de Perls. Para Perls e Reich, o alívio de uma tensão muscular quase sempre proporciona a eclosão de angústia, ira ou excitação sexual, que são as três excitações básicas biológicas. Como a energia biológica domina o somático e também o psíquico, consideram que há uma unidade funcional na qual as leis biológicas podem ser aplicadas ao psíquico, mas não o contrário. Assim, há uma constante oscilação de tensão e alívio de tensão; a autorregulação elimina a luta contra o instinto, pois é compatível com os instintos naturais. Reich, também, vai refletir sobre o conflito entre sociedade e indivíduo e as implicações desse conflito para este.

Nas palavras de Suassuna e Holanda (2009), Fritz foi “analisando dos mais renomados psicanalistas da época, dentre eles, Karen Horney, Wilhelm Reich” (p. 11). Ou, como referiu Gomes (2001b), submeteu-se a processos de análise pessoal “num vasto e largo percurso, sempre acompanhado pelos melhores e mais famosos psicanalistas de sua época” (p. 37-38). Em sua autobiografia, Perls (1969/1979) menciona que Horney era uma das poucas pessoas em quem ele confiava, e com quem teve um envolvimento humano, e que de Reich extraiu ousadia; enquanto que seus outros analistas foram imitadores estúpidos falando mal das boas intenções de Freud (Wulf, 1996).

Helou (2015) também aponta a influência da filosofia nietzschiana em Perls que, timidamente, faz alusões ao filósofo em alguns dos seus escritos. De acordo com

Petzold (conforme citado por Loffredo, 1994), Friedlander, filósofo que influenciou sobremaneira Perls por meio da sua teoria da Indiferença Criativa, também escreveu sobre Nietzsche, especialmente sobre os aspectos dionísicos do pensamento dele, o que atingiu Fritz que, direta e indiretamente, igualmente visitou o pensamento de Nietzsche. Para o comentador, o ensino e a prática da GT são uma aplicação desses aspectos nietzschianos e da sua doutrina do super-homem. Nesta ocasião, Loffredo encoraja maiores investigações sobre as relações da GT com Nietzsche. Smith (2007) se dedica a apontar as semelhanças entre a teoria da agressão de Perls e o pensamento de Nietzsche argumentando com propriedade e ilustrando com muitos exemplos e passagens bem similares no legado de ambos, a fim de atribuir a origem dessa teoria ao filósofo. Segundo Smith, Nietzsche foi quem primeiro discutiu as desvantagens de se “engolir inteiro” e de se “engolir as palavras dos outros”, e o quanto essa atitude acaba por contribuir para a formação de uma confluência prejudicial. Assim, o ponto central da metáfora do comer seria de Nietzsche, tendo sido desenvolvida por Perls.

Goldstein (1951), que conforme dito anteriormente também está na raiz da teoria da agressão, ensina que um comportamento inter-relacional inerente ao homem é o fato de que a auto-atualização do indivíduo em seu meio social apenas se dará se ele usurpar a liberdade do outro, se reivindicar algo do outro, impondo-se a esse outro até certo ponto. O fato de que o indivíduo não existe sozinho e sim com outros, necessariamente aponta para a incompleta realização da natureza de cada indivíduo, e isso implica em impacto, antagonismo, conflito e competição com os demais. Portanto, é possível afirmar que a atividade de usurpar a liberdade alheia também pertence à natureza do homem. Assim, a autorrealização só pode ser alcançada mediante alguma renúncia por parte de um outro, e cada um deve requerer dos outros tal renúncia. Goldstein explica que esses dois tipos de comportamento – auto-restrição e usurpação – foram mencionados por McDougall sob as alcunhas de “submissão” e “agressão”, como duas “direções” básicas da natureza humana.

Em sua crítica geral da teoria das pulsões e instintos, esclarece Goldstein que não há razão para supor que tais pulsões são inerentes ao homem, tendo em vista que ambos os comportamentos não são tendências distintas e antagônicas que operam no ser humano. O homem não é nem agressivo, nem submisso por natureza. Ele é levado a atualizar-se e chegar a um acordo com seu meio. Ao fazê-lo, ele às vezes tem que ser submisso e, às vezes, agressivo, dependendo da situação. Nesse ponto, fica clara a influência de Goldstein em Fritz, que preconizou uma teoria do “não-instinto” (Perls,

1969/1979) – segundo Mayer (1986), a discordância de Perls da abordagem freudiana começa em relação à teoria dos instintos e da libido –, e a aplicação da energia agressiva a serviço da situação, isto é, o homem está em constante interação e atualização com seu meio (Perls, 1942/2002; 1951/1997). Desse modo, Goldstein considera a agressão enrijecida como um sintoma característico da neurose.

Se essa concepção da relação entre os indivíduos estiver correta, se todas as relações entre as pessoas são determinadas pela tendência de cada um para realizar-se, então é possível tirar a conclusão geral de que o indivíduo é primário (no sentido de principal, mais importante) em toda a organização social. Muitas vezes, o "nós", a relação entre o indivíduo e os outros é considerada o principal fator, e o comportamento do indivíduo é tomado como compreensível apenas em termos desse "nós". Com efeito, a suposição difundida é a de que a natureza não está interessada no indivíduo. Parece um desperdício de indivíduos não ter outro objetivo do que a perpetuação da espécie. Genérica como é, esta hipótese não é de forma alguma baseada em fatos. Em toda a natureza, deparamo-nos com indivíduos, tanto no reino do homem como no de animais e plantas. Essas reflexões de Goldstein, juntamente com as conclusões de Freud a respeito das consequências da supressão do individual na civilização, também podem estar no cerne da teoria da agressão, que igualmente reflete um caráter individual.

Goldstein, ainda, assevera que não há nada negativo na natureza, que esta é sempre positiva. Se o indivíduo é o elemento mais importante da natureza, o tempo presente passa a ser o centro de importância, pois o presente é sempre individual. O que se denomina como "espécie" nunca é presente; a espécie pertence ao passado ou ao futuro. A natureza em geral parece viver em apenas uma dimensão (o presente), a dimensão do concreto, do indivíduo. Só o ser humano e possivelmente alguns dos animais mais desenvolvidos vão além desta dimensão. Dessa forma, não seria precipitado supor que o foco de Perls na conservação do indivíduo e na agressão como positiva seja fruto dessas reflexões goldsteinianas também. Para Tellegen (1984), embora Perls fale que a interação organismo-meio deve ser tomada de modo plural (envolvendo aspectos físicos, biológicos, psicológicos e socioculturais do campo), geralmente ele acaba enfocando o que é biologicamente essencial, e o fato de ele utilizar metáforas digestivas e fisiológicas com frequência pode ser reflexo da grande influência de Goldstein no pensamento de Perls. A comentadora informa que se encontra, na GT, concepções de Goldstein a respeito de o organismo possuir um movimento natural para o crescimento e para a auto-atualização.

Considerações Finais

A partir de todo o exposto, pode-se concluir que a teoria da agressão, na GT, tenha sido idealizada por Laura Perls e desenvolvida por Fritz. Contudo, não parece justo deixar a impressão de que Fritz nada produziu e foi um mero divulgador do trabalho de Laura, que, por conta de sua escolha – “forçada” pelas circunstâncias, tais como o descaso de Perls para com a família, ou voluntária – de assumir a função materna e o lar, acabou também não se responsabilizando por assinar e desenvolver seus próprios estudos.

O pouco espaço dado a Laura no presente trabalho é reflexo do que se observa na própria literatura da GT. Perls, em seu texto biográfico (1969/1979), até menciona contribuições de Laura, mas não parece conferir a ela mais do que um papel secundário na fundação da abordagem. Gomes (2001b) também observou que Fritz mantém Laura em segundo plano e que há poucas produções em nome da co-criadora da GT, o que igualmente é reflexo, como aponta Loffredo (1994), do fato de Laura ter assinado poucas publicações e do fato de que Laura estava em Nova York quando a GT foi reconhecida como uma nova psicoterapia, na Califórnia, época em que Fritz era reconhecido como inventor dessa tradição teórica, fama que ele reforçava.

Em síntese, observa-se que as origens da teoria da agressão na GT estão intimamente entrelaçadas com a Psicanálise freudiana (principalmente a segunda tópica), com as pulsões de autoconservação e a dicotomia pulsões de vida *versus* pulsões de morte. Ademais, a complexidade da formulação dos Perls ainda agrega outras contribuições psicanaliticamente relacionadas, como as de Karen Horney, com seu conceito de ego; as de Wilhelm Reich e suas concepções de resistência e do conflito dos instintos com o meio (que diferia do conflito psíquico de Freud); e as de Anna Freud, por seu entendimento de ego ativo. Contudo, ainda associa conceitos derivados de outras fontes, como de Goldstein, com sua teoria organísmica e os construtos submissão x agressão; de Jan Smuts, com o holismo e a ideia de assimilação com crivo; e, finalmente, de Friedrich Nietzsche.

Notou-se a falta de um elo claro entre essa teoria e sua fonte na psicanálise e, também, certo descaso para com a real contribuição de Laura Perls e sua participação na formulação da teoria. Conforme destaca Helou (2015), inúmeros estudiosos da GT têm denunciado a necessidade de se circunscrever a influência da psicanálise na edificação do pensamento de Perls. Como visto, é de Freud a alegação de que a neurose resulta de um conflito entre indivíduo e sociedade, mas Fritz Perls inova ao colocar, em 1942, a

opressão da energia agressiva no âmago desse conflito, que estaria sendo deslocada de sua função biológica. Com isso, o foco do terapeuta seria a retomada das funções biológicas. Com a energia agressiva represada, o único caminho possível de realização seria a neurose, e a potência destruidora da agressão encontraria saída na violência. Porém, o próprio Perls parece deixar a teoria da agressão em segundo plano nas obras seguintes, numa descontinuidade teórica característica de suas obras, e passa a apostar na proposição ou desenvolvimento de outros construtos.

Helou (2015) questiona se a GT precisa de um conceito de personalidade, e informa que muitos grupos da abordagem em tela têm se voltado para o estudo da construção da identidade na criança e as implicações dessa fase. Para ela, seria interessante que a GT dialogasse com atuais estudos da psicanálise, da psicologia cognitiva e da neurociência nessa seara. Afirma, ainda, que a tentativa de Perls de, ao final de sua vida, resgatar suas obras sugere, em seu entendimento, que “nelas se encontravam, mesmo que sem articulação, estudos do desenvolvimento humano da personalidade em seus aspectos estruturais, processuais e funcionais” (p. 185); e que recuperar a origem teórica da escolha de Perls pela primazia do instinto de fome e defesa é relevante porque demonstra que Perls não rejeitou a sexualidade, mas sim estabeleceu uma hierarquia que determinou o foco de seu trabalho teórico e clínico.

Holanda (2005) já alertou sobre a não responsabilização dos gestaltistas por construírem conhecimento próprio. Acreditamos que a construção e sistematização de uma teoria própria do desenvolvimento da personalidade, com fulcro na teoria da agressão, certamente poderá enriquecer a GT e ampliar o interesse pela abordagem.

Referências

- Bernard, J. M. (1986). Laura Perls: from ground to figure. *Life Lines. Journal of Counseling and Development*. February, 64, 367-373.
- Boris, G.D.J.B. (2002). Sobre Fritz Perls e “Ego, Fome e Agressão”. Em F. S. Perls (1942/2002). *Ego, Fome e Agressão* (p. 19-28). São Paulo: Summus.
- Fittipaldi, A. Q. (2007). *Construindo uma cultura de paz: a abordagem gestáltica como um instrumento*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Brasília, Brasília.
- Frazão, L. M. (1997). Apresentação à edição brasileira. Em F. S. Perls; R. Hefferline; P. Goodman (1951/1997). *Gestalt-terapia* (p. 7-10). São Paulo: Summus.

- Frazão, L. M. (2002). Apresentação à edição brasileira. Em F. S. Perls. *Ego, Fome e Agressão* (p. 9-10). São Paulo: Summus.
- Freud, S. (1996). Além do princípio de prazer. Em *Além do princípio de prazer* (p. 11-75). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1920).
- Freud, S. (1996). Conferência XXXII: ansiedade e vida instintual. Em *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos* (p. 85-112). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1933a).
- Freud, S. (1996). Esboço de psicanálise. Em *Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos* (p. 151-222). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1940a [1938]).
- Freud, S. (1996). *O ego e o id* (p. 13-72). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1923).
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. Em *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (p. 65-147). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1930 [1929]).
- Freud, S. (1996). Os instintos e suas vicissitudes. Em *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos* (p. 115-144). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em *Um caso de histeria, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos* (p. 163-195). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1905).
- From, I. & Miller, M. V. (1997). Introdução à edição do *The Gestalt Journal*. Em F. S. Perls; R. Hefferline & P. Goodman. *Gestalt-terapia* (p. 15-29). São Paulo: Summus.
- Ginger, S. & Ginger, A. (1995). *Gestalt: uma terapia do contato*. São Paulo: Summus.
- Goldstein, K. (1951). *Human Nature: in the light of psychopathology*. Cambridge: Harvard University Press.
- Gomes, G. (2001a). Os dois conceitos freudianos de *Trieb*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, 17(3), 249-255.
- Gomes, P. W. (2001b). *Gestalt-terapia: herança em re-vista*. 123f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – UNICAP, Recife.
- Helou, F. (2013). *Frederick Perls, inquietações e travessias: da Psicanálise à Gestalt-terapia*. 144f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) - Universidade de Brasília, Brasília.

- Helou, F. (2015). *Frederick Perls, vida e obra: em busca da Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Holanda, A. F. (2005). Elementos de epistemologia da Gestalt-terapia. Em A. F. Holanda; N. J. Faria (Orgs.). *Gestalt-terapia e Contemporaneidade: contribuições para uma construção epistemológica da teoria e da prática gestáltica* (p. 23-55). Campinas: Livro Pleno.
- Holanda, A. F. (2009). Gestalt-terapia e abordagem gestáltica no Brasil: análise de mestrados e doutorados (1982-2008). *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9 (1), 98-123.
- Holanda, A. F. & Karwowski, S. L. (2004). Produção Acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de Mestrados e Doutorados. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 24(2), 60-71.
- Horney, K. (2007). Cultura e neurose. *Revista da Abordagem Gestáltica*, XIII (1), 147-159 (Originalmente publicado em 1936).
- Japiassu, H. & Marcondes, D. (1990). *Dicionário Básico de Filosofia*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Jolivet, R. (1975). *Vocabulário de Filosofia*, Rio de Janeiro: Agir.
- Kyian, A. M. M. (2001). *E a Gestalt emerge: vida e obra de Frederick Perls*. São Paulo: Altana.
- Laplanche, J. (1985). *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lobb, M. S. (2015). Fundamentals and development of Gestalt Therapy in the contemporary context. *Gestalt Review*, 19 (2), 1-24.
- Loffredo, A.M. (1994). *A Cara e o Rosto*. Ensaio sobre Gestalt Terapia. São Paulo: Escuta.
- Mayer, E. L. (1986). Frederick S. Perls e a Gestalt-terapia. Em J. Fadiman e R. Frager, *Teorias da Personalidade* (p. 125-148). São Paulo: Harbra.
- Müller-Granzotto, M. J. & Müller-Granzotto, R. L. (2007). Perls leitor de Freud, Goldstein e Friedlander e os primeiros ensaios em direção a uma psicoterapia gestáltica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 7(1), 42-55.
- Perls, F. S. (1977). Moral, Fronteira do Ego e Agressão. Em J. O. Stevens (org.). *Isto é Gestalt*. (p. 49-61). São Paulo: Summus. (Originalmente publicado em 1975).

- Perls, F. S. (1979). *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo*. São Paulo: Summus. (Originalmente publicado em 1969).
- Perls, F. S. (2002). *Ego, Fome e Agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud*. São Paulo: Summus. (Originalmente publicado em 1942).
- Perls, F. S. (2002). Prefácio à edição de 1969 da Random House. Em F. S. Perls. *Ego, Fome e Agressão* (p. 35-36). São Paulo: Summus.
- Perls, F. S. (2011). *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*. Rio de Janeiro: LTC. (Originalmente publicado em 1973).
- Perls, F. S.; Hefferline, R.; Goodman, P. (1997). *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus. (Originalmente publicado em 1951).
- Perls, L. (1977). *Entendidos e mal entendidos em Gestalt-terapia*. Conferência de Laura Perls no Congresso da Associação Europeia de Análise Transacional, Áustria.
- Perls, L. (1988). A conversation with Laura Perls. Em J. Wysong e E. Rosenfeld (Orgs.), *An oral history of Gestalt Therapy* (p.3-25). Gouldsboro, Maine, USA: The Gestalt Journal Press.
- Perls, L. (1994). *Vivendo en los límites*. Valencia: Promolibro. (Originalmente publicado em 1992).
- Ribeiro, J. P. (1985). *Gestalt-terapia: refazendo um caminho*. São Paulo: Summus.
- Smith, E. W. L. (2007). Gestalt Therapy and the Concretization of Nietzsche's Metaphor. *Gestalt Review*, 11(3), 207-216.
- Staemmler, F-M. (2009). *Aggression, Time, and Understanding: contributions to the evolution of Gestalt Therapy*. New York: Routledge.
- Strachey, J. (1996a). Nota do editor inglês. Em S. Freud, *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (p. 67-71). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1930).
- Strachey, J. (1996b). Nota do editor inglês. Em S. Freud, *Os instintos e suas vicissitudes* (p. 117-122). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1915).
- Suassuna, D. & Holanda, A. (2009). *"Histórias" da Gestalt-terapia no Brasil: um estudo historiográfico*. Curitiba: Juruá.
- Tellegen, T. A. (1984). *Gestalt e grupos*. São Paulo: Summus.
- Wulf, R. (1996). The Historical Roots of Gestalt Therapy Theory. *Gestalt Dialogue: Newsletter for the Integrative Gestalt Centre*, November, s/p.
- Wysong, J. (2002). Prefácio à edição do *The Gestalt Journal – 1992*. Em F. S. Perls, *Ego, Fome e Agressão* (p. 29-33). São Paulo: Summus.

CAPÍTULO 2

Uma leitura da agressão nas obras de Fritz Perls

A reading of the aggression in the works of Fritz Perls

Una lectura de la agresión en las obras de Fritz Perls

Resumo: Este artigo se propõe a analisar o significado da noção de “agressão” para Fritz Perls, a partir de suas obras, apresentando sua teoria com base nessas produções e discutindo a conexão dos dois modos de agressão – dental e hostil. Foi feita uma leitura da teoria da agressão com vistas a apresentá-la e a debater as ambiguidades do conceito. As fontes primárias são quatro das cinco produções de Perls (não consta a obra *Gestalt-terapia explicada* por esta não abranger, ao menos não diretamente, o tema da agressão) que abarcam a referida teoria, e um capítulo sobre agressão encontrado na obra de John Stevens. Evidenciou-se que o tema da agressão vai perdendo força ao longo das obras de Fritz e que sua exposição é confusa, bem como também é imprecisa e pouco clara a relação que faz entre agressão dental e hostil e a natureza biológica de ambas, especialmente da agressão hostil. Porém, concluiu-se também que agressão, para Fritz Perls, é uma função biológica e um instrumento que possibilita a própria preservação da vida em sentido biológico e existencial, e que regula o contato com o meio.

Palavras-Chave: Gestalt-Terapia; Agressão dental; Agressão hostil; Função biológica; Contato.

Abstract: This article aimed to analyze the meaning of the notion of "aggression" in Perls' understanding based on his works, presenting his theory based on these productions and discussing the connection between the two modes of aggression - dental and hostile - debated by Perls. A reading of the theory of aggression was made to presenting it and discussing the ambiguities of the concept. The primary sources were four of the five Perls productions (*Gestalt Therapy Verbatim* wasn't used because it doesn't encompass, at least not directly, the theme of aggression) that encompassed the said theory, and a chapter on aggression found in the work of Stevens (1975/1977). It has been pointed out that the theme of aggression was losing its force throughout Fritz's works and that his exposition is confusing, as well as the imprecise and unclear relationship between dental and hostile aggression and the biological nature of both, specially of hostile aggression. However, it was also concluded that Fritz Perls' aggression is a biological function and an instrument that enables the very preservation of life in a biological and existential sense, and which regulates contact with the environment.

Keywords: Gestalt-Therapy; Dental aggression; Hostile aggression; Biological function; Contact.

Resumen: Este artículo intentó analizar el significado del término "agresión" en la comprensión de Perls a partir de sus obras, presentando su teoría sobre la base de estas producciones y una discusión de la conexión de los dos modos de agresión - dentales y hostiles - debatidos por Perls. Se realizó una lectura de la teoría de la agresión con el fin de presentar y discutir la ambigüedad del concepto. Las fuentes primarias son cuatro de las cinco producciones de Perls (la obra *Gestalt Therapy Verbatim* no fue utilizada porque no cubre, al menos no directamente, el tema de la agresión) que adoptan esta teoría, y un capítulo sobre la agresión que se encuentra en la obra de Stevens (1975/1977). Se observó que el tema de la agresión pierde fuerza en los libros de Fritz y su presentación es confuso y también es imprecisa y poco clara la relación entre la agresión dental y hostil y la naturaleza biológica de ambas, especialmente de la agresión hostil. Pero también hay la conclusión de que agresión, para Fritz Perls, es una función biológica y un instrumento que permite la conservación de la vida en sentido biológico y existencial, y que ella regula el contacto con el medio ambiente.

Palabras-Clave: Gestalt-Terapia; Agresión dental; Agresión hostil; Función biológica; Contacto.

Introdução

O tema da *agressão*, trabalhado por Perls em suas obras, tem sido esquecido ou negligenciado pela comunidade gestáltica desde sua formulação (Holanda, 2005;

Staemmler, 2009). A Gestalt-terapia (GT), desde seu surgimento, encontrou dificuldades para se inserir na academia devido, dentre outras coisas, à demasiada ênfase que conferia às vivências e também em virtude da propagação de um discurso anti-intelectualista, que resultou no enfraquecimento da abordagem, particularmente no contexto acadêmico (Perls, 1992/1994). É no rastro desses acontecimentos que a presente pesquisa se justifica. A teoria da agressão envolve conceitos que fundamentaram a primeira obra de Perls (1942/2002), que ainda trabalhava com a psicanálise na época. A teoria é, portanto, anterior à própria GT, sendo o objetivo da presente pesquisa apresentar e realizar uma leitura dessa teoria, a partir das obras de Fritz Perls, lembrando que Laura Perls também colaborou com sua elaboração e desenvolvimento. Com relação àqueles conceitos, considerados fundamentais para a GT – como contato, ajustamento criativo, figura/fundo, conflito, vazio-fértil e *self* –, muitos são melhor desenvolvidos nos livros subsequentes, mas a teoria da agressão segue marginalizada. Além disso, há escassez de pesquisas sobre o tema no Brasil (Holanda, 2005, 2009), o que foi confirmado por levantamentos feitos em bases de dados abertas como Scielo, PePSIC e BVS, com as palavras-chave “agressão e Gestalt”, “agressão e Gestalt-terapia” e “agressão e Perls”.

Dessa forma, o conceito precisa ser melhor deslindado, ou melhor, faz-se mister uma discussão detalhada sobre o assunto considerando-se os postulados de Perls, com vistas a apresentar o conceito e debater suas ambiguidades, observadas pela leitura de suas obras. Tal discussão pauta-se tanto na exposição confusa desse tema que é basilar em Perls e, portanto, na GT, quanto em uma questão epistemológica. Em todas as obras, Perls faz uma miscelânea de teorias. Assim, a relevância deste estudo repousa no fato de que a pesquisa teórica favorece a reconstrução de teorias, revisões conceituais e, ainda, pode facilitar intervenções na realidade (Demo, 2000). Em outras palavras, pode ampliar os horizontes tanto para o campo da prática quanto para o campo teórico e epistemológico.

Em *Ego, Fome e Agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud*, Perls (1942/2002) vai trabalhar a questão das “resistências orais”, núcleo desta obra, e o berço do conceito da agressão. Fritz, fiel à sua visão holística, que considera o organismo um todo indivisível, equipara o processo biológico da fome e da alimentação aos processos mentais, ao que denomina de “metabolismo mental”. Perls avalia a ingestão de alimentos desde a alimentação do embrião até a mastigação completa, delineando estágios do desenvolvimento do instinto de fome e seus correspondentes psicológicos,

categorizando-os como: pré-natal (antes do nascimento), pré-dental (aleitamento), incisivo (mordedura) e molar (mordedura e mastigação). Com base nesses estágios é que vai apresentar as resistências orais que irão fundamentar a concepção de processos mentais não sádios, como introjeção, narcisismo e retroflexão.

O ponto de maior confusão teórica que será focado aqui é o fato de Perls apontar dois significados diferentes para o mesmo termo “agressão”, que ora aparece vinculado à agressão dental, ora à agressão no sentido popular do termo, ou seja, com a conotação de hostilidade (agressividade). Ambos os significados serão definidos posteriormente. Portanto, este trabalho aponta como problema de pesquisa: o que significa a agressão para Fritz Perls?

Em suma, o objetivo deste trabalho é analisar o significado da noção de “agressão” no pensamento de Perls a partir de suas obras, apresentando sua teoria a partir dessas produções, e discutir a articulação dos dois modos descritos de agressão – dental e hostil – entre si.

O Tema “Agressão” nas Obras de Fritz Perls

As obras em análise aqui são quatro das cinco produções de Perls que foram traduzidas para o português, as quais abordam o tema da agressão, e um capítulo sobre agressão encontrado na obra de Stevens (1975/1977). Não consta a obra *Gestalt-terapia explicada* (Perls, 1969/1976) por esta não contemplar, pelo menos não diretamente, o tema da agressão. Além disso, essas produções, que vão de sua primeira obra (Perls, 1942/2002) até sua obra póstuma (Perls, 1973/2011), marcam sua trajetória da psicanálise até suas últimas ideias em GT (Helou, 2013, 2015), bem como apresentam o curso do conceito de agressão, que vai aparecendo cada vez menos nesses escritos. Os escritos em exame são os livros: *Ego, Fome e Agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud* (Perls, 1942/2002); *Gestalt-terapia* (Perls, 1951/1997); *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo* (Perls, 1969/1979); *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia* (Perls, 1973/2011); e o capítulo intitulado *Moral, Fronteira do Ego e Agressão* (Perls, 1975/1977).

No livro *Ego, Fome e Agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud*, Perls (1942/2002), partindo das formulações de Freud sobre a fase oral – o que não está explícito na obra –, disserta sobre as “resistências orais”, ponto central da obra, e de onde nasce o conceito da “agressão”. Fritz considera que a alimentação biológica e o processamento mental se dão da mesma forma: o ser humano morde, mastiga e

incorpora o alimento físico e o “mental”, assimilando o que lhe é nutritivo, ao que chama de “metabolismo mental”.

Nesta obra, nascida antes mesmo da criação da própria GT enquanto abordagem independente, Fritz, que na época ainda era psicanalista, pretendia realizar uma revisão da teoria e do método de Freud, como consta no subtítulo do livro. Boris (2002), ao escrever sobre Perls e *Ego, Fome e Agressão*, assevera que Fritz desenha uma teoria da personalidade a partir da psicanálise, da psicologia da Gestalt, da teoria organísmica de Kurt Goldstein, da perspectiva holística de Smuts e de outras influências e sugere que o instinto de fome é mais básico do que o sexual, investindo no desenvolvimento alimentar e dental como correspondente do desenvolvimento mental, procurando substituir um conceito psicológico por um conceito organísmico. Tal interpretação é perfeitamente viável, pois, ao longo da obra, Perls (1942/2002) menciona e associa essas teorias ao desenvolvimento organísmico e mental – ou seja, total – do ser humano.

Para Perls (1942/2002), “(...) a tendência destrutiva, que deveria ter sua saída biológica natural na utilização dos dentes, (...)” (p. 169), representa uma função, e não um instinto em si mesma. Configura-se em um instrumento poderoso do instinto de fome. A fome de alimento mental e emocional comporta-se como a fome física, de modo que o neurótico está constantemente em busca de afeto, embora essa busca nunca seja saciada. Assim, aquele que não utiliza seus dentes prejudicará suas habilidades de usar suas funções destrutivas em seu benefício, de forma que, ao não preparar o alimento físico adequadamente para assimilação, haverá consequências na estrutura caracterológica e nas atividades mentais. Com isso, segundo Perls, se uma pessoa suprime a agressão, precisará encontrar uma saída (uma oportunidade de descarregar sua energia: esmurrar uma bola, cortar madeira, esportes agressivos, esfregar o assoalho), pois a agressão, como a maioria das emoções (nessa ocasião ele se refere à agressão como uma emoção), tem como meta não a descarga sem sentido, mas sim sua aplicação.

Sobre a resistência dental, o uso dos dentes é a principal representação biológica de agressão. “A projeção, mas também a repressão de (ou a resistência a) suas funções agressivas, é amplamente responsável pelo estado deplorável de nossa civilização” (Perls, 1942/2002, p. 174). Após estatuir isso, Perls reitera que é difícil para a maioria das pessoas aceitarem a similaridade estrutural dos processos mentais e físicos.

Já no início do livro, Perls (1942/2002) faz uma crítica aos tratamentos prescritos para a cura da agressão, dizendo que “são sempre os mesmos velhos e

ineficazes agentes repressivos: idealismo e religião” (p. 40). E acrescenta: “quando decidi examinar a natureza da agressão, me convenci cada vez mais de que não havia nenhuma energia chamada agressão, que agressão era uma função biológica que em nossa época tornou-se um instrumento de insanidade coletiva” (p. 40). Simultaneamente, outro erro é cometido, afirma ele: “o equivalente emocional da agressão é o ódio” (p. 182). Segundo Fritz, ao invés de se permitir escapes para a agressão, um sentido, introduz-se o dogma de que o ódio deve ser compensado ou ser transformado em amor. Entretanto, conclui Perls, em que pese o treino pujante da caridade ou mesmo em virtude dele, cresceram a intolerância e a agressão. Não sendo paralisadas pelo amor, essas conseqüências passam a ser direcionadas contra o “corpo” (destaque dele) e contra quem não acredita em uma determinada concepção religiosa.

Para ele, o ciclo de perturbação interna não é diferente do de perturbação externa. Desse modo, uma mosca (elemento externo) é tão perturbadora quanto a fome, ou, como afirma em sua autobiografia, conflitos internos têm o mesmo teor que conflitos entre pais e filhos, marido e esposa, terapeuta e paciente, isto é, são tentativas – na maioria das vezes bem-sucedidas – de não mudar o *status quo*: “matar o futuro, evitar o impasse existencial e a sua pseudo-agonia” (Perls, 1969/1979, p. 217). Adentrando nesta seara, Perls (1942/2002) começa a desenvolver sua teoria do metabolismo mental. Inicia explicando que o recém-nascido ainda não precisa destruir estruturas sólidas, porém, as moléculas de proteína do leite terão que ser quimicamente reduzidas e divididas em substâncias mais simples. Já existe, todavia, um papel ativo que o neném tem que efetuar: o morder dependente.

A fase posterior é a do surgimento dos dentes incisivos, junto com eles os primeiros meios para se atacar o alimento sólido. Esses dentes se comportam como uma tesoura, agindo em conjunto com os músculos do maxilar. Logo em seguida, o mamilo da mãe também será algo para ser mordido, o que pode ser doloroso. Se a mãe não compreender a natureza biológica desse impulso de morder, pode repreender a criança de forma excessiva. Palmadas repetidas provocarão uma inibição do morder. O morder significa machucar e ser machucado nesse contexto, mas o trauma do castigo não é tão encontrado quanto à frustração traumática da retirada do seio abrupta ou prematuramente. E quanto mais o morder é inibido, menos a habilidade para enfrentar um objeto será desenvolvida. A criança acreditará que seu equilíbrio não será mais restituído pelas tentativas de morder, ao contrário, que ficará ainda mais afetado e concluirá, então, que a fonte do leite não deve ser abordada de nenhum modo diverso do

anterior. “A diferenciação entre o seio, que deve ser deixado intacto, e o alimento, que deve ser mordido, mastigado e destruído, não ocorre” (grifos do autor, Perls, 1942/2002, p. 201). A agressão frustrada projetada no mundo faz com que o mordedor ativo passe a ter medo de ser mordido, isto é, que quem não morde tem medo de ser mordido.

Com a continuação da evolução dentária, acrescenta Fritz, vêm os dentes molares, que são responsáveis por destruir os pedaços de alimento. Pessoas que engolem seu alimento sem a adequada mastigação se movem pela impaciência. Querem satisfação imediata de sua fome, combinando sua impaciência com gula e com uma incapacidade para obter satisfação. Perls (1942/2002) vai dizer que adultos muito sedentos se comportam igual a bebês impacientes e gulosos quando estes estão bebendo. Pessoas que engolem o alimento sólido como se fosse fluido, não desenvolvem capacidade para mastigar, para levar qualquer trabalho até o fim, nem capacidade de suportar expectativa. O ato de encher a boca não recua para o fundo, como era esperado, e o prazer de saborear e destruir o alimento não se torna o núcleo do interesse, ou seja, a *figura* (destaque dele). Aqui, encontra-se as mesmas funções mais e menos das evitações. “A função destrutiva é ‘sublimada’ – afastada do objeto ‘alimento sólido’” (p. 169). Então, ela se expressará em formas danosas, como matar, fazer guerras, crueldade, ou como autotortura e autodestruição, no caso da retroflexão. Infere-se desse trecho que Perls acredita que a não expressão da função destrutiva no comer provoca sua expressão em hostilidades.

Assim, para Perls, conforme alega na obra de 1942, não há dúvidas de que a humanidade sofre de agressão individual reprimida, se tornando a autora e a vítima de agressão coletiva liberada. Para ele, somente aprendendo a utilizar as ferramentas de morder (os dentes), a agressão seria colocada em seu local biológico adequado, não sendo nem sublimada, nem exacerbada, nem suprimida, se harmonizando assim com a personalidade. Portanto, agressão hostil para Perls é aquela que se manifesta em formas danosas como no ato de matar, nas guerras, na crueldade, na autotortura, na autodestruição e na agressão paranoica. A autodestruição pode acontecer pela fixação das funções de aniquilação, destruição, iniciativa e raiva, as quais são necessárias à manutenção orgânica. A fixação dessas funções gera ódio, vingança e homicídio calculado, ambição e a caça obstinada ao amor, e competição habitual. Sacrificam outras funções do *self*, são autodestrutivas.

Como está se tratando aqui de dois conceitos diferentes de agressão em Perls, e como este termo tem significado próprio no contexto da linguagem coloquial e científica, faz-se mister uma apresentação desse significado. Para tanto, numa tentativa de definir o termo *agressão* relativo à hostilidade, dois dicionários de relevo foram selecionados: Houaiss e Villar (2009) e a Enciclopédia Britânica (Huntingford, 2016). Houaiss e Villar (2009) definem agressão como ato ou efeito de agredir; ataque à integridade física ou moral de outrem; ato de hostilidade, provocação; (ETO) intimidação de um animal pelo outro, não relacionada à predação; (PSIC) predisposição destrutiva em relação a si mesmo ou a outros. A etimologia aponta para o latim *aggressio,ōnis* ‘agressão, acometimento, ataque’. Já “agressividade”, além de aparecer como qualidade, caráter ou condição de agressivo e como disposição para agredir e/ou provocar, também designa espírito empreendedor, energia, atividade e combatividade. O dicionário ainda cita Freud e que, segundo este, agressividade é o conjunto de tendências presente em todos os seres humanos, manifesta em comportamentos reais ou em fantasias que visam prejudicar, destruir ou humilhar o outro. Note-se que “destruir”, em ambos os verbetes, aparece com conotação de prejuízo a si (no primeiro verbebo) ou a outrem (em ambos). Ainda, os verbetes, ousaria dizer, parecem sugerir, implicitamente, que há intenção no ato.

Huntingford (2016) define o comportamento agressivo da seguinte maneira:

Comportamento animal que envolve prejuízo real ou potencial a outro animal. Biólogos comumente distinguem entre dois tipos de comportamento agressivo: agressão predatória e anti-predatória, nas quais os animais prendem ou se defendem de animais de diferentes espécies, e a agressão intra-específica, em que animais atacam membros de sua própria espécie. A agressão intra-específica é muito difundida em todo reino animal, (...). Dado que tantos diferentes tipos de animais brigam, agressão toma uma variedade de formas (p. 01).

Huntingford (2016) complementa que seu artigo segue a tradição dos biólogos de considerar somente os ataques intra-específicos como comportamento agressivo. A ênfase é no contexto biológico – isto é, a raiz da agressão em competição por comida e parceiro; as influências do sistema nervoso, hormônios, genética e ambiente; e modelos científicos para analisar o resultado provável de interações agressivas. Essas duas

definições, assim sendo, correspondem ao uso corrente do termo “agressão”, que no presente estudo será referido como agressão hostil.

Voltando a Perls (1942/2002), ele afirma que “o *restabelecimento das funções biológicas da agressão é, e permanece, a solução do problema da agressão*” (grifos do autor, p. 176). “Quanto mais nos permitimos utilizar a crueldade e o desejo de destruição no lugar biologicamente correto – isto é, os dentes –, menos perigo haverá de a agressão encontrar sua saída como um traço de caráter” (p. 277). Acrescenta que quanto mais se investe agressão em morder e mastigar, menos agressão sobrar para projeção. Perls faz uma relação direta entre a agressão dental e a agressão hostil. A questão que ecoa dessa associação é se há agressão hostil em si, isto é, que não decorra diretamente de um bloqueio da agressão dental, ou se aquela sempre é resultante de uma má aplicação desta. Ainda, fica a dúvida sobre se Perls considera ambas as agressões como biológicas, ou somente a dental. From e Miller (1997) colocam que Perls apresentou, nessa primeira obra, sua contribuição mais relevante, talvez, para uma “(...) visão alternativa do desenvolvimento humano: empregou o surgimento dos dentes num bebê de oito ou nove meses como uma metáfora abrangente para a complexidade e refinamento em crescimento constante das capacidades motoras, dos sentidos e do equipamento mental em geral” (p. 22).

O livro *Gestalt-terapia* (Perls, Hefferline & Goodman, 1951/1997) apresenta conceitos muito semelhantes ao livro anterior sobre a agressão, com um pouco mais de detalhamento, especialmente sobre a assimilação, postulando que a criança munida de dentes pode mastigar sua própria comida ao invés de simplesmente engoli-la inteira, o que dá início ao desenvolvimento de seu sentido de paladar com relação ao que gosta e ao que não gosta, lhe permitindo começar a filtrar o que engole e o que não engolirá psicologicamente do ambiente. Dessa maneira, o infante passa a abordar de modo crítico suas experiências. Quando falam em interação organismo/ambiente, sustentam que, ao teorizarem sobre impulsos e instintos, estão sempre se referindo a esta interação, e não a um animal isolado. Mais adiante no livro, colocam o “destruir” como parte da formação figura/fundo. Essas colocações dos autores apontam para uma orientação mais social e coletiva, e não individualista, da teoria da agressão, diferentemente da obra anterior.

A agressão na GT adquiriu, então, contornos muito distintos do que se considera agressão na linguagem coloquial. Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997) frisaram seu papel na preservação de um sentido de si mesmo, e para o contato com o meio. A

agressão nos permite arriscar ter um impacto no mundo, e a sermos criativos e produtivos. Nesse sentido, referem que o processo de ajustamento criativo a novos conteúdos e situações, por exemplo, sempre comporta uma fase de agressão e destruição, pois é dessa forma, alterando o velho e o dessemelhante, que este torna-se semelhante (pela assimilação). Assim que uma nova configuração toma lugar, antigos hábitos e o estado anterior são destruídos em prol do novo contato. A destruição do velho pode ser assustadora, contudo, a nova configuração traz consigo uma segurança dessa nova forma que passa a existir experimentalmente. A energia flui para a nova figura. Prosseguindo nessa linha de pensamento, ainda apontam para a importância de permitir ao paciente exercer sua raiva, teimosia e agressão no *setting* terapêutico, podendo ser espontâneo. Todavia, se o cliente resolver externar suas agressões em situações da vida real e receber em troca uma reação normal, entenderá o que está fazendo, recordará quem são seus verdadeiros inimigos, caminhando rumo à integração. Por isso, pede-se que o paciente se concentre na forma como ele censura, como ele se retrai, com quais músculos, imagens, e assim por diante. Não se solicita que ele deixe de censurar. Com isso, um elo é delineado para que ele comece a perceber-se reprimindo ativamente, ao que ele poderá começar a relaxar a repressão.

Nisso acompanha Staemmler (2009), ao asseverar que uma contra-resposta não agressiva em uma situação de vida real leva a pessoa a se aperceber de si mesma, cessando de imediato o comportamento agressivo. Mas ao contrário de Staemmler, Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997) apoiam a expressão da agressividade do cliente no consultório, afirmando ainda que o reconhecimento da forma como nos censuramos e nos retraímos pode advir de tal expressão.

Refletindo sobre a agressão e o antissocial, Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997) enfatizam que os fatores sociais são essenciais na formação da personalidade, mas que, da mesma forma que há atitudes antissociais, há costumes e instituições que são *antipessoais* (destaque deles). Assinalam que não tem sentido falar-se em instintos antissociais, contrários à natureza social do organismo, posto que tratar-se-ia de uma contradição. No entanto, “existem dificuldades de desenvolvimento pessoal, de crescimento, de realização da totalidade de nossa natureza” (p. 141). Ainda, argumentam que a sociedade de pessoas é, em alto grau, um artefato, tal qual as personalidades verbais. Inventar artefatos institucionais, promover mudanças sociais possivelmente “faz parte da natureza social conservativa subjacente, reprimida em qualquer sociedade que escolhamos levar em consideração. Nesse sentido, um

comportamento pessoal é significativamente ‘anti-social’ se tender a destruir algo dos costumes” (p. 142), instituições ou personalidades vigorantes à época.

Dentro desse prisma, colocam que um impulso que vagamente era sentido como diabólico ou homicida, no fim das contas, se configurava em nada além do que um desejo de evitar ou rejeitar algo. Ocorre que foi a própria repressão que converteu a ideia em uma ameaça constante; a repressão é uma agressão ao *self* e essa agressão foi conferida ao *instinto*. Mesmo Freud, em 1895, descobrira que não era a masturbação que causava neurastenia, e sim a masturbação culpada. E desde que falou dos *conteúdos do id* (destaque deles) pela primeira vez, esses se tornaram menos diabólicos, e mais tratáveis. Contudo, advertem que os teóricos se excederam na tentativa de demonstrar que os *instintos* são *bons* e *sociais* (destaques deles). Não é que agora certos comportamentos são aceitáveis por serem vistos como bons, e sim que serão considerados bons por serem agora “uma parte aceita da imagem da humanidade”, ou, que: “O homem não se esforça para ser bom, mas é humano esforçar-se para conseguir o que é bom” (Perls, Hefferline & Goodman, 1951/1997, p. 143).

Ainda dentro do contexto do antissocial, declaram os autores que as atitudes passionais mais proeminentes de sua época são a violência e a submissão, pois coabitam ao mesmo tempo guerras e uma paz pública, e a supressão de revoltas pessoais. Tudo isso com a perda neurótica do contato e a hostilidade sendo dirigida ao *self* – sintomas somáticos de raiva contida (úlceras, dentes estragados, e outros). Segundo Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997), no momento histórico em que Freud vivia e onde ele vivia, esse clima passional parece ter sido mais caracterizado pela privação e pelo ressentimento tanto em relação ao prazer quanto em relação ao alimento. Para os autores, num grau mais raso, a neurose está ligada com o isolamento e com a inferioridade, que em geral são mais percebidos, sendo assim menos graves. Os costumes, desse modo, caminham em direção a uma sociabilidade. Mas há, adjacentes, o ódio e o ódio por si mesmo inibidos, a raiva cotidiana. A neurose mais aprofundada é uma agressão retrofletida e projetada.

“O agrupamento de impulsos e perversões que são denominados agressivos – aniquilar, destruir, matar, combatividade, iniciativa, caça, sadomasoquismo, conquista e dominação – são agora considerados o que é anti-social por excelência” (Perls, Hefferline & Goodman, 1951/1997, p. 147-148). Assim é que, para esses autores, a prova de que a análise e liberação de agressões promoverão um passo a mais no avanço da sociedade rumo a “normas mais felizes” (p. 148) é justamente a rejeição social

imediate e absoluta de diversas agressões. Nesse cenário, Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997) procuram mostrar que a aniquilação, a destruição, a iniciativa e a raiva são fundamentais para o crescimento no campo organismo/meio. Se forem reduzidas, implicam em perdas na personalidade, principalmente autoconfiança, sentimento e a criatividade. Já o sadomasoquismo, a conquista e dominação, e o suicídio foram interpretados pelos autores como derivados neuróticos.

Aniquilar significa converter em nada, recusar o objeto e abolir sua existência. A *gestalt* “fecha” sem esse objeto. Destruir (desestruturar) é desmembrar um todo em partes, para assimilá-los como partes em um novo todo. Precipuaente, a aniquilação se configurava numa resposta defensiva à dor, à invasão do corpo ou ao perigo. Na evitação e na fuga, o animal deixa o campo doloroso; ao matar, retira *friamente* (destaque deles) o objeto afrontoso do campo. Em nível comportamental, isso ocorre com o cerrar firme da boca e o desvio da cabeça, e ao esmagar e chutar. A frieza na resposta se justifica por não haver nenhum apetite envolvido; a ameaça é externa. Ainda que a existência do objeto seja dolorosa, o animal não se alegra com sua não-existência, pois esta não é sentida na complementação do campo. O contentamento aparente é apenas o relaxamento da contração, um alívio. Se a fuga e a retirada são impossíveis, o organismo elimina sua própria *awareness* e retrai-se do contato, desvia o olhar e cerra os dentes. Uma análise deve, então, clarear quais atributos do objeto se necessita e quais se recusa, trazendo o conflito à baila para que possa ser decidido ou sofrido.

Em contrapartida, destruir é função do apetite. O crescimento de qualquer organismo se dá pela incorporação, digestão e assimilação de substâncias novas, o que exige a destruição dos elementos para obter os subsídios assimiláveis. Mais uma vez, não tendo sido o *status quo* destruído ou digerido, em vez de assimilação, a saída será a introjeção ou áreas sem contato. Há duas possibilidades de destino para o introjeto: sendo um corpo estranho no organismo, ele é vomitado, o que é um tipo de aniquilação, ou o *self* se identifica de maneira parcial com o introjeto, retém a dor e busca aniquilar parte de si próprio, porém, em sendo a rejeição inviável, vive um aperto constante, uma cisão neurótica.

Em *Ego, fome e agressão*, Perls (1942/2002) avalia que uma resistência oral relevante é o nojo. O nojo é essencialmente humano. No treinamento do homem, o nojo tem um caráter importante, pois ele significa a não-aceitação, a recusa emocional de alimento pelo organismo, esteja o alimento na garganta, no estômago ou apenas na imaginação. “Nojo significa a anulação do contato oral, separação de algo que se tornou

uma parte de nós mesmos” (p. 173). Uma resistência adicional é a repressão do nojo (*resistência contra a resistência*, segundo Perls). É quando a criança é punida por querer vomitar o alimento pelo qual sentiu nojo, sendo compelida recorrentemente a ingerir aquele alimento. A solução que ela encontra é engolir o alimento rapidamente para não sentir seu gosto, e após algum tempo, geralmente consegue não sentir sabor nenhum. É aí que ela desenvolve uma falta de paladar, uma frigidez oral. Por exemplo, o descontentamento com a vida, falta de interesse e insatisfação com tudo são a expressão de nojo pela vida.

Nessas ponderações sobre aniquilação e destruição na obra, Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997) as chamam de impulsos, e há momentos também, em outras ocasiões ao longo do livro, em que se referem à agressão como “energia agressiva”. Não é feita uma diferenciação entre impulso, função e energia na obra. Além disso, tais impulsos, incluindo a raiva, são colocados como igualmente responsáveis pelo crescimento orgânico, não mais somente a agressão dental. Seriam tais expressões características da agressão hostil instrumentos da agressão dental para se alcançar tal crescimento? Como já foi falado, nessa obra e no escrito de 1942 há passagens que sugerem o entendimento de que a inibição da agressão dental produz a agressão hostil, e a repressão desta é igualmente perigosa. Isso fica ainda mais ambíguo no parágrafo seguinte, quando os autores explicitam que a destruição fervorosa e agradável (e raivosa) de certas incompatibilidades presentes nas relações pessoais fomenta, com frequência, o benefício mútuo e o amor, a exemplo do que ocorre na sedução e defloramento de uma virgem tímida, ou na destruição de preconceitos entre amigos.

Para Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997) a agressão é, portanto, a marcha na direção do objeto do apetite ou da hostilidade, podendo ser benéfica para o sujeito em ambos os casos. Vai do impulso à tomada de providências, ou seja, aceita-se o impulso e a execução motora como próprios. Sintetizam afirmando que a aniquilação, a destruição, a iniciativa e a raiva são, desse modo, funções de bom contato, necessárias à subsistência, ao prazer e à proteção do organismo em situações difíceis.

Ao diferenciar aniquilação de destruição, os autores explicam que aquela visa o desaparecimento de algo, enquanto que esta visa fazer apenas a *estrutura* (destaque deles) desaparecer. Em algo destruído, mantém-se a matéria, ainda que alterada em sua característica física ou química. Múltiplas coisas e situações podem nos deixar irritados ou perturbados, casos em que almejamos aniquilar o elemento incômodo, porém, ficamos satisfeitos em apenas destruir, haja vista que a aniquilação real nunca é

possível. No máximo, executamos uma pseudo-aniquilação por meio do esquecimento, da projeção, da repressão ou fuga.

Além da censura do desejo de aniquilar o incômodo, impede-se toda veiculação de expressões de destrutividade, aniquilação, raiva e combatividade, a serviço da paz pública. A raiva miúda, nutrida no dia a dia na competição nos escritórios, fábricas e outros locais, nunca é descarregada. Mas a grande raiva, que anda de mãos dadas com a grande iniciativa, é contida. E, com isso, passa-se a procurar grandes causas que justifiquem esse ódio contido. Daí a importância das guerras, que servem a esse propósito, isto é, são telas de projeção (legitimadas) para canalização dessa agressividade. As pessoas estão ávidas para terminar suas situações inacabadas. Contudo, Perls e os demais autores observam que a fixação nesses elementos da raiva não é saudável (Perls, 1942/2002; Perls, Hefferline & Goodman, 1951/1997).

A análise da relação da agressão com o antissocial, realizada por Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997) é complexa e de difícil interpretação, bem como sua definição do que é e do que não é agressão saudável, e se, o que é agressão saudável, necessariamente é agressão natural ou biológica também. Na esteira dessas reflexões, ainda avaliam – sobre a questão dos conflitos e da autoconquista – a necessidade de vitória, colocando como seu oposto o “*desprendimento criativo*” (p. 161, destaque deles), que está relacionado ao *self* espontâneo. Ao aceitar o próprio interesse e o objeto, e efetuando a agressão, o homem criativamente imparcial sente excitação com o conflito em si (e não com o conteúdo dele), ou seja, excita-se por estar em conflito, e cresce com ele ganhando ou perdendo a peleja, não está preocupado com o que poderia estar perdendo, pois sabe que está se modificando e já se identifica com quem virá a ser. Dito de outro modo, a não necessidade de vitória, que é acompanhada de identificação e aceitação das próprias necessidades em primeiro lugar, mobilizando a agressão, ocasiona o excitação do organismo com o conflito, que cresce com ele, e desencadeia uma transformação. Em contrapartida, a necessidade de vitória na autoconquista teria um viés neurótico.

Há uma visão difundida de que os conflitos são ruins, destacam Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997); de que carregam significados como: desperdício de energia, incitamento à agressão e à destruição, o que não seria bom; de que um dos oponentes não seria saudável ou seria antissocial, e deveria ser eliminado (a exemplo das diversas agressões hostis); de que conflitos equivocados não são bons e os conteúdos inconscientes são normalmente obsoletos e estão deslocados. Mas, nenhum conflito

deveria ser diluído em terapia. Os conflitos internos são bastante energizados e dotados de interesse, representando um meio de crescimento. A terapia deveria levá-los à superfície para que se alimentem de material novo e atinjam um ponto de crise. A mesma lógica vale para o conflito intrapsíquico; havendo bloqueio da situação, o conflito e o sofrimento devem, do mesmo jeito, ser o caminho para se chegar a uma solução auto criativa. O conflito pode ser intenso por ter muito a ser destruído, mas a destrutividade não deve ser inibida (Perls, Hefferline & Goodman, 1951/1997).

Essas reflexões vão um pouco mais longe no estudo da agressão. Colocam o conflito como vital para a construção e incorporação do novo, e o quanto é importante deixar brotar dele espontaneamente a solução. Portanto, a destruição do velho e o exercício da agressão – e destruição – nessa jornada rumo ao novo andam de mãos dadas com o “vazio fértil”, de onde a criação emergirá, proporcionando crescimento. O conflito e a agressão, então, destroem o que tem de ser destruído para dar lugar ao inédito, ao crescimento, eliminando o que o organismo não necessita ou não usa mais, mantendo o ciclo de renovação orgânica. Além disso, fica claro como os autores outorgam ao cliente a escolha da nova ação, deverá emergir espontaneamente dele a solução. Dessa forma, a agressão, em conjunto com o conflito, é colocada como caminho para a autoconquista, despida da necessidade de vitória. Sem agressão não há existência, de modo que o ser humano se desenvolve sob esses pilares. Em outras palavras, agressão é conflito, o qual é condição para o desenvolvimento humano.

Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997) explicam, similarmente como Perls em *Ego, Fome e Agressão* (Perls, 1942/2002), que uma função fisiológica se autocompleta internamente, mas, basicamente, nenhuma função pode realizar isso sem assimilar algo do meio, sem crescer ou mesmo sem deixar algo no ambiente. Dessa forma, situações fisiológicas inacabadas instigam periodicamente a fronteira de contato² em virtude de

² Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997) declaram que a experiência de uma pessoa se dá na fronteira entre organismo e meio, porém, embora se diga que o organismo faz contato com o meio, é o próprio contato em si a realidade mais simples e primeira. Em sua autobiografia, Perls (1969/1979) vai dizer que uma fronteira de contato reconhece as diferenças, e que “a fronteira-do-ego é o ponto zero entre o bem e mal, identificação e alienação, familiar e estranho, certo e errado, auto-expressão e projeção” (p. 235). Explica que é mais fácil entender o que se encontra “dentro” da fronteira, o sentimento de propriedade de que tudo que está dentro dela seja nosso, nos pertence, e tudo que está fora é do outro. Inveja e cobiça podem levar a querer por dentro ou pode acontecer de se querer por fora tudo aquilo que é sentido como tóxico, feio, ruim, fraco, maluco, estúpido, estranho, ainda que identificados como nossos. Este é o metabolismo que conduz a introjeções, representando uma falsificação do *self*, o que também acontece com as repressões e projeções. É um metabolismo que procura evitar dor, desconforto. Na saúde, se está em contato com o meio e com o próprio *self*, em outras palavras, com a realidade. Perls, na obra de Stevens (1975/1977), destaca que o bem-estar para o organismo tem a ver com identificação, enquanto o mal-estar é relativo à alienação. Essas são funções discriminatórias do organismo, trabalho

algum déficit ou sobra, e essa regularidade periódica se impõe a todas as funções, como o metabolismo, a necessidade de orgasmo, de compartilhar, de exercitar ou descansar, e todas se expressam no *self* em forma de anseios ou apetites, fome, ânsia de excretar, sexualidade e outros. No processo do contato, portanto, o excitamento do apetite passa a ser o fundo e algum objeto ou conjunto de possibilidades é figura. De acordo com Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997), o apetite ou é incitado por algo no mundo externo, ou nasce espontaneamente no organismo. Obviamente, o ambiente não seria estimulante se o organismo não estivesse apto a responder. A mudança de um paciente que reposiciona a agressão de si para seus introjetos com o intuito de assimilá-los ou vomitá-los (ou seja, que aos poucos vai delimitando a figura/necessidade, antes vaga, e definindo seu apetite), é uma mudança na realidade.

O que o ego aceita é um conflito consciente e o exercício da agressão. O conflito nada mais é do que uma perturbação da unidade do fundo, impossibilitando a emergência de uma figura nítida. Tentar escolher uma figura qualquer de um fundo confuso, como decidir por um dos lados rivais de um atrito, visando se chegar a uma solução mais fácil, resultará em uma figura frágil e pouco energizada. Mas, se o conflito em si for selecionado, a figura será plena de interesse e energia, mas também estará carregada de destruição e sofrimento. Reiterando, os autores querem dizer que o próprio conflito em si, quando escolhido enquanto figura ao invés de algum conteúdo, por meio do reconhecimento de que se está em um campo de confusão por mais doloroso que seja esse reconhecimento, se encarado pode ser muito mais enriquecedor do que o trabalho com “questões internas”. Quando há um apego ao *status quo*, o organismo segue produzindo a necessidade, porém, a agressão não se dirige ao meio, onde uma solução poderia ser encontrada.

Quando o processo de formação figura/fundo se completa, tem-se o contato final. Encontram-se no comer as mesmas características do contato final, um contato que se dá pela destruição e incorporação. “O que é degustado e mastigado é vívido e único, mas assim que é engolida espontaneamente, a figura desaparece e a assimilação é inconsciente” (Perls, Hefferline & Goodman, 1951/1997, p. 224). O contato consoma o

denominado de fronteira do ego, em GT. Assim, a função básica da fronteira do ego é a discriminação, sendo o conflito básico da neurose a disputa entre a discriminação introjetada, estranha, e a discriminação do organismo. Para Fritz, é estranha a não consideração da agressão com relação a essas discriminações, posto que é a essência do conflito. Sem ela, a paz de espírito predominaria, de modo que, em qualquer conflito neurótico, é preciso conhecer a agressão que causa e mantém o conflito. Para uma crítica sobre o termo “fronteira” em GT, ver Staemmler (2009).

crescimento. Já o desejo e o apetite, explicitam os autores, não são e não podem ser esquecidos. Permanecem como um fundo de dor caso não sejam descarregados.

A título de nota, um importante esclarecimento deve ser feito com relação à análise do antissocial e da agressão na obra *Gestalt-terapia*. O capítulo que trata dessa análise, em verdade, é reconhecido como sendo de Paul Goodman, inclusive encontra-se publicado em seu livro *Nature Heals* (Goodman, 1977), ainda que as ideias sejam dele e de Fritz. Na produção do *Gestalt Therapy*, Goodman assume mais especificamente a construção do corpo teórico do livro, ao passo que Fritz Perls procura ampliar seus exercícios práticos, iniciados na obra precedente (Belmino, 2016).

Belmino (2016) destaca que o propósito do processo gestáltico idealizado por Goodman envolvia fundar campos relacionais que revitalizassem a agressão e a experiência. Goodman tinha preferência por trabalhar mais em pequenos grupos do que em sessões individuais, pois assinalava a importância de se criar espaços de aprendizado e ampliação experiencial, o que caracteriza a clínica como um lugar político de transformação social. A prática psicoterapêutica de Goodman abarcava a ideia de viabilizar contatos humanos intensos que favorecessem formulações transformadoras aos envolvidos. Goodman procurou construir a ideia de que, mais importante do que curar uma patologia, era desenvolver o conflito genuíno e proporcionar espaços para a ação, para o crescimento e a excitação, de modo que sua visão de clínica se fundamentava na ideia de criar espaços de experimentação e criação, como forma de o indivíduo enfrentar as consequências da coerção das instituições.

Sob essas bases, segundo Belmino (2016), Goodman vai dizer que Freud justificou o capitalismo competitivo como uma forma de libertação da agressão sem a necessidade da destruição física, embora reconheça que Freud pelo menos foi capaz de revolucionar ao criticar a repressão da sexualidade; e que, para ele, os culturalistas (a exemplo de Fromm e Karen Horney) foram os responsáveis por criar uma psicanálise conservadora e “sociolátrica” (p. 246). Ainda, em crítica a Reich, assevera que, embora revolucionário, “sua teoria da pulsão acaba caindo no extremo oposto da leitura moral, ou seja, Reich acabou criando uma teoria utópica que pressupõe uma natureza harmônica, positiva e livre da destrutividade” (p. 246).

Ainda de acordo com Belmino, Goodman considerava capital reconhecer a destruição e a agressão como aspectos integrantes da formação criativa da experiência, o que Reich descuidou ao postular uma sociedade utópica totalmente não repressora, numa colocação implícita da vida como positiva e libertadora, e da sexualidade como

bela e alicerçada nos princípios biológicos da reprodução, escamoteando seu lado “sujo” – embora não menos excitante da experiência humana –, o que seria tão agressivo quanto à repressão total.

Por essa ótica, as estratégias de repressão são respostas a construções sociais, e, desse modo, possuem uma função social, portanto, repressões compõem também o contrato social. Goodman procurou questionar veementemente os modelos coercitivos institucionais, porém, não pregava uma atitude revolucionária, estando mais para um reformista, o que encontra respaldo em sua tentativa de se desvencilhar de leituras morais a respeito dos caminhos da humanidade, bem como em seu abandono de modelos de sociedade que se bastassem em si e que conduzissem ao bem-estar. Com efeito, sua proposta sempre girou em torno da ideia de se criar espaços de variabilidade da experiência, que seria “o caminho para a via gestáltica de compreensão da experiência sem reduzi-la a qualquer dimensão moral” (Belmino, 2016, p. 268). À luz desse entendimento, Goodman compreendia o adoecimento também como parte dos aspectos mais humanos e, por isso, não poderia ser excluído da história humana.

Por isso que as ideias de Fritz Perls, que entendia o ego como relacional e a neurose como uma evitação do contato resultante do cerceamento da agressão, responsável por tornar o indivíduo apático, sem vitalidade e dividido entre o imperativo social e suas necessidades organísmicas, pareceram assaz interessantes para Goodman. Este nota que, ainda que Fritz corroborasse com Reich no tocante a sua crença na harmonia advinda de uma liberação da autorregulação, ele avançou ao observar a neurose como uma resposta às estratégias coercitivas que visavam, com base em uma leitura moral, coibir toda forma de diferença. Assim, Goodman, diferenciando agressão de violência, explicita o papel da agressão no seu sistema pacifista. Partindo das proposições perlsianas, seria viável elucidar que o pacifismo é diferente de uma apatia ou indiferença política, configurando-se, em contrapartida, em um meio de enfrentamento do sistema organizado (Belmino, 2016). Disso se depreende a ideia de destruição como exercício da agressão, em Goodman. Destruir é uma ação mobilizada pela excitação, um ato criativo.

Voltando à obra *Gestalt-terapia*, a discussão sobre o *self* e suas nuances é um tanto confusa, e foge aos propósitos do presente estudo. Por isso, me ative a expor o mínimo necessário que contempla o tema da agressão. Pelo exposto sobre a obra de 1951, nota-se que os autores trabalharam um pouco mais a relação entre agressão dental e hostil, e também a relação da agressão com o contato, com o ajustamento criativo,

com o fluxo figura/fundo, com o conflito e o vazio-fértil, com o *self* e com outros temas, colocando-a como função e instrumento ativo na vida. Há momentos, também, em que a confusão entre agressão dental e hostil permanece e eles parecem se referir à agressão dental como sendo, de alguma forma, hostil em si, por natureza. Talvez certa ênfase a mais dada à agressão hostil enquanto igualmente responsável pela assimilação e pelo crescimento tenha gerado a confusão.

Na obra seguinte (Perls, 1969/1979), Fritz fala que sua dificuldade na elaboração dessa autobiografia se deveu a não saber se podia ou não considerar original sua teoria do “*não-instinto*” (p. 46, destaque dele). Em crítica a Freud, comenta que este errou ao considerar que a boca do recém-nascido continha uma energia não diferenciada em zona libidinal e função de alimentação, dizendo que ele jogou fora a função de alimentação, se posicionando contrariamente a Marx, que considerou o sustento o impulso principal do homem. Nesse momento, repete o que já havia dito sobre ambas as funções, isto é, que ambas são importantes, sendo o sustento indispensável para a sobrevivência do indivíduo, e o sexo, para a sobrevivência da espécie.

Voltando aos instintos, deixa mais claro o que quis dizer nas obras anteriores ao destacar que qualquer deficiência, tais como de cálcio, afeto, aminoácidos, oxigênio, importância, gera a necessidade de auferir isso de algum lugar. Não há um *instinto* (destaque dele) de cálcio, ou de qualquer um desses elementos. Os instintos são criados sempre que um determinado equilíbrio é desestabilizado. A escassez de água gera um “instinto-de-água” (Perls, 1969/1979, p. 83) temporário denominado sede.

A dicotomia bom/mau, para ele, é uma função do organismo, se configurando em uma reação orgânica projetada. Fritz refere que lutar é algo bom se mobiliza o potencial do indivíduo, se está a serviço do prazer de crescer, como se vê em muitos esportes e competições intelectuais. Passa a ser algo mau se a luta for permeada por preconceitos e onipotência, baseando-se no prazer da destruição. Nesse contexto, o autor se refere à destruição em sua face negativa, pois o destruir da agressão dental visa assimilação e crescimento, sendo considerado em toda sua obra como algo positivo.

Perls (1973/2011), nesta outra produção, reafirma que todos nós crescemos treinando nossa capacidade de discriminar, sendo esta uma função do limite entre o “eu” e o outro. Aceitamos ou rejeitamos o que o meio oferta. Portanto, reitera que o alimento psicológico (valores, situações, fatos, atitudes, conceitos, padrões de comportamento, etc.) tem que ser assimilado tal como o alimento físico. Isto é, tem que ser desestruturado, analisado, separado e, novamente, concentrado da forma mais vantajosa

possível para nós. Do contrário, não contribuirá para o desenvolvimento da personalidade. Todavia, assevera que estamos longe de entender direito a relação, ou talvez a identidade, entre o organismo e a personalidade.

Em outro trabalho, Fritz Perls (1975/1977), em capítulo intitulado *Moral, Fronteira do Ego e Agressão*, escreve sobre sua visão, já anteriormente apresentada na obra de 1951, de que moral e agressão estão conectadas. Expõe que a moral pode ser absoluta ou relativa de acordo com a personalidade total ou com a situação. Ele questiona a possibilidade de se encontrar uma resposta irrefutável na moral do organismo, e se, no nível não verbal, experiências podem ser tachadas de boas ou más. Acredita ele que tais experiências sucedem como um processo normal, de modo que poderiam servir de base para uma moral útil.

Como a agressão e a coesão dependem uma da outra, ao reconhecer o que está fora como ruim, aparece a necessidade de se destruir a ameaça. Tende-se a denotar as forças coesivas como boas e as agressivas como ruins. Porém, Perls (1975/1977) sugere que, para manter a coesão interna, é preciso agredir, destruir a ameaça externa. Então, explica novamente, como já havia feito nas obras antecedentes, o duplo objetivo da agressão em sua função de desestruturação: destruir para deixar impotente o inimigo ameaçador; na expansão, destruir para tornar o material desestruturado assimilável. Portanto, assinala que a agressão “não é uma invenção do diabo, mas um meio da natureza” (p. 56). Ao longo de toda essa reflexão, Perls (1975/1977) não indica sobre qual agressão fala (hostil e/ou dental), não as define ou diferencia, o que sugere que a indefinição e confusão teórica da agressão persistiu até esta obra. Segue asseverando que entende o desejo de pais e psiquiatras de se livrarem da agressão ou mesmo de descarregá-la como excreção física, porém, considera que a natureza não se daria ao trabalho de criar algo tão poderoso apenas para ser descarregado.

Perls (1975/1977) realiza, ainda, uma ampliação da perspectiva dental. Ele sublinha que não só os dentes, mas os músculos do maxilar, as mãos e as palavras também são ferramentas da agressão. “Esta resulta do trabalho orgânico de todas as partes da personalidade” (p. 57). E declara que, para promover a integração da personalidade neurótica, será preciso desestruturar os sintomas. Segundo o autor, ao se desestruturar os sintomas inevitavelmente se deparará com um razoável montante de agressão canalizada para o autocontrole, para a autopunição e também para a autodestruição. Como exemplo, notifica que se encontra agressão destrutiva (nesse caso, ele usa o termo “destrutiva” no sentido de hostilidade) na irritabilidade e na contenção.

O que Perls registra em seguida é bem interessante: “afirmar que esta agressão como tal é responsável pelas distorções patológicas, tais como o hitlerismo ou sadismo, é como afirmar que o impulso sexual é o responsável pelas perversões” (p. 58). Para ele, não são, nem a agressão, nem o sexo, responsáveis pelas neuroses, e sim a “organização infeliz da agressão” (p. 58) da forma que é feita nas instituições e nas famílias.

Como o homem não dá ouvidos às suas discriminações orgânicas, reduz-se a possibilidade de satisfação em sua vida. O ser humano, assim, acaba se guiando pelo dever. E isso, segundo o ponto de vista perlsiano, tem relação também com a pobre organização dos hábitos alimentares. Na prática terapêutica, relata que procura reestruturar tais hábitos, pois problemas na ingestão satisfatória e apropriada do alimento acarretam, por meio da agressão biológica não utilizada, inúmeros problemas neuróticos. A moral introjetada, para Fritz (Perls, 1975/1977), é fruto de uma agressão incompleta, isto é, um morder, mastigar e digerir parciais dos padrões dos pais, professores e da sociedade. Talvez, parte deste alimento oferecido pelo meio nunca teria sido sequer mordido se não fosse imposto, não teria sido escolhido caso não servisse ao organismo. As partes úteis, talvez, foram fornecidas em momento e quantidade errados, de modo que precisarão ser regurgitadas, mastigadas e digeridas, enquanto o que não serviria de jeito nenhum precisaria ser vomitado. Em outras palavras, “a agressão sadia nada mais é do que aplicar-se para conseguir a auto-realização” (p. 60). Na terapia, seria possível que ocorressem enjoos e vômitos numa atividade de mastigação, porém, posteriormente, sensações novas de sabores e um apetite mais realçado poderiam insurgir. Assim, “não é a própria agressão que é boa ou má, mas quando estamos mal, sentimo-nos agressivos” (p. 61).

Perls (1975/1977), nesta obra, igualmente não definiu ou diferenciou pormenorizadamente as agressões dental e hostil, e deixa claro que, quando respeitamos as necessidades do nosso organismo, lidamos melhor com os padrões morais. O autor se põe a favor de uma reorganização da agressão no sentido de se autorrealizar. De um modo geral, todas as suas obras mantêm os mesmos conceitos e reflexões sobre a agressão, com pequenas mudanças na escrita, na forma de se colocar as ideias e de concatená-las, e com pequenos acréscimos de exemplos ou mesmo de reflexões.

Considerações Finais

Infere-se de todo o exposto que a agressão, para Fritz Perls, representa uma função biológica e um instrumento de vida que possibilita a preservação de um sentido

de si mesmo, e que media o contato com o meio. Permite ao indivíduo ter um impacto no mundo, ser criativo e produtivo. Sendo assim, é uma energia/função biológica de vida, da natureza, e é o que move o ser humano, podendo ser direcionada para o “mal” (machucar, prejudicar) ou para o “bem” (conquistar algo, ainda que implique em tirar algo de outrem). Perls adota uma perspectiva individualista: o indivíduo deve agir em prol de seu bem-estar, ainda que isto implique em neutralizar ou imobilizar o outro. Entretanto, Perls não incita guerras ou brigas, posicionando-se de forma contrária a ambas, e reconhece que excessos das funções agressivas não são saudáveis. Sem agressão, não há luta por si.

Uma diferenciação ou mesmo um maior esclarecimento sobre a articulação que faz entre ambas as formas de agressão (dental e hostil), ora fica claro, ora fica confuso. Além disso, por vezes, Perls refere-se à agressão hostil como sendo também biológica, mas há passagens em que somente a agressão dental recebe esse tratamento. Com isso, alguns questionamentos ficam à espera de uma resposta: são funções, emoções, impulsos ou energias? Qual delas é a mola propulsora da vida, a energia, o combustível que move o homem? Ambas são biológicas, ou somente a agressão dental? Há uma falta de nitidez sobre a natureza biológica (ou não) da agressão hostil.

Supõe-se que, de um modo geral, ambas são naturais e saudáveis, dentro de um limite, e que a agressão dental é a *função* biológica (o correlato biológico) da agressão hostil. Assim, a agressão dental é o instrumento do instinto de fome, exerce a função de saciá-lo, de buscar a sobrevivência, tanto física quanto mental, do indivíduo, podendo fazê-lo com a utilização de destruição, aniquilação e raiva quando o contato e a situação exigirem – tudo isso ainda dentro do “natural”. Se o organismo for impedido de se auto prover, ou melhor, se a agressão dental for impedida de prover o organismo, o funcionamento “natural” dela será desviado para hostilidades. Portanto, a agressão é colocada como contato, em que pese a visão “etapista” de desenvolvimento humano de Perls, tomada a partir do desenvolvimento dentário. Infelizmente, a teoria da agressão permanece obscura e confusa, e deixada ao largo dos bastidores da abordagem gestáltica. A teoria da Agressão, que tomou uma proporção de fundamento nos princípios da obra de Fritz Perls, parece perder sua posição de relevância ao longo do tempo. Um esclarecimento da teoria é de crucial relevância para um vislumbre de sua real importância para a GT, discriminando caminhos, ou de reintegração, ou de abandono.

Referências

- Belmino, M. C. B. (2016). *Ontologia gestáltica: um ensaio sobre a teoria da experiência em Paul Goodman*. 367f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Boris, G.D.J.B. (2002). Sobre Fritz Perls e “Ego, Fome e Agressão”. Em Perls, F. S. *Ego, Fome e Agressão* (p. 19 -28). São Paulo: Summus.
- Demo, P. (2000). *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas.
- From, I.; Miller, M. V. (1997). Introdução à edição do *The Gestalt Journal*. Em Perls, F. S.; Hefferline, R.; Goodman, P. (1951/1997). *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Goodman, P. (1977). *Nature Heals: the psychological essays of Paul Goodman*. New York: Free Life Editions.
- Helou, F. (2013). *Frederick Perls, inquietações e travessias: da Psicanálise à Gestalt-terapia*. 144f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) - Universidade de Brasília, Brasília.
- Helou, F. (2015). *Frederick Perls, vida e obra: em busca da Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 2015.
- Holanda, A. F. (2005). Elementos de epistemologia da Gestalt-terapia. Em Holanda, A. F.; Faria, N. J. (Orgs.). *Gestalt-terapia e Contemporaneidade: contribuições para uma construção epistemológica da teoria e da prática gestáltica*. (p. 23-55). Campinas: Livro Pleno.
- Holanda, A. F. (2009). Gestalt-terapia e abordagem gestáltica no Brasil: análise de mestrados e doutorados (1982-2008). *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, RJ, ano 9, 1, 98-123. Em <http://www.revipsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a09.pdf>.
- Houaiss, A.; Villar, M. S. (2009). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Huntingford, F. A. (2016). Aggressive behaviour. Em *Encyclopædia Britannica*. Encyclopædia Britannica Online. Encyclopædia Britannica Inc. Em <http://global.britannica.com/topic/aggressive-behaviour>.
- Perls, F. S. (2002). *Ego, Fome e Agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud*. São Paulo: Summus. (Original em 1942).
- Perls, F. S. (1979). *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo*. São Paulo: Summus. (Original em 1969).

- Perls, F. S. (2011). *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*. Rio de Janeiro: LTC. (Original em 1973).
- Perls, F. S. (1977). Moral, Fronteira do Ego e Agressão. Em Stevens, J. O. (org.). *Isto é Gestalt*. (p. 49-61). São Paulo: Summus. (Original em 1975).
- Perls, F. S.; Hefferline, R.; Goodman, P. (1997). *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus. (Original em 1951).
- Perls, L. (1994). *Vivendo en los límites*. Valência: Promolibro. (Original em 1992).
- Staemmler, F-M. (2009). *Aggression, Time, and Understanding: contributions to the evolution of Gestalt Therapy*. New York: Routledge.
- Stevens, J. O. (1977)(Org.). *Isto é Gestalt*. São Paulo: Summus. (Original em 1975).

CAPÍTULO 3

Reflexões acerca da Teoria da Agressão na Gestalt-terapia: uma revisão da literatura

Reflections on the Theory of Aggression in Gestalt therapy: a literature review

*Reflexiones sobre la Teoría de la Agresión en la terapia Gestalt: una revisión de
la literatura*

Resumo: Este trabalho visou ao estudo da teoria da agressão de Fritz Perls, destacando as discussões que germinaram após seu surgimento na GT brasileira e estrangeira. Críticas, especialmente na literatura estrangeira, giraram em torno da confusão feita por Perls a respeito da relação entre as duas formas de agressão que expõe: agressão dental e agressão no sentido popular do termo (hostilidade). Portanto, ateu-se aqui ao debate sobre essa confusão e, também, sobre os rumos que o tema da agressão tomou na GT brasileira e americana. De um modo geral, a maioria dos comentadores alega entender o papel da agressão (dental e hostil) enquanto função biológica e enquanto contato, frisando seu papel positivo. Evidenciou-se que, na literatura estrangeira, os estudos se desviam mais para o exame da agressão hostil e a análise da positividade e da negatividade desta, ao passo que a agressão dental recebe pouca atenção. Concluiu-se que o tema ainda foi pouco estudado e permanece indefinido. Não encontrou-se estudos que procuraram refutar ou confirmar a teoria da agressão dental. Na esfera clínica, fica a dúvida sobre se se deve frustrar ou não a expressão agressiva do cliente. Verificou-se um certo avanço na discussão teórica do conceito somente na GT estrangeira.

Palavras-Chave: Gestalt-terapia brasileira; Gestalt-terapia americana; Agressão dental; Agressão hostil; Clínica.

Abstract: This work aimed at the study of the theory of aggression of Fritz Perls, highlighting the discussions that germinated after its appearance in the Brazilian and foreign GT. Criticism, especially in foreign literature, revolved around Perls' confusion about the relationship between the two forms of aggression he posed: dental aggression and aggression in the popular sense of the term (hostility). Therefore, the debate on this confusion and the directions that the subject of aggression has taken in the Brazilian and American GT are discussed here. In general, most commentators claim to understand the role of aggression (dental and hostile) as a biological function and as a contact, stressing their positive role. It has been shown that, in the foreign literature, the studies are more diverted to the examination of the hostile aggression and the analysis of the positivity and the negativity of this one, whereas the dental aggression receives little attention. It was concluded that the theme was still little studied and remains undefined. We did not find studies that sought to refute or confirm the theory of dental aggression. In the clinical sphere, the question is whether the aggressive expression of the client should be frustrated or not. There was a certain advance in the theoretical discussion of the concept only in the foreign GT.

Keywords: Brazilian Gestalt-therapy; American Gestalt-therapy; Dental aggression; Hostile aggression; Clinic.

Resumen: Este trabajo tuvo el fin de estudiar la teoría de la agresión de Fritz Perls, destacando las discusiones que germinaron después de su aparición en el GT brasileña y extranjera. Las críticas, especialmente en la literatura extranjera, fueron sobre la confusión de Perls acerca de la relación entre las dos formas de agresión que expone: agresión dental y la agresión en el sentido popular del término (hostilidad). Así que si se clava aquí para debatir esta confusión, y la dirección que el tema de la agresión asumió en la GT brasileña y de América. En general, la mayoría de los comentaristas entienden el papel de la agresión (dental y hostil) como función biológica y como contacto, haciendo hincapié en su papel positivo. Se hizo evidente que, en la literatura extranjera, los estudios se desvían más para la agresión hostil y el análisis de la positividad y negatividade de esta, mientras que la agresión dental recibió poca atención. Se concluyó que la cuestión está todavía poco estudiada y aún no está definida. No se cumple los estudios que intentaron refutar o confirmar la teoría de la agresión dental. En el ámbito clínico, es la

cuestión de si debe frustrar o no la expresión agresiva del cliente. Ha habido algunos avances en la discusión teórica del concepto sólo en GT extranjera.

Palavras-Clave: Gestalt-Terapia brasileira; Gestalt-Terapia de América; agresión dental; agresión hostil; Clinic.

Introdução

O conceito de *agressão*, no contexto da Gestalt-terapia (GT), embora tenha contornos de centralidade – particularmente nos seus primórdios (Perls, 1942/2002) – tem sido pouco trabalhado, ou mesmo esquecido e negligenciado pela maior parte dos gestaltistas, bastando para tal observar quão poucas referências encontramos na literatura (Holanda, 2005; Staemmler, 2009).

Desde o nascimento da GT, sua inserção na academia foi dificultada em prol da primazia da prática de vivências, no bojo de um discurso anti-intelectualista, que acabou por enfraquecer a abordagem (Perls, 1992/1994). É na esteira dessa perspectiva de resgate da fundamentação teórico-filosófica que a presente pesquisa tem lugar. Assim, esse conceito basal da agressão, que fundamentou a primeira obra de Perls (1942/2002) – ainda psicanalista na época –, será objeto de estudo deste trabalho.

No caso do Brasil, destaca-se a significativa carência de estudos criteriosos e críticos sobre o tema para além da mera reprodução da teoria, diferentemente do observado nos EUA, em que, ainda que também não tenha havido grande interesse pelo assunto, a repercussão das críticas à teoria direcionou as discussões para novos estudos, o que pode ampliar horizontes, fomentar uma revisão teórica e desenvolvimentos e ensejar utilidade prática aos novos achados.

A teoria da agressão é um marco epistemológico na GT, e se liga a outros conceitos que ganham continuidade nesta abordagem, enquanto a “agressão” segue marginalizada. Dessa forma, um estudo dessa natureza mostra-se importante para a comunidade gestáltica brasileira, que vem buscando resgatar a fundamentação teórica da GT. Helou (2013; 2015) enfatiza a importância de se retomar temas como o da agressão, da fome e da defesa na contemporaneidade, a fim de se reintroduzir a perspectiva da questão do corpo sob enfoques mais amplos do que os da GT até o momento, embora reconheça a propriedade com que Perls percebeu a relação entre “alimentação e defesa” a partir do corpo, colocando a energia agressiva a serviço de ambas de forma invariável. Além disso, ressalta que temas voltados ao corpo e à alimentação e violência são imperativos na clínica, na atualidade, a exemplo de questões

contemporâneas como são os distúrbios alimentares e mesmo a violência contra si e contra outrem, que se apresentam pelo corpo e no corpo.

1. Posição do Problema

A agressão, basicamente, é um conceito que emerge dos estudos do casal Perls – Fritz e Laura – sobre as “resistências orais”, coração da obra de 1942. Perls (1942/2002) parte dos postulados de Freud sobre a fase oral³. Ancorado em uma visão holística, segundo a qual o organismo é um todo indivisível, Fritz faz uma comparação entre o processo biológico da fome e da alimentação e os processos mentais, o que chama de “metabolismo mental”. Inicialmente, analisa a ingestão de alimentos no decorrer do desenvolvimento humano desde a alimentação do embrião até a mastigação completa. Para tanto, discrimina diferentes estágios do desenvolvimento do instinto de fome e seus correlatos psicológicos, classificando-os como: pré-natal (antes do nascimento), pré-dental (amamentação), incisivo (morder) e molar (morder e mastigar). A partir desses estágios, apresenta as resistências orais que irão fundamentar a compreensão de processos mentais não saudáveis, como introjeção, narcisismo e retroflexão.

Este trabalho visou o estudo da teoria da agressão apresentada por Fritz Perls, com ênfase nas discussões que brotaram após seu surgimento no meio gestáltico brasileiro e estrangeiro, ora trabalhando sua teoria, ora abordando suas imprecisões. Algumas das críticas aparecem mais solidamente em Staemmler (2009) e Helou (2013, 2015), que denunciam mais veementemente essas imprecisões. Enquanto Helou (2013, 2015) assinala a questionável leitura que Perls faz de Freud com relação ao tema, Staemmler (2009) calca suas críticas nas duas conotações com que agressão aparece nas obras de Perls, quais sejam, a agressão dental (biológica e ligada à assimilação do novo e à discriminação do que serve e do que não serve para si), e a agressão no sentido coloquial do termo, isto é, no sentido de hostilidade. Neste texto, estaremos nos atendo ao debate com respeito às imprecisões conforme apontadas por Staemmler e, também, aos rumos que o tema da agressão tomou na GT brasileira e na GT americana.

Na busca por publicações em GT sobre a teoria da agressão, em língua portuguesa, observou-se que apenas Pimentel (2005) abordou o assunto de forma mais aprofundada e procurou “testar” a agressão dental em um estudo com crianças de 7 a 10

³ As correlações entre a GT e a Psicanálise estão melhor tratadas em Helou (2013, 2015). E as origens do tema “agressão” em suas relações com o pensamento freudiano estão melhor analisadas em Araújo & Holanda (2016), “As Origens do Conceito de Agressão na Gestalt-terapia: Psicanálise e Clínica” (no prelo).

anos que visou detectar alimentos psicológicos e sociais que dão suporte ao desenvolvimento, por meio de uma pesquisa clínico-qualitativa sobre as relações entre mastigação, alimentação e desenvolvimento social e emocional. Para Staemmler (2009), pesquisador alemão que se ocupou do tema, um dos motivos, talvez, para o desinteresse no tema, é sua exposição confusa nas obras de Perls em relação à agressão dental e à agressão hostil.

Não foi encontrado nenhum trabalho explicando o porquê desse abandono. Talvez, a onda de “anti-intelectualismo” – como apontado por Laura Perls (1988, 1992/1994) – bem como as críticas acerca da não responsabilização dos gestaltistas pela construção de um conhecimento próprio (Faria, 2005; Holanda, 2005), envolvendo a abordagem numa bruma anti-mecanicista, anti-científica e anti-positivista – modelo abraçado pela “psicologia humanista” do século passado – findou por manter tendências românticas e uma abordagem “antiestructuralista”, portanto, não teórica, aclimatando essa atmosfera de quase desprezo pelo tema. Mas, mesmo dentro da comunidade brasileira, não encontramos acordo quanto a estas questões conceituais e epistemológicas; Ribeiro (2005), por exemplo, um expoente da abordagem gestáltica no Brasil, é adepto da visão de que a GT não precisa de uma teoria do desenvolvimento da personalidade, lembrando que o conceito da agressão nasceu de uma tentativa de esboçar uma. Outro elemento que pode ter favorecido tal situação é o fato de que o tema da agressão vai “perdendo” força ao longo das obras analisadas aqui, ao contrário dos demais conceitos gestálticos.

Conforme levantamentos sobre as produções de mestrado e doutorado brasileiras em GT, feitos por Holanda e Karwowski (2004) e Holanda (2009), abrangendo o período de 1982 a 2008, aumentou o número de pesquisas de cunho teórico-filosófico na área. Mesmo assim, são poucas as referências que tocam o tema da agressão, como em Fittipaldi (2007) e Helou (2013), encontradas em uma verificação feita pela autora da presente pesquisa nas bases de dados abertas Scielo, PePSIC e BVS, utilizando-se as palavras-chave “agressão e Gestalt”, “agressão e Gestalt-terapia” e “agressão e Perls”. Com relação às origens do conceito, um único artigo foi encontrado nas mesmas bases de dados utilizando-se as palavras-chave “agressão Gestalt origem” e “Perls e Freud” (Müller-Granzotto & Müller-Granzotto, 2007). No caso dos trabalhos estadunidenses utilizados, a busca se deu na revista *Gestalt Review*, com as palavras-chave “aggression Perls”. Foram selecionados e examinados os artigos pertinentes ao tema, bem como a obra de Staemmler (2009), que apresenta um estudo do conceito nas obras de Fritz,

confrontando tais estudos com pesquisas recentes. Tomou-se conhecimento desta obra também por meio da referida revista. Nesse levantamento, apareceram 29 resultados, dos quais apenas seis se debruçavam diretamente sobre a Teoria de Agressão em si, quais sejam: Smith (2007); Lichtenberg (2012); Skovgaard & Winther-Jensen (2015); Staemmler & Staemmler (2015); Yontef (2015); Lobb (2015).

Neste estudo, apresentaremos brevemente a teoria da agressão na perspectiva de Fritz Perls como ponto de partida para a discussão de literatura que se pretende travar. Assim, com base no exposto até o momento, este trabalho aponta como problema de pesquisa: qual o papel da noção de agressão para a Gestalt-terapia?

2. Sobre o Tema da Agressão

2.1. A Teoria da Agressão segundo Fritz Perls

Este tópico tem o condão de apresentar brevemente a teoria da agressão dos Perls com base nas obras *Ego, Fome e Agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud* (Perls, 1942/2002); *Gestalt-terapia* (Perls, 1951/1997); *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo* (Perls, 1969/1979); *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia* (Perls, 1973/2011); além do texto *Moral, Fronteira do Ego e Agressão* (Perls, 1975/1977).

No cômputo geral, todas as obras de Perls apresentam as mesmas premissas sobre a teoria da agressão, não havendo alterações em sua essência. A tônica da teoria da agressão está no seu papel de viabilizar a assimilação de material novo a partir do meio e a aprendizagem da discriminação, pelo organismo, do que lhe serve e do que não lhe serve, tanto no nível físico quanto no mental, processos necessários ao crescimento. Por meio da agressão dental, que é um instrumento do instinto de fome, o indivíduo aprenderá a agredir seu alimento, destruindo-o – no sentido de desmembrar em partes para tornar a comida assimilável –, ao que absorverá os nutrientes que lhe servem, os quais passarão a compor seus músculos, órgãos, e assim por diante. Para Perls, esse mesmo processo se dá na esfera psicológica (visão holística): a partir desse exercício inicial com a alimentação, que começa com o nascimento dos dentes, o homem aprenderá, posteriormente, a agredir a vida, a buscar atender suas necessidades, a destruir e mastigar as situações de vida (a que Perls chama de alimentos mentais), passando a fazer suas escolhas. A esse mecanismo, Fritz chamou de “metabolismo mental”.

Porém, ao longo de sua fundamentação, Perls traz, simultaneamente, um outro conceito de agressão: o de agressão no sentido de hostilidade, tal qual referida na linguagem cotidiana. Assim, Perls faz uma articulação entre ambos, postulando que a agressão dental, quando reprimida ou impedida de funcionar adequadamente de acordo com a necessidade orgânica no local biologicamente correto – isto é, os dentes – se transformará em agressão hostil. Dito de outro modo, aquele que não aplicar os dentes na vida a seu favor e a favor de seu organismo como um todo (suas exigências psíquicas, emocionais, corporais, dentre outras) canalizará essa repressão em forma de hostilidades, tais como guerras e crueldades. O problema é que essa relação, e também a forma como Perls expõe seus argumentos, ora sobre uma, ora sobre outra noção de agressão, inúmeras vezes soa confusa no conjunto da sua obra, especialmente nos escritos de 1942 e no de 1951, o que será melhor esclarecido doravante pelos comentadores estrangeiros.

2.2. Repercussões sobre a Noção de Agressão no Brasil e nos EUA

2.2.1. Na Literatura Brasileira

Loffredo (1992), Pimentel (2005), Ribeiro (2006), Fittipaldi (2007), Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2007) e Helou (2013; 2015) foram os comentadores encontrados que se dedicaram ao tema da agressão na literatura brasileira, ainda que superficialmente, com exceção de Pimentel, que aplicou o conceito em um estudo de campo, desenvolvendo a expressão “nutrição psicológica”. Loffredo apenas cita brevemente do que se trata o assunto, não muito diferentemente dos demais, que não pesquisam a fundo a teoria. Müller-Granzotto e Müller-Granzotto analisam a questão da força destrutiva e da força unificadora, em Perls, confrontando com Freud. Fittipaldi e Helou vão um pouco mais além: aquela, em seu estudo sobre a paz, analisa sucintamente a agressão negativa e a positiva em Perls; Helou, que empreende um estudo panorâmico da produção teórica de Perls, analisando a influência da psicanálise e de outras teorias sobre o pensamento dele, apresenta, também ligeiramente, a trajetória do conceito, bem como onde estava o pensamento de Perls e o que ele pretendia quando de sua formulação. Já Ribeiro (2006) apenas expõe a definição do conceito. Assim, tanto com relação aos estudos brasileiros quanto aos estrangeiros, optou-se por apresentar mais detidamente apenas aqueles que proporcionam uma discussão mais aprofundada sob novas perspectivas, excluindo-se os que somente expuseram ou

reproduziram a teoria e os que tratam de questões epistemológicas, como as possíveis teorias de origem do conceito.

Antes de analisar as referências mais diretas, é importante fazermos ainda duas ressalvas. Na obra *Dicionário de Gestalt-Terapia*, no verbete “agressão”, a cargo de Cláudia Ranaldi, a definição se alicerça no artigo intitulado “Moral, Fronteira do Ego e Agressão” (Perls, 1975/1977), escrito por Fritz para o livro de John Stevens. Neste verbete, a ênfase recai sobre a “agressividade saudável” – embora citada genericamente como “agressão” – e encarada como uma “(...) função importante para o crescimento emocional saudável (...)” (Ranaldi, 2014, p. 20). Ainda, na sequência, buscando compreendê-la numa dimensão mais técnica, aponta para a possibilidade da agressão permear a relação terapêutica: “Podemos assim, junto com nosso cliente, mastigar e digerir suas vivências, buscando soluções criativas – e não temerosas – diante de suas escolhas e da verdadeira expressão do Ser” (p. 20). A segunda ressalva refere-se ao livro organizado por Frazão & Fukumitsu (2014), intitulado *Gestalt-Terapia. Conceitos Fundamentais* – como parte de uma coleção sobre GT, que já conta com quatro volumes, na qual o referido texto aparece como o segundo volume – onde não encontramos capítulo explicitado sobre o tema em tela.

Fittipaldi (2007), em harmonia com Perls e sua compreensão da agressão, sugere que nem a agressividade, nem a força, nem a luta, são equivalentes à violência, pois a agressividade e a força, numa luta, possibilitam a manutenção do conflito, enquanto que a violência acaba por desregular o conflito, já que impede que as partes estabeleçam justiça entre si. A violência não é inerente à natureza humana, mas a agressividade é, posto que diz da combatividade, da capacidade de encarar o outro sem esquiva, da afirmação de si. Para Fittipaldi, essa visão corrobora totalmente a visão gestáltica de agressão enquanto uma função biológica. Assim, o que vale destacar desse estudo é que a não-violência pressupõe a capacidade de ser agressivo. Sob essa ótica, uma cultura da paz não requer ausência de agressão ou de conflito, mas sim o bom exercício da agressão com o fim de sanar os conflitos de forma pacífica, e lembra que a GT aduz que todo conflito ativo trabalha a favor da integração do *self*, de modo que a pacificação precoce dos conflitos é que tem um viés neurótico. Com isso, a comentadora diferencia a paz positiva da paz negativa.

Pimentel (2005) empreendeu um estudo mais aprofundado sobre o tema da agressão em seu livro, incrementando as discussões sobre esse assunto com diversas pesquisas, algumas relativas ao desenvolvimento infantil, além de ter realizado um

estudo de campo. A comentadora disserta sobre o desenvolvimento emocional e social, tomando-o como um processo que vincula todos os sistemas que compõem o ser humano, na busca de detectar alimentos psicológicos e sociais que dão suporte ao desenvolvimento. As discussões se circunscreveram na interface da psicologia com a odontologia e com a nutrição. Sua compreensão vai ao encontro das teses de Perls. A partir das elaborações deste, Pimentel (2005) formula ideias que procuram alinhar os processos orgânicos da mastigação e digestão e os processos da nutrição psicológica, chegando à formulação das categorias “metabolização” e “nutrição psicológica” para diferenciar os processos digestivos orgânicos – especialmente a mastigação, que é o primeiro ato que principia a digestão alimentar pela utilização dos diferentes tipos de dentes – dos processos psicológicos que trabalham para a configuração do “eu”. A categoria “nutrição psicológica”, que se concretiza pela metabolização psicológica – a qual formulou com suporte na definição de Piaget – pode ser, para Pimentel, uma colaboração conceitual para se aperfeiçoar a semente plantada por Perls em suas postulações sobre o tema da agressão. Nutrição psicológica designa “o provimento de alimentos afetivos indispensáveis para a formação da auto-estima e do autoconceito saudáveis, além da capacidade de reconhecimento do outro” (p. 23).

No sentido concreto, ancorada em pesquisas da odontologia, explica que crianças e adolescentes costumam engolir e deglutir pedaços grandes de alimento, e que seu sistema digestivo é apto a lidar com porções grandes. Sendo assim, considerando essas características, formula a hipótese de que a nutrição psicológica é um processo mais lento do que a nutrição orgânica, que ocorre de forma mais acelerada nos primeiros anos de vida devido a essa capacidade digestiva das crianças e adolescentes. Vale mencionar que essa constatação de que crianças e adolescentes têm condição de digerir grandes pedaços se configura em uma importante discordância da declaração de Perls (1942/2002) de que o estômago é uma fina pele que precisa dos alimentos muito bem liquefeitos desde a mais tenra infância para uma digestão adequada.

Pimentel (2005), com suporte em Piaget, propõe que a nutrição psicológica se atualiza com o tempo, uma vez que a criança não concretiza de forma plena a metabolização psicológica do alimento mental, pois opera, no plano cognitivo, no âmbito sensório-motor de operações concretas, além de razões culturais, educacionais e instrucionais, já que não é orientada para se preparar para exercer sua vontade. Assim, os processos cognitivos de abstração se inscrevem na adolescência, fase esta que deve

ser compreendida como tangenciada por vivências de uma série de modificações subjetivas corporais e sociais.

Por fim, Ribeiro (2006), similarmente a Perls, define agressividade, agressão e agredir como aspectos da mesma realidade, em mútua participação: “agressividade é um processo humano, inato, que provoca na pessoa uma complexa sensação de expansão, de ir além de si mesma, de correr riscos, de ampliar limites, de terminar o começado. É um instinto a favor da vida (...)” (p. 59). Segue argumentando que agredir é um gesto que visa causar dificuldades a outrem. Considera que, por vezes, é uma resposta; outras vezes, é um impulso com determinado nível de consciência, mas que aparenta um movimento em que uma ou as duas pessoas excedem os limites do convívio normal para atacar ou se defender da outra, podendo ainda ser uma ação da pessoa contra si própria. Acrescenta que, na base da agressão, está um não reconhecimento da relação parte-todo da pessoa, ou seja, da relação pessoa-ambiente, pois a agressão emerge frente a um sentimento de invasão da própria privacidade, intimidade, singularidade e totalidade. A agressividade, que se encontra na origem tanto do agredir quanto da agressão, “tem algo de existencial, de sentido de vida, na medida em que expressa um momento de autopreservação, uma tentativa de auto-regulação orgânica ou de ajustamento criativo” (p. 60). Ribeiro destaca que falar de agressividade é diferente de se falar de uma pessoa agressiva, uma vez que agressividade tem o escopo de instrumentalizar ou regulamentar a relação entre diferentes, estando, não raras vezes, atrelada à baixa autoestima, desesperança, dentre outros. Para o comentador, adoce-se quando se utiliza mal o instinto de agressividade, de modo que alguns bloqueios de contato também são carência de agressividade, ou refletem o uso indevido dela.

2.2.2. Na Literatura Estrangeira

A literatura estrangeira analisada aqui, de um modo geral, aprofunda mais o estudo sobre a agressão e apresenta diferentes e inovadoras perspectivas, porém, envereda mais para o estudo da agressão hostil. Smith (2007) se dedica a apontar as semelhanças entre a teoria da agressão de Perls e o pensamento de Nietzsche, argumentando com propriedade e com muitos exemplos, a fim de atribuir a origem dessa teoria ao filósofo. Como o foco deste trabalho não é a origem do conceito, esta não será examinada por ora.

Staemmler (2009), em sua obra *Aggression, Time, and Understanding: contributions to the evolution of Gestalt Therapy*, explica que almeja por mudanças e

desenvolvimentos na teoria da agressão na GT que sejam mais adequados do que a teoria original, para alcançar seus objetivos a respeito do questionamento sobre como é possível, enquanto cidadãos, nos educar para a paz (fazendo alusão a um dos ensaios de Laura Perls) e sobre como, enquanto psicoterapeutas, podemos apoiar nossos clientes a descobrir formas pacíficas de lidar com os desafios com os quais a vida os confronta. Acrescenta que seu ponto de vista difere essencialmente daquele dos Perls, apontando críticas à teoria e ao método da agressão; e revela, ainda, que as opiniões críticas que sustenta receberam suporte adicional de pesquisas acadêmicas em Psicologia, dos conhecimentos e estudos de vários aspectos práticos e teóricos da psicologia e espiritualidade budistas. Vale mencionar que o posicionamento budista de Staemmler é um fator capital em toda sua fundamentação, e ele acredita que sua proposta levará a uma revisão da teoria.

Staemmler (2009) não vislumbra a agressão como uma força positiva de vida, e discorda que se deve olhar para o alimento mental do mesmo jeito que se olha para o alimento físico. Ele questiona se Perls tirou tal relação de uma analogia, de um isomorfismo ou da causalidade, e critica a atribuição de um determinado estilo de ser humano a cada estágio do desenvolvimento dental. Assim, comunga da mesma observação de From e Miller (1997) – embora estes últimos tenham comunicado que esta ideia amadurece na obra de 1951: o entendimento de Perls sobre a agressão é intrapsíquico, exclusivamente uma função intrapsíquica, não representa intervenção no mundo, uma emoção expressa ou sentimento experienciado, e que deriva do processo biológico da comida ingerida e da digestão; além disso, Perls coloca o crescimento e bem-estar individual em primeiro lugar, posto que aparentemente para ele sociedade e comunidade eram forças opositoras e opressoras, prejudiciais ao sujeito. Para Staemmler, o que é experienciado nesse contexto é a fome, não irritação, incômodo ou raiva. Ninguém sente tais sentimentos contra a comida e deseja aniquilá-la, de modo que a destruição que ocorre da comida é funcionalmente necessária, não tendo nada a ver com a agressão ou destruição à qual nos referimos todos os dias. Em relação ao material cognitivo vale a mesma lógica: as pessoas podem pensar sobre muitos assuntos sem que estejam acompanhados de uma experiência agressiva. Tanto na fala coloquial como na científica, alega o comentador que agressão geralmente denota um ataque ofensivo, associado à raiva.

No entanto, a confusão, elucida Staemmler, vem do fato de o próprio Perls se referir muitas vezes ao termo “agressão” com o mesmo significado presente na

linguagem cotidiana e na científica, na obra de 1942. Portanto, a agressão a que Perls se remete não tem nada a ver com a compreensão costumeira que se tem de agressão. É, antes, uma função do organismo. Assim como Perls acreditava que a atividade da agressão interna é necessária para um metabolismo saudável, ele também entendia que externalizar agressão contra a pessoa responsável pelo sentimento hostil é necessário para manter a saúde psicológica. Staemmler (2009) contesta a noção de que a experiência de raiva ou de sentimentos agressivos colocada como um processo natural seja de fato um processo natural. Isso traduz uma equivocada noção de normalidade. Ademais, uma discussão crítica sobre a noção de catarse até hoje quase não teve lugar. Afora isso, o exame da teoria da agressão dental tem sido esquecido. Quem mais tem cuidado disso, segundo ele, é Petzold⁴. O problema é que os efeitos nocivos da expressão da agressão são bem menos conhecidos do que os efeitos da inibição e repressão dela. De fato, retrofletir agressividade tem consequências sérias, mas não tão pronunciadas quanto as da expressão da raiva.

Nesse momento, parece oportuno lembrar que Perls, tanto no manuscrito de 1942 quanto em sua autobiografia, de 1969, sustenta que a descarga sem sentido e sem direção é insuficiente, pois está se tratando de um processo de maturação do sujeito, e no documento de 1951, Perls, Hefferline e Goodman dão a entender não que encorajam a descarga pura e catártica, mas que não a impedem, não proíbem expressões agressivas em terapia para que o paciente possa se perceber se censurando e se retraindo. Sobre o controle da raiva, Staemmler censura o entendimento dos gestalt-terapeutas que se assentam na teoria paradoxal da mudança para se agarrar à ideia de que o autocontrole arbitrário e o controle deliberado da agressão não são suficientes, pois, para ele, adversativamente, a mudança não é assim passiva e a tentativa de controle não irá levar a alguma patologia. Há várias estratégias que podem ser aplicadas. Quando a hostilidade emerge, ela deve ser ativamente controlada, a pessoa deve interromper sua efetivação. E, com base na Teoria da Avaliação, deve-se também, segundo Staemmler, observar e debater o padrão de avaliação dos clientes sobre situações agressivas, especialmente se tendem a justificar suas respostas agressivas a partir do comportamento do outro.

De acordo com Staemmler, um outro argumento na GT que procura justificar um cunho positivo para a agressão é a invocação de sua etimologia, tal qual se observa em

⁴ Refere-se a: Petzold, H. G. (2006). Aggressionsnarrative, Ideologie und Friedensarbeit – Integrative Perspektiven. In F.-M. Staemmler & R. Merten (Eds.), *Aggression, Selbstbehauptung, Zivilcourage – Zwischen Destruktivität und engagierter Menschlichkeit* (pp. 39-72). Bergisch Gladbach: Edition Humanistische Psychologie.

Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997), que dizem que agressão, originalmente no latim, significava apenas se aproximar de algo. Ocorre que, para Staemmler, essa transposição do termo se deu de forma incorreta e a-histórica, uma vez que agressão, hoje, denota outro tipo de comportamento. Sobre a metáfora “metabolismo mental” de Perls, Staemmler advoga que ela é velha para as perspectivas atuais com base em vastas evidências de novas pesquisas em psicologia do desenvolvimento, da emoção e da cognição. Alude que, no tempo de Fritz, já havia conhecimento disponível, como por exemplo os providos pela Psicologia da Gestalt, que se opunham às suas considerações. Além disso, Staemmler relata que tal metáfora não é baseada numa observação de crianças, já que nem Freud nem Fritz alimentaram algum infante na vida. Ademais, enquanto a digestão física é involuntária e não consciente, o processamento do conteúdo mental é sempre conectado com uma direção voluntária de atenção e com pensamento consciente, o que é verdadeiro a despeito de a maioria dos processos cognitivos não se darem conscientemente. Não se pode atribuir reflexões mentais aos órgãos digestivos, e processos mentais são dialógicos, diferentemente da digestão.

Faz-se oportuna mais uma consideração nesse ponto: embora Perls nunca tenha alimentado alguma criança para testar sua teoria, Laura Perls o fez, e é uma das responsáveis pela origem dessa teoria, conforme conta em uma entrevista feita por Bernard (1986) e em Laura Perls (1988). Staemmler (2009) ainda questiona que tipo de crescimento exatamente a agressão propicia. Denuncia que uma definição qualitativa de crescimento não é encontrada nos escritos de Perls. Sobre esse entendimento de Staemmler, abre-se outro parêntese: Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997) definem crescimento como: “aumento de tamanho, restauração, procriação, rejuvenescimento, recriação, assimilação, aprendizagem, memória, hábito, imitação, identificação” (p. 225). Todos corolários do ajustamento criativo. A alimentação, que transforma o não semelhante em semelhante, é similar à aprendizagem quando esta é digerida e assimilada, e não engolida inteira. Ela não poderá ser usada diferentemente de nossa muscularidade, por exemplo. Quem cresce é o organismo, e não o *self*. Desse modo, Fritz não se refere somente a crescimento quantitativo.

Na sequência, Staemmler (2009) explica a necessidade de se distinguir as categorias motivacionais do ser humano como, por exemplo, distinguir reação de aversão por antagonismo ou retirada (= agressão) da necessidade de exploração e afirmação, pois, para a psicologia motivacional (respaldada na neurociência) e do desenvolvimento, mais do que uma questão de diferenciação terminológica, a

necessidade de afirmação visa colocar as próprias necessidades e desejos na frente, mas não pretende prejudicar ninguém. Já a motivação por trás da agressão tem essa meta. Segundo Staemmler, os Perls reconhecem tais motivações, mas as colocam na mesma categoria “agressão”. Com isso, conclui que não se pode mais justificar qualquer apoio à exposição de raiva dos clientes, ainda que em fantasia, especialmente em clientes que já são agressivos. A cada expressão de raiva, o padrão neuronal agressivo é fortalecido, o que tem sido confirmado em pesquisas psicológicas sobre a agressão.

O melhor método então seria primeiro identificar quais fatores normalmente fomentam raiva e ódio, a origem do sentimento hostil. Nesse sentido, a inferência do comentador é que, no contexto clínico, se promova o fortalecimento da resiliência e da autoconfiança, reduzindo as chances de se utilizar da agressão como recurso. A verdadeira autoconfiança carece de defensividade. O melhor é claramente discernir o sistema motivacional respectivo. Nesse trecho, também encontramos correspondência com Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997) e Perls (1975/1977), que deduzem algo parecido ao afirmar que, na vida real, ao obter uma resposta leve de alguém que uma pessoa acabou de insultar, esta cai em si.

Por fim, Staemmler conclui que a teoria da agressão na GT clássica, tal qual proposta por Perls, não passou no teste de escrutínio. É inconsistente e terminologicamente confusa. Sua base é uma metáfora conceitual enganosa (“metabolismo mental”). Em contraste com a tradição em GT, o comentador apoia que *falar de* (grifo dele) raiva pode ser um instrumento de redução da prontidão para raiva e agressão. Quanto à expressão catártica, não só foi refutada como provado que eleva a agressão subsequente.

Em artigo que discute e contesta o posicionamento de Staemmler de que a raiva é somente destrutiva e de que não há agressão positiva, Skovgaard e Winther-Jensen (2015) discordam e acrescentam que há um potencial de cura na raiva consciente. Porém, consideram que há um problema de ideologia e definição no texto de Staemmler, manifesto no fato de demonstrar desgosto por todas as formas de raiva e especificamente por uma falta de distinção entre diferentes expressões de agressão. Com isso, a raiva cotidiana e a raiva patológica acabam por parecer do mesmo tipo. Consideram, como Winnicott, que expressões concretas de raiva podem auxiliar as crianças a se ajustarem à realidade e a abandonarem ideias mágicas de aniquilação do mundo, e apontam uma pesquisa em que, se entendida como contato, a agressividade da

criança manifestada contra pais pouco atenciosos tende a desaparecer na maturidade (comportamento descrito como “agressão proativa”).

Skovgaard e Winther-Jensen (2015) relatam que têm a impressão de que Staemmler pensa a raiva como um fenômeno geralmente prejudicial que sempre deve ser transformado em outra coisa. A raiva seria parte da natureza humana, e ressentimento e *acting-out* (encenação, “por para fora”) não são iguais à raiva. Esta, portanto, pode ser não só construtiva como também necessária ao desenvolvimento mental. A raiva é relacional, e pode representar uma forma real de contatar a realidade, bem como um meio de contato, como apontam algumas pesquisas. Assim, definem raiva, concordando com Winnicott, como uma reação à frustração, e como fonte de energia pessoal. Já a agressão deve ser entendida, para elas, em sentido amplo, ou seja, como limite, integridade, foco, iniciativa e empreendimento. Esse é o sentido de agressão construtiva que elas aplicam em termos de personalidade. Skovgaard e Winther-Jensen (2015) são da opinião de que a raiva pode ser empoderadora e útil em um diálogo. Neste caso, seria uma raiva consciente. A raiva inconsciente, raiva confusa, que é a expressa de maneira mais destrutiva. Apontam alguns estudos que corroboram nessa matéria. Na terapia, um cliente pode testar diferentes expressões de raiva e experienciar quando e como isso é suficientemente flexível e afiado. Assim, fundindo controle e abertura, almeja-se que o cliente obtenha controle de sua raiva pelo reconhecimento dela e escolha a expressão adequada para ela.

Staemmler e Staemmler (2015), em réplica, basicamente retomam o já apontado na obra que fora criticada por Skovgaard e Winther-Jensen (2015), não considerando útil subsumir divergentes fenômenos sob a mesma excessivamente ampla categoria “agressão”. Dessa forma, os estudiosos que ainda mantêm esse posicionamento terão que rever e reestabelecer a diferenciação de termos e categorias, utilizando-se de diferentes palavras, e deixar de usar expressões como “agressão inclusiva” *versus* “agressão exclusiva” (em menção a Lichtenberg, 2012).

Após ler o livro de Staemmler (2009) e o artigo de Skovgaard e Winther-Jensen (2015), Yontef (2015) afirma que, sobre o modo como Perls trabalha com o termo “agressão” em sua obra – sem distinguir entre a agressão enquanto construção e enquanto destruição hostil –, “a eventual percepção de que há uma energia comum que o organismo utiliza em todos os níveis, desde o biológico ao ajustamento criativo a nível global pode ser útil, se explicada. Mas, da forma como está, é simplista, confusa e enganosa” (p. 1). Um debate em GT sobre raiva e comportamento em que há raiva

(“comportamento agressivo”) torna-se colorido pelo uso contraditório do vocábulo agressão e por questões simplistas e binárias, tais como: será que é destrutivo? A raiva, para ele, é um afeto que pode ser experienciado com uma ampla gama de níveis de conscientização e que pode ser expresso em uma variedade de comportamentos, e é relacional. Na prática clínica, Yontef acredita ser muito importante diferenciar raiva e fúria. “Fúria” sempre carrega outros componentes emocionais além da raiva, como sentimentos de impotência, vergonha, humilhação, medo ou desespero. Todavia, a raiva simples no contato pode levar à reconciliação ou a tristeza e equanimidade. Fúria, raiva e ódio não são a mesma coisa.

Yontef (2015) concorda com Staemmler (2009) no tocante à catarse, e diz que experiências catárticas têm utilidade limitada. Mas aponta que alguns ajustamentos requerem imposições ao ambiente pelo indivíduo. Isso é agressão ou assertividade? Saudável ou destrutivo? Depende, responde ele. O que é necessário na situação imediata? Há modos mais efetivos de atingir a meta desejada? O custo é mais oneroso do que os efeitos benéficos para o indivíduo e para o ambiente? Para ele, a questão não é se a raiva é inerentemente destrutiva, e sim quão bem uma pessoa está consciente de sua raiva e comportamentos que estão surgindo a partir dela. Quanto a estar consciente da raiva, tanto Skovgaard e Winther-Jensen (2015), quanto Staemmler (2009) e Yontef (2015) estão de acordo. Yontef assinala que, no trabalho clínico, um sentimento precisa ser entendido, experimentado, aceito e tolerado ao invés de julgado como destrutivo ou útil. É necessário saber como a raiva é experienciada e libertar a experiência da obrigação de mudança para algo novo a surgir e se desenvolver. Com a consciência suficientemente ampla e profunda, sentir a raiva pode levar à paz ou pode significar o comportamento assertivo. A teoria da terapia da Gestalt iria melhorar com o apoio de melhorias semânticas.

Outro trabalho interessante sobre o tema é o de Lichtenberg (2012), que advoga a favor do que chama de “agressão inclusiva e exclusiva”, defendendo a ideia de que, se o homem puder lidar com a agressão na vida cotidiana para promover modos de ser agressivo que constroem comunidade e para bem gerir os modos que são destrutivos do bem-estar comum, poderá mudar a forma como o mundo funciona e contribuir para um futuro mais pacífico. O comentador informa que, dentro dos campos da GT, da psicanálise e da psicologia social existem concepções concorrentes de agressão, e que seu objetivo é observar as alternativas e tentar apoiar a perspectiva provocante

introduzida pelo texto fundador da GT, visando atualizar a visão relacional de agressão implícita no texto original, que careceu de explicação adequada.

Lichtenberg (2012) toma como pano de fundo os estudos de Staemmler e de Jessica Benjamin, sobre psicanálise relacional (esta apresentaria uma visão que se coadunaria com a da GT clássica). Para Lichtenberg, a agressão é mal-entendida no uso do senso comum porque é sempre associada a guerras entre nações e dentro delas, enquanto que, para ele, não há relação humana sem agressão uma vez que não há relacionamentos sem pessoas energeticamente se apresentando a outras. O esforço na relação e na interação com outros e para com os outros é a essência da agressão. Ao explorar o mérito da agressão em seus aspectos inclusivos e exclusivos, distingue a agressão positiva da negativa. Para tanto, diferencia orientações que partem de uma Gestalt saudável ou de uma Gestalt neurótica. Assim, agressão significa uma coisa dentro de uma orientação inclusiva e algo completamente diferente em uma orientação exclusiva. Nessa direção, Lichtenberg cita outro trabalho seu, de 1988, em que desenvolveu o que chamou de “dispositivos”. No extremo positivo ideal estaria uma disposição rotulada de “expectativa confiante”; no extremo negativo, estaria uma disposição referida como “antecipação ambivalente essencial”. Assim, as pessoas poderim ser “alocadas” nesse *continuum*, de acordo com seu jeito típico de ser. Admite ter colocado tais dispositivos dentro de uma tradição psicanalítica. Com isso, ele delineou algumas definições de agressão nas duas orientações ou disposições: uma agressão inclusiva, abalizada na confiança de que nossas necessidades serão cumpridas; e uma agressão exclusiva, respaldada na expectativa de que todos os ganhos têm custos. Em ambos os casos, a agressão é um *self* enérgico, vigoroso, assertivo ou protetor nas relações humanas. É a energia de ação.

Na sua forma inclusiva, agressão aparece no processo de se engajar de um modo conectado e mantém o envolvimento com aqueles que são objeto da nossa atenção. Na forma exclusiva, agressão aparece como a energia nos processos que diminuem ou negam o outro na relação, ou, alternativamente, diminui ou nega a si mesmo no relacionamento. A ambiguidade da agressão, assim, é que ela pode unir ou dividir, incluir ou excluir, igualar ou se opor à igualdade, dependendo se seu sustentáculo é uma Gestalt saudável ou neurótica (Lichtenberg, 2012). Na sua forma inclusiva, ser agressivo é energeticamente promover um “Eu” e um “Tu” distintos no relacionamento. O excesso de energia usado em dominar ou negar os outros é melhor visto como uma indicação de sentimentos de vulnerabilidade não aceitos pela pessoa.

Em seus estudos sobre iniciativa, o comentador lembra que, ainda que não se tenha o costume de se vislumbrar iniciativa como agressão, como pronunciaram Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997), ao se tomar a agressão como a energia de ação observa-se a iniciativa como uma força trazendo algo para uma interação, podendo ser inclusiva ou exclusiva, unificadora ou segregadora, gratificante e eficaz ou frustrante e ineficaz, dependendo de como ela foi conectada à responsividade/responsabilidade.

Já sobre assertividade, Lichtenberg (2012) considera que esta refere-se a afirmar com segurança, confiança ou força; ser assertivo é também ser agressivo. Aponta ainda que Staemmler teria observado duas concepções de Laura Perls de agressão (as variantes positivas e negativas) como pertencentes a dois sistemas motivacionais diferentes. Assim, menciona a diferença entre “necessidade de exploração e afirmação” e “necessidade de reagir aversivamente através de antagonismo ou retirada (ou ambos)”, Porém, segundo Lichtenberg (2012), se aplicar a ideia de ambiguidade universal de Angyal neste contexto, os dois sistemas motivacionais podem estar localizados dentro das *Gestalten* saudável e neurótica. Deste modo, a visão de Laura Perls de agressão comporta tanto a agressão dentro de uma Gestalt saudável quanto a agressão dentro de uma Gestalt neurótica; ao passo que a visão de Staemmler e Joseph Lichtenberg de dois sistemas motivacionais simplesmente divide o problema em agressão (Gestalt neurótica) e exploração-afirmação (Gestalt saudável).

Lichtenberg reconhece que, por um lado, a assertividade não tem a conotação de diminuir ou negar o outro, como a agressividade é muitas vezes (falsamente) acusada de ter, pois é geralmente concebida como agressão exclusiva. Por outro lado, assertividade se refere apenas ao “Eu” do contato e omite qualquer atenção para o outro. Ser agressivo é apoiar o outro a tornar-se uma figura distinta, tanto quanto sugere uma apresentação energética de si. Em vez de diminuir o outro, agressão inclusiva promove a individualização e clareza do outro. Assertividade poderia fazer isso também, mas então teria que ser redefinida como assertividade inclusiva e pouco se ganharia sobre o uso de “agressão”.

Assim, colocando em um contexto relacional, a raiva expressa seria bem diferente se: 1) O ofendido enfatizar apenas as origens de percepção de sua raiva, a sua ação; e 2) O ofendido der igual peso para a sua própria contribuição ao seu sentimento de raiva. Quando alguém é objeto de agressão, esta é experienciada pela pessoa de forma bastante diferente se a agressão é de caráter inclusivo ou exclusivo, e a pessoa também administra a agressão de forma diferente se ela carrega uma Gestalt saudável

ou neurótica para o relacionamento. Em terapia, o desafio é experimentar plenamente o impacto das ações do agressor para discriminar o que é a sua própria contribuição para a agressão sentida e para o desamparo, e o que está sendo projetado pelo agressor (Lichtenberg, 2012).

Por fim, Lobb (2015) também depõe a favor de Perls ao dizer que a força espontânea, positiva e agressiva tem função de sobrevivência e de interligação social. Em GT, fala-se de “intencionalidade de contato” e, ao fazê-lo, considera-se tanto a força fisiológica “agressiva” que acompanha o movimento de ir ao outro, quanto a evidência do ser-aí-com, a fisiologia constitutivamente relacional do ser humano.

Considerações Finais

As discussões apresentadas demonstram que não há unanimidade quanto à compreensão da proposta perlsiana da teoria da agressão. De um modo geral, a maioria dos comentadores alega entender e apoiar a ideia da agressão dental enquanto uma função biológica necessária à manutenção orgânica, fundamental para o crescimento do organismo e para a interação organismo/meio. Nesse sentido, corroboram com o papel positivo da agressão no contato, no manejo de conflitos, na assimilação do novo e na discriminação do conteúdo nutritivo do meio. No entanto, o debate envereda para a agressão hostil e se mantém na seara da análise da positividade e da negatividade desta. A maior parte dos comentadores igualmente acompanha o entendimento de Fritz de que a agressão hostil é do mesmo modo produto da natureza e tem uma importante função na equilibração orgânica, podendo ter um viés positivo nesse processo de preservação do ser e de contato com o meio, e um viés negativo, quando prejudicial a si ou a outrem. Nesse compasso, a agressão dental acaba sendo deixada um pouco de lado.

No geral, portanto, o tema ainda foi pouco estudado e permanece indefinido. Não foram encontrados estudos que procuraram refutar ou confirmar a teoria da agressão dental, a partir do acompanhamento do desenvolvimento de crianças e a relação (ou não) deste com o desenvolvimento dentário, o que poderia encerrar a questão. No que tange à agressão no sentido de hostilidade, os comentadores apresentam estudos que “comprovam” tanto que a agressão hostil não tem função positiva alguma e pode progredir se não for impedida, quanto que apontam para uma função positiva de sua expressão, especialmente seu papel no contato com o outro e o quanto de autoconhecimento a conscientização do uso da agressão pode trazer. Apenas Staemmler (2009) se posicionou completamente contra as duas formas de agressão.

Porém, não aponta nenhuma pesquisa que tenha acompanhado crianças ao longo de sua maturação para avaliar a influência do desenvolvimento dentário nelas, apenas menciona que as pesquisas do desenvolvimento não acolhem a teoria, sem dizer que tipo de pesquisas são essas.

Nesse cenário, se se tomar os entendimentos de Ribeiro (2006) e Lichtenberg (2012), pode-se considerar que há um fundo de agressividade em qualquer atividade humana, mesmo na motivação de exploração e de assertividade, pois não há relação sem agressão, já que esta promove o encontro, o que também se depreende dos pressupostos de Perls. Mas, no caso deste, fica difícil definir qual das duas agressões compõe este fundo, embora pareça referir-se à agressão dental, já que a toma como função biológica, base da iniciativa de ida ao mundo. Ainda que Ribeiro diferencie agressividade de agressão, ambas as concepções precisam ser melhor clarificadas na GT. Com isso, do ponto de vista clínico, permanece a dúvida sobre se se deve frustrar ou não a expressão agressiva do cliente. Considerando-se que a catarse foi criticada na literatura estrangeira analisada, caberia uma revisão de sua utilização na GT brasileira.

Por fim, a diferenciação do significado de raiva, ódio, fúria e agressão permanece pouco estabelecida; bem como a relação de ambas as agressões segue pouco clara, posto que foi abalizada somente por Staemmler (2009) – Yontef (2015) explorou essa relação apenas minimamente –, que optaria por jogar fora toda a teoria da agressão dental e, com isso, desfazer o laço entre elas. Verificou-se, assim, um certo avanço na discussão teórica do conceito somente na GT estrangeira. No Brasil, pesquisas como a que ora apresentamos podem abrir novos horizontes e proporcionar revisões da teoria, bem como oferecer mais lógica à prática, principalmente considerando os avanços na lida com a agressão hostil e com o método catártico, agora posto em xeque. Todos os comentadores americanos apresentam formas de manejo alternativas que devem ser consideradas.

Referências

- Bernard, J. M. (1986). Laura Perls: from ground to figure. *Life Lines. Journal of Counseling and Development*. February, 64, 367-373.
- Faria, N. J. (2005). Gestalt-Terapia, Subjetividade e Cultura. Em Holanda, A. F. & Faria, N. J. (Orgs.). *Gestalt-terapia e Contemporaneidade: contribuições para*

- uma construção epistemológica da teoria e da prática gestáltica.* (p. 57-82). Campinas: Livro Pleno.
- Fittipaldi, A. Q. (2007). *Construindo uma cultura de paz: a abordagem gestáltica como um instrumento.* 123f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Brasília, Brasília.
- Frazão, L.M. & Fukumitsu, K.O. (2014). *Gestalt-Terapia. Conceitos Fundamentais.* São Paulo: Summus.
- From, I. & Miller, M. V. (1997). Introdução à edição do *The Gestalt Journal*. Em Perls, F. S.; Hefferline, R.; Goodman, P. (1951/1997). *Gestalt-terapia.* São Paulo: Summus.
- Helou, F. (2013). *Frederick Perls, inquietações e travessias: da Psicanálise à Gestalt-terapia.* 144f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) - Universidade de Brasília, Brasília.
- Helou, F. (2015). *Frederick Perls, vida e obra: em busca da Gestalt-terapia.* São Paulo: Summus, 2015.
- Holanda, A. F. (2005). Elementos de epistemologia da Gestalt-terapia. Em Holanda, A. F.; Faria, N. J. (Orgs.). *Gestalt-terapia e Contemporaneidade: contribuições para uma construção epistemológica da teoria e da prática gestáltica.* (p. 23-55). Campinas: Livro Pleno.
- Holanda, A. F. (2009). Gestalt-terapia e abordagem gestáltica no Brasil: análise de mestrados e doutorados (1982-2008). *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, RJ, ano 9, 1, 98-123. Em <http://www.revipsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a09.pdf>.
- Holanda, A. F. & Karwowski, S. L. (2004). Produção Acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de Mestrados e Doutorados. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 24(2), 60-71.
- Lichtenberg, P. (2012). Inclusive and Exclusive Aggression: Some (Gestalt) Reflections. *Gestalt Review*, 16(2), 145-161.
- Lobb, M. S. (2015). Fundamentals and development of Gestalt Therapy in the contemporary context. *Gestalt Review*, 19(2), 1-24.
- Loffredo, A. M. (1992). De cotovelos apoiados no para-peito da palavra: no cenário clínico, qual é o horizonte? 264f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

- Müller-Granzotto, M. J.; Müller-Granzotto, R. L. (2007). Perls leitor de Freud, Goldstein e Friedlander e os primeiros ensaios em direção a uma psicoterapia gestáltica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 7(1), 42-55.
- Perls, F. S. (2002). *Ego, Fome e Agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud*. São Paulo: Summus. (Original em 1942).
- Perls, F. S. (1979). *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo*. São Paulo: Summus. (Original em 1969).
- Perls, F. S. (2011). *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*. Rio de Janeiro: LTC. (Original em 1973).
- Perls, F. S. (1977). Moral, Fronteira do Ego e Agressão. Em Stevens, J. O. (org.). *Isto é Gestalt*. (p. 49-61). São Paulo: Summus. (Original em 1975).
- Perls, F. S.; Hefferline, R.; Goodman, P. (1997). *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus. (Original em 1951).
- Perls, L. (1988). A conversation with Laura Perls. Em J. Wysong e E. Rosenfeld (Orgs.), *An oral history of Gestalt Therapy: interviews with Laura Perls, Isadore From, Erving Polster, Miriam Polster, Elliot Shapiro*. (p.3-25). Gouldsboro, Maine, USA: *The Gestalt Journal Press*.
- Perls, L. (1994). *Vivendo en los límites*. Valência: Promolibro. (Original em 1992).
- Pimentel, A. (2005). *Nutrição Psicológica: desenvolvimento emocional infantil*. São Paulo: Summus.
- Ranaldi, C. (2007). Agressão. Em Gladys D'Acari, Patrícia Lima & Sheila Orgler (Orgs.). *Dicionário de Gestalt-Terapia. "Gestaltês"* (p. 19-20). São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (2005). A natureza epistemológica da abordagem gestáltica: Gestalt-terapia como processo. Em Holanda, A. F.; Faria, N. J. (Orgs.). *Gestalt-terapia e Contemporaneidade: contribuições para uma construção epistemológica da teoria e da prática gestáltica*. (p. 145-169). Campinas: Livro Pleno.
- Ribeiro, J. P. (2006). *Vademecum de Gestalt-terapia: conceitos básicos*. São Paulo: Summus.
- Skovgaard, R.; Winther-Jensen, L. (2015). The Question of Anger: on Frank and Barbara Staemmler's critique of Perls. *Gestalt Review*, 19(3), 196-211.
- Smith, E. W. L. (2007). Gestalt Therapy and the Concretization of Nietzsche's Metaphor. *Gestalt Review*, 11(3), 207-216.

- Staemmler, B. & Staemmler, F-M. (2015). Aggression or Self-Assertion? Response to Skovgaard and Winther-Jensen. *Gestalt Review*, 19(3), 212-219.
- Staemmler, F-M. (2009). *Aggression, Time, and Understanding: contributions to the evolution of Gestalt Therapy*. New York: Routledge.
- Yontef, G. (2015). Considering Anger and Aggression: response to Skovgaard and Winther-Jensen. *Gestalt Review*, 19(3), 220-223.

REFLEXÕES FINAIS SOBRE UMA *GESTALT* QUE SEGUE ABERTA...

Após concluído o trabalho, pode-se dizer que escarafunchar o trabalho dos Perls no terreno da teoria da agressão foi uma aventura árdua e um tanto frustrante, posto que pouco conclusiva, dada à própria exposição confusa da teoria nas obras de Fritz, à falta de um melhor desenvolvimento dela na GT e, por que não dizer, à personalidade lacunar de Fritz e à não responsabilização de Laura por assinar seu trabalho e contribuir com sua qualidade de acadêmica, o que poderia ter levado a uma sistematização mais satisfatória da teoria. No entanto, a tarefa a que me propus foi, ao mesmo tempo, gratificante tanto pela sensação de dever cumprido e de aumento do meu conhecimento teórico em GT quanto pelas expectativas positivas que tiro das conclusões a que chegamos, que, embora não muito animadoras, considerando as imprecisões da teoria, estão carregadas de potencial para o enriquecimento teórico e epistemológico da abordagem e para a prática clínica.

As origens da teoria da agressão na GT estão profundamente imbricadas com a psicanálise freudiana e com outros posicionamentos psicanalíticos, bem como encontra raízes em conceitos advindos de outras fontes, o que aponta para a conclusão de que a referida sistematização é necessária e poderá fortalecer a tradição teórica em exame. O fato de o próprio Perls parecer ir abandonando o tema ao longo de suas produções deve ser, paradoxalmente, mais um motivo para os gestaltistas darem seguimento ao legado dos principais criadores da GT.

A literatura estrangeira parece ter reconhecido um pouco mais a importância do estudo dessa teoria para a Gestalt e contribuiu principalmente com estudos do comportamento agressivo e a lida com este na clínica, contudo, os estudos no âmbito da agressão dental caminharam pouco. No Brasil, pesquisas como a ora apresentada podem abrir caminhos e fomentar revisões da teoria, além de oferecer mais recursos e instrumentos à prática.

Em suma, o presente estudo possibilitou o alcance de algumas importantes conclusões:

1. O significado da agressão, para a GT, diz de um sentido de si mesmo, de contato com o meio e de iniciativa;

2. A agressão está relacionada a conceitos fundamentais para a GT, como contato, ajustamento, figura/fundo, conflito e *self*, dada a função biológica da agressão enquanto instrumento da vida;

3. Notou-se necessidade de mais discussões sobre: a) agressão hostil, e a diferença de raiva e agressão, especialmente na literatura brasileira de Gestalt; b) relações entre fome e defesa, alimentação, violência, principalmente na contemporaneidade, fato já alertado por Helou (2015);

4. Ficou clara a necessidade de mais interlocuções com a psicanálise, o que outros comentadores também já apontaram;

5. Evidenciou-se a importância de uma revisão da clínica da agressão (catarse), especialmente na GT brasileira, pois a expressão catártica foi colocada em xeque nos EUA;

6. Restou igualmente clara a necessidade da realização de um estudo longitudinal do desenvolvimento para refutar ou acolher de vez a Teoria da Agressão, um estudo que acompanhasse a relação (ou não) do desenvolvimento dentário com o desenvolvimento da personalidade;

7. Por fim, a relevância da sistematização de uma teoria do desenvolvimento da personalidade para a GT igualmente mostrou-se indubitável, tanto por uma questão epistemológica, quanto por uma questão de consolidação dessa tradição teórica.

REFERÊNCIAS GERAIS

- Belmino, M. C. B. (2016). *Ontologia gestáltica: um ensaio sobre a teoria da experiência em Paul Goodman*. 367f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Bernard, J. M. (1986). Laura Perls: from ground to figure. *Life Lines. Journal of Counseling and Development*. February, 64, 367-373.
- Boris, G.D.J.B. (2002). Sobre Fritz Perls e “Ego, Fome e Agressão”. Em F. S. Perls (1942/2002). *Ego, Fome e Agressão* (p. 19-28). São Paulo: Summus.
- Demo, P. (2000). *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas.
- Faria, N. J. (2005). Gestalt-Terapia, Subjetividade e Cultura. Em Holanda, A. F. & Faria, N. J. (Orgs.). *Gestalt-terapia e Contemporaneidade: contribuições para uma construção epistemológica da teoria e da prática gestáltica*. (p. 57-82). Campinas: Livro Pleno.
- Fittipaldi, A. Q. (2007). *Construindo uma cultura de paz: a abordagem gestáltica como um instrumento*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Brasília, Brasília.
- Frazão, L. M. (1997). Apresentação à edição brasileira. Em F. S. Perls; R. Hefferline; P. Goodman (1951/1997). *Gestalt-terapia* (p. 7-10). São Paulo: Summus.
- Frazão, L. M. (2002). Apresentação à edição brasileira. Em F. S. Perls. *Ego, Fome e Agressão* (p. 9-10). São Paulo: Summus.
- Frazão, L.M. & Fukumitsu, K.O. (2014). *Gestalt-Terapia. Conceitos Fundamentais*. São Paulo: Summus.
- Freud, S. (1996). Além do princípio de prazer. Em *Além do princípio de prazer* (p. 11-75). Rio de Janeiro: Imago. (Original em 1920).

- Freud, S. (1996). Conferência XXXII: ansiedade e vida instintual. Em *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos* (p. 85-112). Rio de Janeiro: Imago (Original em 1933a).
- Freud, S. (1996). Esboço de psicanálise. Em *Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos* (p. 151-222). Rio de Janeiro: Imago (Original em 1940a [1938]).
- Freud, S. (1996). *O ego e o id* (p. 13-72). Rio de Janeiro: Imago (Original em 1923).
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. Em *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (p. 65-147). Rio de Janeiro: Imago (Original em 1930 [1929]).
- Freud, S. (1996). Os instintos e suas vicissitudes. Em *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos* (p. 115-144). Rio de Janeiro: Imago (Original em 1915).
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em *Um caso de histeria, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos* (p. 163-195). Rio de Janeiro: Imago (Original em 1905).
- From, I. & Miller, M. V. (1997). Introdução à edição do *The Gestalt Journal*. Em F. S. Perls; R. Hefferline & P. Goodman. *Gestalt-terapia* (p. 15-29). São Paulo: Summus.
- Ginger, S. & Ginger, A. (1995). *Gestalt: uma terapia do contato*. São Paulo: Summus.
- Goldstein, K. (1951). *Human Nature: in the light of psychopathology*. Cambridge: Harvard University Press.
- Gomes, G. (2001a). Os dois conceitos freudianos de *Trieb*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, 17(3), 249-255.
- Gomes, P. W. (2001b). *Gestalt-terapia: herança em re-vista*. 123f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – UNICAP, Recife.

- Goodman, P. (1977). *Nature Heals: the psychological essays of Paul Goodman*. New York: Free Life Editions.
- Helou, F. (2013). *Frederick Perls, inquietações e travessias: da Psicanálise à Gestalt-terapia*. 144f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) - Universidade de Brasília, Brasília.
- Helou, F. (2015). *Frederick Perls, vida e obra: em busca da Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Holanda, A. F. & Karwowski, S. L. (2004). Produção Acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de Mestrados e Doutorados. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 24(2), 60-71.
- Holanda, A. F. (2005). Elementos de epistemologia da Gestalt-terapia. Em A. F. Holanda; N. J. Faria (Orgs.). *Gestalt-terapia e Contemporaneidade: contribuições para uma construção epistemológica da teoria e da prática gestáltica* (p. 23-55). Campinas: Livro Pleno.
- Holanda, A. F. (2009). Gestalt-terapia e abordagem gestáltica no Brasil: análise de mestrados e doutorados (1982-2008). *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9 (1), 98-123.
- Horney, K. (2007). Cultura e neurose. *Revista da Abordagem Gestáltica*, XIII (1), 147-159 (Original em 1936).
- Houaiss, A.; Villar, M. S. (2009). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Huntingford, F. A. (2016). Aggressive behaviour. Em *Encyclopædia Britannica*. Encyclopædia Britannica Online. Encyclopædia Britannica Inc. Em <http://global.britannica.com/topic/aggressive-behaviour>.
- Japiassu, H. & Marcondes, D. (1990). *Dicionário Básico de Filosofia*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Jolivet, R. (1975). *Vocabulário de Filosofia*, Rio de Janeiro: Agir.

- Kyian, A. M. M. (2001). *E a Gestalt emerge: vida e obra de Frederick Perls*. São Paulo: Altana.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1985). *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lichtenberg, P. (2012). Inclusive and Exclusive Aggression: Some (Gestalt) Reflections. *Gestalt Review*, 16(2), 145-161.
- Lobb, M. S. (2015). Fundamentals and development of Gestalt Therapy in the contemporary context. *Gestalt Review*, 19(2), 1-24.
- Loffredo, A. M. (1992). De cotovelos apoiados no para-peito da palavra: no cenário clínico, qual é o horizonte? 264f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Loffredo, A.M. (1994). *A Cara e o Rosto*. Ensaio sobre Gestalt Terapia. São Paulo: Escuta.
- Mayer, E. L. (1986). Frederick S. Perls e a Gestalt-terapia. Em J. Fadiman e R. Frager, *Teorias da Personalidade* (p. 125-148). São Paulo: Harbra.
- Müller-Granzotto, M. J. & Müller-Granzotto, R. L. (2007). Perls leitor de Freud, Goldstein e Friedlander e os primeiros ensaios em direção a uma psicoterapia gestáltica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 7(1), 42-55.
- Perls, F. S. (1977). Moral, Fronteira do Ego e Agressão. Em J. O. Stevens (org.). *Isto é Gestalt*. (p. 49-61). São Paulo: Summus. (Original em 1975).
- Perls, F. S. (1979). *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo*. São Paulo: Summus. (Original em 1969).
- Perls, F. S. (2002). *Ego, Fome e Agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud*. São Paulo: Summus. (Original em 1942).

- Perls, F. S. (2002). Prefácio à edição de 1969 da Random House. Em F. S. Perls. *Ego, Fome e Agressão* (p. 35-36). São Paulo: Summus.
- Perls, F. S. (2011). *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*. Rio de Janeiro: LTC. (Original em 1973).
- Perls, F. S.; Hefferline, R.; Goodman, P. (1997). *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus. (Original em 1951).
- Perls, L. (1977). *Entendidos e mal entendidos em Gestalt-terapia*. Conferência de Laura Perls no Congresso da Associação Europeia de Análise Transacional, Áustria.
- Perls, L. (1988). A conversation with Laura Perls. Em J. Wysong e E. Rosenfeld (Orgs.), *An oral history of Gestalt Therapy: interviews with Laura Perls, Isadore From, Erving Polster, Miriam Polster, Elliot Shapiro*. (p.3-25). Gouldsboro, Maine, USA: *The Gestalt Journal Press*.
- Perls, L. (1994). *Vivendo en los límites*. Valência: Promolibro. (Original em 1992).
- Pimentel, A. (2005). *Nutrição Psicológica: desenvolvimento emocional infantil*. São Paulo: Summus.
- Ranaldi, C. (2007). Agressão. Em Gladys D'Acri, Patrícia Lima & Sheila Orgler (Orgs.). *Dicionário de Gestalt-Terapia. "Gestaltês"* (p. 19-20). São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (1985). *Gestalt-terapia: refazendo um caminho*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (2005). A natureza epistemológica da abordagem gestáltica: Gestalt-terapia como processo. Em Holanda, A. F.; Faria, N. J. (Orgs.). *Gestalt-terapia e Contemporaneidade: contribuições para uma construção epistemológica da teoria e da prática gestáltica*. (p. 145-169). Campinas: Livro Pleno.
- Ribeiro, J. P. (2006). *Vademecum de Gestalt-terapia: conceitos básicos*. São Paulo: Summus.

- Skovgaard, R.; Winther-Jensen, L. (2015). The Question of Anger: on Frank and Barbara Staemmler's critique of Perls. *Gestalt Review*, 19(3), 196-211.
- Smith, E. W. L. (2007). Gestalt Therapy and the Concretization of Nietzsche's Metaphor. *Gestalt Review*, 11(3), 207-216.
- Staemmler, B. & Staemmler, F-M. (2015). Aggression or Self-Assertion? Response to Skovgaard and Winther-Jensen. *Gestalt Review*, 19(3), 212-219.
- Staemmler, F-M. (2009). *Aggression, Time, and Understanding: contributions to the evolution of Gestalt Therapy*. New York: Routledge.
- Stevens, J. O. (1977) (Org.). *Isto é Gestalt*. São Paulo: Summus. (Original em 1975).
- Strachey, J. (1996a). Nota do editor inglês. Em S. Freud, *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (p. 67-71). Rio de Janeiro: Imago (Original em 1930).
- Strachey, J. (1996b). Nota do editor inglês. Em S. Freud, *Os instintos e suas vicissitudes* (p. 117-122). Rio de Janeiro: Imago (Original em 1915).
- Suassuna, D. & Holanda, A. (2009). *"Histórias" da Gestalt-terapia no Brasil: um estudo historiográfico*. Curitiba: Juruá.
- Tellegen, T. A. (1984). *Gestalt e grupos*. São Paulo: Summus.
- Wulf, R. (1996). The Historical Roots of Gestalt Therapy Theory. *Gestalt Dialogue: Newsletter for the Integrative Gestalt Centre*, November, s/p.
- Wysong, J. (2002). Prefácio à edição do *The Gestalt Journal* – 1992. Em F. S. Perls, *Ego, Fome e Agressão* (p. 29-33). São Paulo: Summus.
- Yontef, G. (2015). Considering Anger and Aggression: response to Skovgaard and Winther-Jensen. *Gestalt Review*, 19(3), 220-223.